

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO, LINGUAGEM E ARTE
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AUDIOVISUAIS – OLHO

NARRATIVAS URBANAS DE UM CAMINHANTE

Dissertação de Mestrado

Pablo S. M. Fernandez

Orientador: Prof. Dr. Wenceslao M. de
Oliveira Jr.

Campinas

2008

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

NARRATIVAS URBANAS DE UM CAMINHANTE

Autor: Pablo Sebastian Moreira Fernandez
Orientador: Wenceslao Machado de Oliveira Jr.

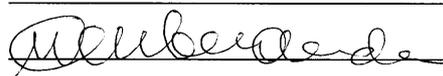
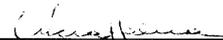
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Pablo Sebastian Moreira Fernandez e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 22 de Fevereiro de 2008

Assinatura:.....


Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Fernandez, Pablo Sebastian Moreira.
F391n Narrativas urbanas de um caminhante / Pablo Sebastian Moreira
Fernandez. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador : Wenceslao Machado de Oliveira Júnior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Fotografia. 2.Experiência. 3. Paisagem urbana. 4. Linguagem. 5.
Narrativas. I. Oliveira Júnior, Wenceslao Machado de Oliveira. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-085/BFE

Título em inglês : Urban narratives of a walking man

Keywords: Photography ; Experience ; Urban Landscape ; Language ; Narratives

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Júnior (Orientador)

Prof. Dr. Milton José de Almeida

Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Batista Gratão

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Martins

Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Duarte Paes Luchiari

Data da defesa: 22/02/2008

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : pablosmf_geo@yahoo.com.br

à minha mãe e ao meu irmão Caetano

Resumo

Perder-se, andar a deriva, vagar sem rumo, lançar-se de encontro à multidão, caminhar pelas ruas sem um traçado pré-determinado, movimentos do corpo que conduzem o olhar ao conhecimento e ao encontro das almas que habitam a cidade. Não uma cidade que se apresenta só em sua materialidade, mas como um lugar interior, imaginado, construído a partir das lembranças de quem a percorreu na infância, cidade que acolhe o acaso e o imprevisível. Assim, a fotografia e a escrita dos contos e dos ensaios desta dissertação são entendidas como modos de linguagem que se encontram e se complementam num diálogo, na intenção de criar narrativas a partir das experiências de quem hoje caminha e vivência as ruas do centro da cidade de Campinas-SP.

Palavras chave: fotografia, cidade, caminhante, lugar, experiência.

Abstract

To get lost, to drift loosely, without guidelines, to launch the researcher against the crowd, to walk on the streets without plans, to allow the body to guide the eye in the direction of both knowledge and the souls who live in the city: these are the objectives of this work. The city is not only studied in its materiality, but also as a place within, imagined and build from the memories from someone who knew it from childhood, one city that hosts both chance and the unpredictable. The pictures, the tales and the research itself are kinds of languages that meet and complete each other in dialogue, intending to create stories based on the experience of people who live and walk on the streets of downtown Campinas – SP.

Keywords: photography, city, walking man, experience, place.

Agradecimentos

À FAPESP pelo essencial apoio da bolsa de mestrado.

Ao Wenceslao Machado, professor e orientador dos mais competentes, e ao amigo sempre carinhoso e presente.

Aos professores Milton José de Almeida, Lúcia Helena Gratão e a Maria do Carmo Martins, por se entregarem com paixão a estas conversas e aos encontros.

A professora Tereza Luchiari por aceitar participar da banca.

Ao Henrique Parra e à Sua Dalbeida, pelas conversas sobre arte, política e poesia, pelas viagens e pela presença de alma nestes caminhos pela cidade.

Ao João Diel pela amizade, pela vizinhança acolhedora e pela atenta leitura.

Aos companheiros de outros caminhos: Eduardo Marândola, Kellen, Camila Linhares, Carol, Allan, Ignez, Denise, José Mário, Fernanda Cristina, Mellina e ao Léio, pelas trocas, trabalho e interlocuções.

Aos colegas do grupo de orientação que se transformaram em bons amigos: Rodrigo, Adriano Picarelli, Frederico, Diego, Glauco, André (pela montagem da exposição), Ana Maria, Paulo Henrique, Carlos e Elaine.

Aos amigos de Campinas que me acolheram sempre: Juan e Ioli, Vanessa, Marcelo e Bento, Claudia, Marcelo e Luiza, Tati, Abel, Alessandra, Raphael e Viviane.

Aos amigos de sempre: Edmar, Bárbara, André Luis e Janissa, Renato, Letícia, Jorge, Daniel, Kodiak, que mesmo longe sempre estiveram presentes.

Ao pessoal do Museu da Imagem e do Som por acolherem as fotografias: Isabel Delamain, Cléber Moura Fé (pelo trabalho e presença), Orestes e todos os funcionários.

Aos companheiros de geografias: Vicente, André, Marcelo, Flávio, Solange, Mário e Thiago.

Aos vizinhos, personagens e moradores da rua Cônego Cipião e do centro de Campinas: Rosa, Davi, Jucinaide, Juarez e sua família, Seo Roberto (em memória), Seo Cleto e família, Seo Dino, Luis e sua família, Valda, pessoas que me apresentaram a uma cidade que desconhecia.

A minha família, que sempre me apoiou, cuidou e me deu motivos para continuar.

*Deixe-me ir preciso andar,
Vou por aí a procurar,
Sorrir pra não chorar
Se alguém por mim perguntar,
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar*

Cartola / Candeia.

INDICE

página

Um encontro... retorno a cidade

1

Fotografias urbanas de um caminhante

- 3 portas...

8

- Primeiros caminhantes

11

- Chuva

19

- Sonhos do caminhante

30

- Bar do Dito

36

- Crepúsculos (Pontilhão)

42

Sobre como andar pelas ruas de Campinas

- Em busca de uma Campinas perdida

49

- O caminhante e suas ruas

53

Trabalho, correria e meios do sobreviver

- Corta-se cabelo por 4,99 R\$

62

- Os recicláveis

65

- Bar Estrela

68

- Pela rua Álvares Machado do Terminal Central ao Terminal Mercado

72

Alguns lugares, alguns personagens

- Os dois bons homens

80

- Encontro no boteco

83

- Camelódromo

90

- Vagens e paqueras

91

- Um rei

95

- Rua Cônego Cipião, n. 290

96

V

Caminhar e fotografar: o lugar da pesquisa e a pesquisa do lugar	
Um lugar feito no caminhar	102
O caminhar e a experiência	115
A fotografia como linguagem do caminhante	123
Fotografias de sonho, imaginando os lugares	129
O lugar nos retratos	138
Bibliografia	148

Um encontro... retorno a cidade

*Vejo os gerânios murchos
e a cidadela arde em grossas chamas*

Zeca Baleiro. Não tenho tempo.

Retornando hoje às ruas desta cidade, acabo percebendo que estas não são mais as mesmas de quando por aqui caminhei pela primeira vez, quando criança. Deste retorno, lembro que me vi, num primeiro momento, como o interiorano que se depara pela primeira vez com uma cidade: boquiaberto, impressionado, fascinado.

Agora já num segundo momento começo a desfazer esta imagem e fico a pensar no que é habitar esta cidade, como habitar estas ruas hoje tão próximas e íntimas de meu corpo, de minha alma e de meus pés.

Aquilo não estava ali! Lembro-me que nesta esquina havia uma mercearia, uma padaria ou qualquer outro comércio onde sempre parava para um lanche. Do hospital visto agora lembro só destes portões adornados em brasões e ferro. Desconfio, pois naquela época suas fachadas não eram de vidros e espelhos.

Apaziguo-me por um minuto quando noto de olhar enviesado aquele boteco e aquele bêbado que ainda ali resistem. Adentro, e as imagens também me são próximas: o sorriso deste senhor atrás do balcão, o cheiro de pão com manteiga na chapa, as vozes de pessoas debruçadas no balcão. Saio e atravesso a rua indo a outra calçada, do outro lado da rua.

Caminho sozinho, e ao entrar no meio das pessoas é que percebo que estas não se encaram, não me olham, somente desviam. E eu a desviar apenas dos carros, que lentos diante do trânsito acionam buzinas a expressar o incômodo de seus proprietários. Sigo caminhando a me deixar ser guiado pela cidade e não encontro o olhar das pessoas. Encontro (algo) que a meu ver parece não ter significado no meio da massa, lugar onde impera a impessoalidade, em cada ultrapassagem ou, quando de encontro, desviam-se à direita, automáticos como os carros.

O que me chama a atenção é uma diversidade de meios pelos quais as pessoas ampliam toda distância possível, para evitar qualquer forma de contato do olhar, ou

simplesmente para que se escondam em seus lugares interiores. De olhos fixos nestes aparatos, são telefones celulares, fones de ouvido dos rádios portáteis e players, óculos escuros, relógios de pulso. Caminham sem olhar para frente, sem encarar a cidade ou as pessoas, como se estes aparatos tecnológicos fossem uma espécie de bússola, onde cada uma aponta para um Norte, nunca o mesmo. São poucas as pessoas que vejo se relacionando face a face, geralmente andam juntos, dando risadas, conversando, indicando algum laço de intimidade proveniente de outros lugares.

Reparo em meio a esta agitação numa criança no colo de sua mãe, ela caminhando e ele encostado nela de barriga. O olhar da mãe é para frente, a criança olhando para todas as direções, para o que passou, para o alto, para o movimento, para mim. Solta risos, lança gritos de excitação, balança os braços e seus olhos encantados brilham de curiosidade pelo mundo.

Este olhar infantil me toca, e me pergunto quais sentidos este olhar tem para o caminhante. Uma postura, uma possibilidade para o encontro é o que me diz esta criança. Um modo de olhar para o mundo, a cidade vista por um olhar ainda alado. Talvez a partir desta criança consiga entender a imagem criada pelo poeta Baudelaire ao se referir ao pintor Constantin Guys como sendo um homem-criança, um homem dominado pelo gênio da infância, onde a sensibilidade ocupa quase todo seu ser. Diz Baudelaire que a criança é quem “vê tudo como *novidade*; ela sempre está *inebriada*. Nada se parece tanto com o que chamamos inspiração quanto a alegria com que a criança absorve a forma e a cor¹”.

Deste olhar infantil e deste modo de estar no mundo como homem-criança, a curiosidade torna-se propulsora do caminhar, do encontro, da escrita. O olhar curioso é que conduz o caminhante aos mistérios, aos cantos desta cidade, olhar guiado pela imaginação, pela paixão, pelo fascínio, inspiração como movimento de trazer para o interior de si a alma do mundo.

É este olhar que hoje creio ser o caminho para os encontros de alma, aquilo que agora entendo como sendo a experiência. Durante o texto, adiante, deixarei mais clara esta idéia, mas adianto que este encontro é aquele que se dá com o desconhecido, com o outro, com as coisas do mundo que achamos banais, com aquilo não previsto. O

¹ Baudelaire, Charles. Sobre a Modernidade. p.18. 1996.

que proponho nestas palavras é mostrar um sujeito que se coloca aberto a suas possibilidades, e a curiosidade da criança é o que melhor expressa esta postura, esta condição de aprendiz.

Um olhar que não segue uma rigidez como a da cidade de formas perfeitas, mas um olhar que chega a ser indisciplinado, mais da sensibilidade do que da razão, olhar que se interessa intensamente, que conduz o corpo e as pernas pelas ruas de uma cidade feita de imaginação. Cidade que imagino como a terra distante, o lugar desconhecido, nunca visitado, cidade em que chega o estrangeiro, onde sua desorientação torna-se um caminho para encontrar cantos escondidos, ruas misteriosas, imagens que não estão na paisagem da superfície. Aqui o mapa da viagem se constrói a cada passo, no caminhar que não é certo, que não sabe aonde vai chegar.

Prossigo nesta calçada e em meio a esta multidão. A criança passou e me encarou, se foi me deixando um jeito de olhar para as coisas. Continuo a observar a cidade em meio à multidão, e após este encontro me sinto só, nenhum outro olhar me nota. Fico inquieto com a ausência de olhares, fico perplexo diante destes poços vazios e estes rostos sem expressão. Onde estariam os abrigos para a alma e para o olhar deste estrangeiro. Em desespero tento criar uma paragem, um lugar onde poderia encontrar quem vejo e ao mesmo tempo ser visto, onde pessoas possam se encarar, se olhar nos olhos.

Este lugar em meio à multidão não se dá exatamente na pausa do corpo, mas no olhar que admira e encontra “a eterna beleza e a espantosa harmonia (...) tão providencialmente mantida no tumulto da liberdade humana²”. Aqui, pessoas continuam apressadas, fugidias, olhares cerrados correndo atrás do tempo que se perde. Tempo não só do dinheiro, mas da sincronia e da disciplina do trabalho³, da produtividade, da velocidade, e também da monotonia, do que se repete. A indiferença que sinto no olhar destas pessoas é o que me violenta de modo profundo, e chego a sentir que caminho por entre almas penadas.

² Baudelaire, p.22, 1996.

³ Thompson, pp. 267-304, 1998.

Diante deste tempo da aceleração, é o olhar que cria a pausa, o outro tempo que não seja o da máquina, tempo de criação de outros lugares que não os que estejam expostos como paisagem mercadoria na cidade. A criação destes lugares carece de algum tempo, não o tempo utilitário, mas um tempo do padecer, dos desejos, do permanecer exposto às intempéries. Os encontros com estes lugares que abrigam a alma serão revelados adiante como possibilidade de experiência aos olhos que não a esperam.

Este olhar que busca o encontro é também um rico manancial de imagens quando me proponho a encontrar as silhuetas e as fisionomias que em movimento adquirem uma só forma: a de multidão. Alcançar singularidades em meio a esta massa caminhante, tentar encontrar algum rosto conhecido. Para esta empreitada reservo e ofereço meu melhor rosto, e percebo que tal atitude é vã, pois as pessoas continuam passando e sem expressar alguma reação. Sou tomado por um desespero momentâneo quando vejo que esta multidão se parece com um exército, com suas posturas e passos sincronizados, um padrão de marcha que os iguala.

Ouçõ pedaços de conversa, esbarro em algumas pessoas, reparo nas vestimentas e nos modos de andar, consigo reparar nestes rostos apagados sentimentos distintos, mas que são próximos, repetidos entre eles. O que prevalece nestas faces é uma agonia, a exaustão, o cansaço, a solidão.

Tento encontrar motivos que me esclareçam esta condição e levemente considero o tempo do trabalho na máquina como um dos motores que conduzem estas pessoas em aceleração como se fossem locomotivas. São passadas largas e coordenadas, pouco criativas e que se repetem sempre a buscar algo que não chega, a única coisa certa é que a noite logo chegará.

Dentre tantas motivações para este caminhar mecanizado e sem reflexão, indicaria ainda um modo de produção que se expressa na própria cidade, vindo a refletir em suas ruas a racionalização e a massificação das relações humanas. É uma cidade que não mais abriga o corpo e a alma das pessoas, mas sim um excesso de informações a serem consumidas e acumuladas e que não são digeridas em tão pouco tempo.

É esta massificação que tem condicionado a vida humana ao tempo em que as mercadorias são produzidas, é também o que distancia as pessoas dos lugares da cidade. Massificação do sujeito e objetivação dos caminhos que agora são milimetricamente calculados, traçados, desenhados a partir de suas funções econômicas. O controle, a racionalização e a organização funcional dos lugares. É a técnica se apresentando disfarçada de arte, a arte de se fazer cidades, de se criar lugares e de se economizar tempo.

Diante destas armadilhas postas à experiência, enxergo um desvio ou erro o caminho labirinto: aquele que conduz a alma por caminhos que aprisionam. Atravesso fora da faixa de pedestres, ando em movimento contrário a multidão, a acompanho quando bem entendo e quando sinto necessidades crio a pausa. Olho nos olhos das pessoas e quando não saciado persigo uma nova presa. Não seguirei por estes caminhos que são como um aprendizado imitativo, como decorar uma frase para depois citar com toda pompa do superficial. Rejeitarei estes caminhos perfeitos que me ensinam a utilidade das coisas, o valor, o funcionamento, a certeza.

Opto por qualquer possibilidade de insegurança estando nas ruas deste lugar que agora chamo de cidade. Estar na condição de Outro seria um dos primeiros passos, propor a exposição aos riscos, aos medos, e não apenas àqueles que se referem a qualquer fragilidade ou vulnerabilidade do corpo. O risco é aquele de não mais sair deste labirinto da cidade dominante, cidade que se parece com um saber escolarizante que nos fora apresentado como algo necessário e indispensável à nossas vidas.

Penso assim na imagem daquela ruazinha que antigamente fora beco, com seus paralelepípedos e seu atraente casario em ruína, o seu mistério talvez resida numa dignidade em lembrar a todos do tempo que já foi, do que já passou. Engraçado é que todas as vezes que estive a admirá-la, as pessoas que passavam por mim diziam em alto e categórico tom as mesmas palavras: - Que lugar feio! - Não se tem nada para ver aqui! Pareciam dirigir a palavra a mim, mas nunca me olhavam nos olhos. Eu ali sem tristeza nem culpa pelos pesares alheios me via como a paisagem velha, como algo

amedrontador, algo a ser evitado. Lembro agora desta paisagem e acredito que ela apresenta a imagem do outro, aquele que traz a idéia do desconhecido, o estrangeiro que atravessa as fronteiras definidas como certas por caminhos não previstos.

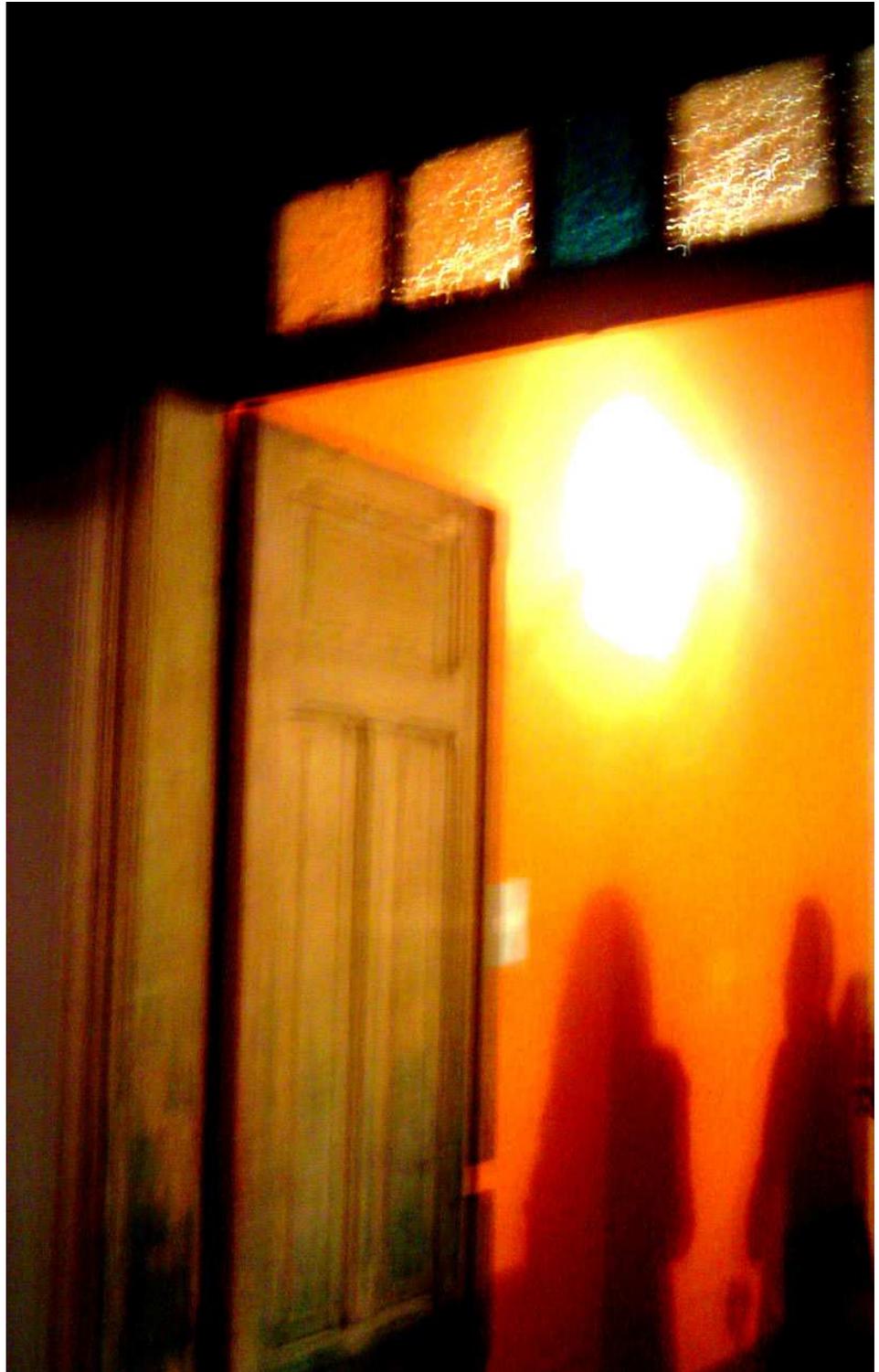
Colocar-se como estrangeiro estando na própria cidade em que se habita, esta é a força inspiradora que me guia agora. A imagem do estrangeiro que chega de terras distantes, trazendo a novidade, o mistério da criação e do que não fora imaginado, seus deuses e seus altares. Que sejam as imagens deste lugar uma das forças desta escrita acadêmica – já tão impregnada com resquícios da disciplina e de racionalidades – que possam ser espaços para o erro e para a incerteza. Expressões que conduziram meus passos por estas ruas de hoje a espera de alguma possibilidade de experiência.

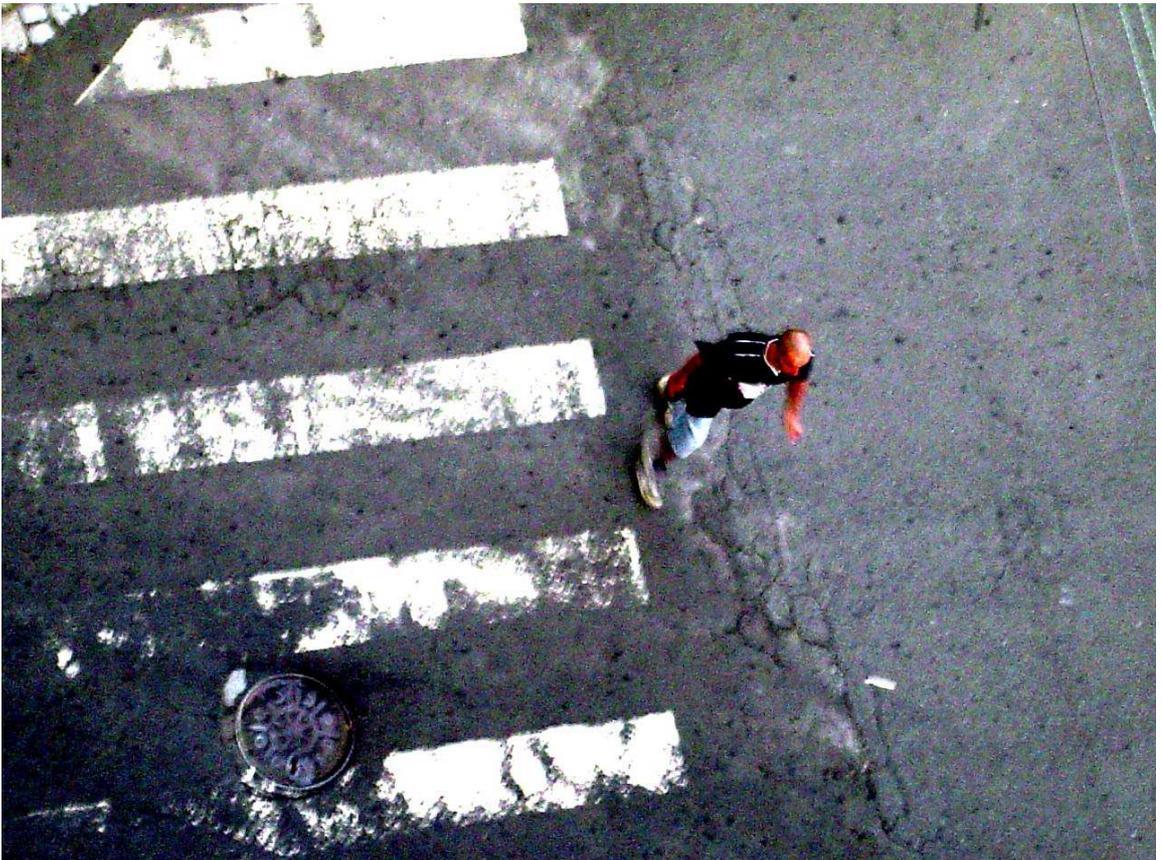
Fotografias Urbanas de um caminhante



3 Portas...





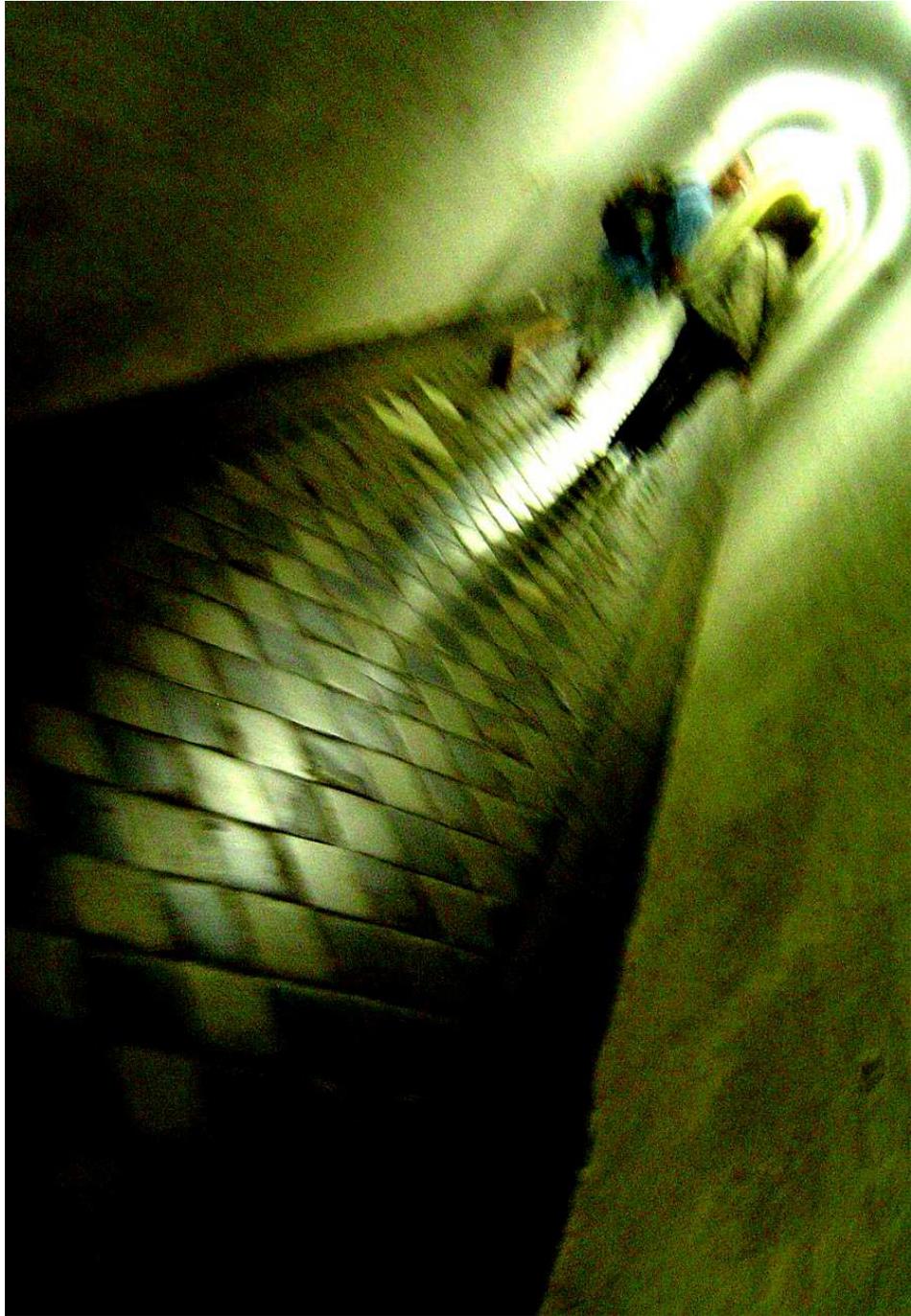












tonalidades do céu (cinzas, brancos, azuis e as vezes um amarelo suave)

Aguaceiro...

*Uma incerteza hídrica assola os passantes destas ruas
Nem a moça do outdoor escapa de ter sua beleza encharcada
O vento também... atira com violência no corpo de um caminhante
fere sua pele.
Ele se abriga debaixo daquelas telhas.
espera... pretende prosseguir.*

*A tempestade (chuvinha) vai passando, já passou.
Ruidosa, chateada por retirar-se, sair de cena
Intempestuosa, não fica feliz em deixar lugar para o fim de sol
(ou para a lua e as estrelas).
Enquanto isso, carros-barco empurram suas partes para o ralo...*

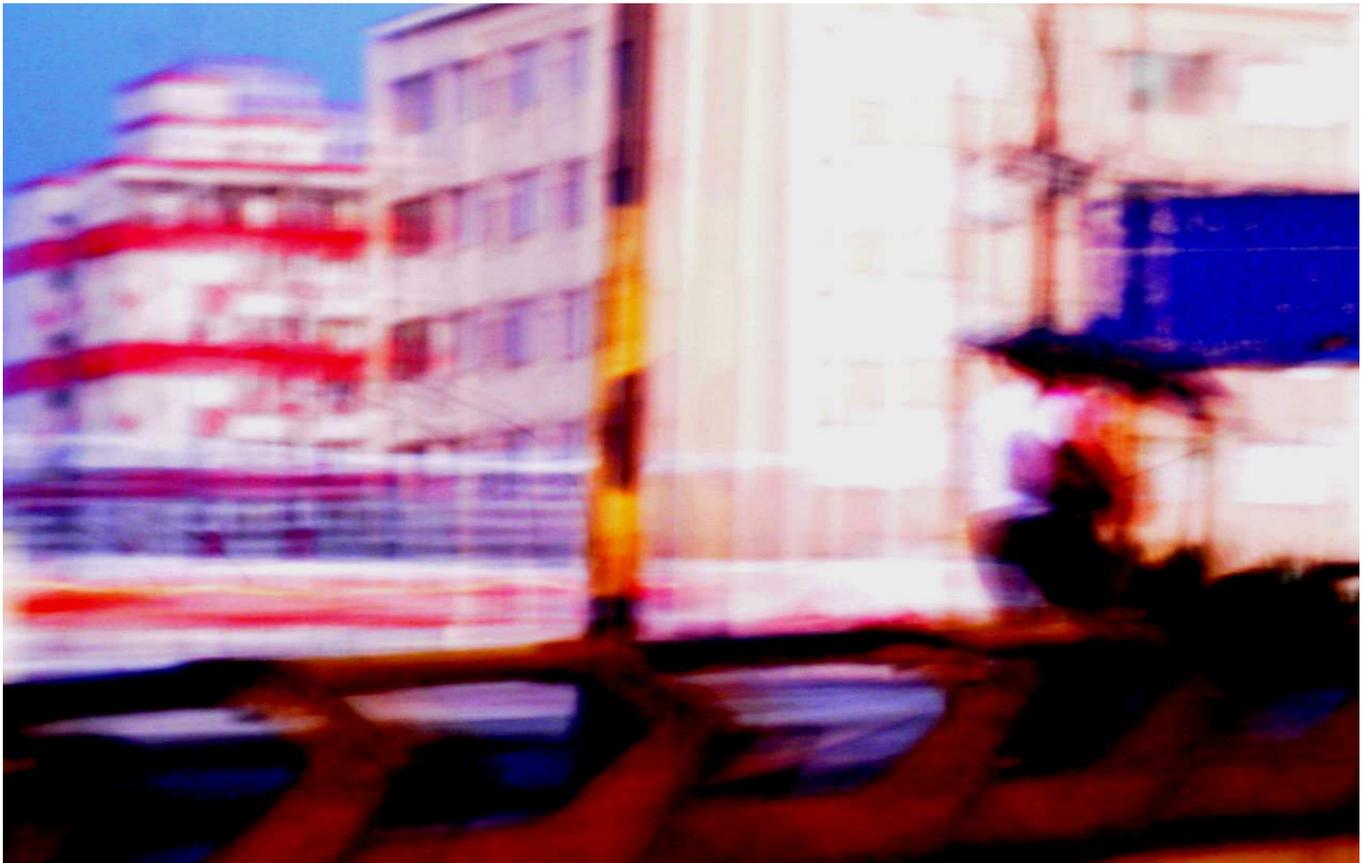
*Ele, após tal espetáculo, se vê em ruas
De água, com facetas de lago, rio, charco
Tenta agora aproveitar a calma destas... águas celestiais
imaginando que estas o aguardam para outros percursos,
Segue como a água por caminhos incertos, sinuosos, desconhecidos
Eis que o lavar, o banhar, o benzer... se tornam deleite*

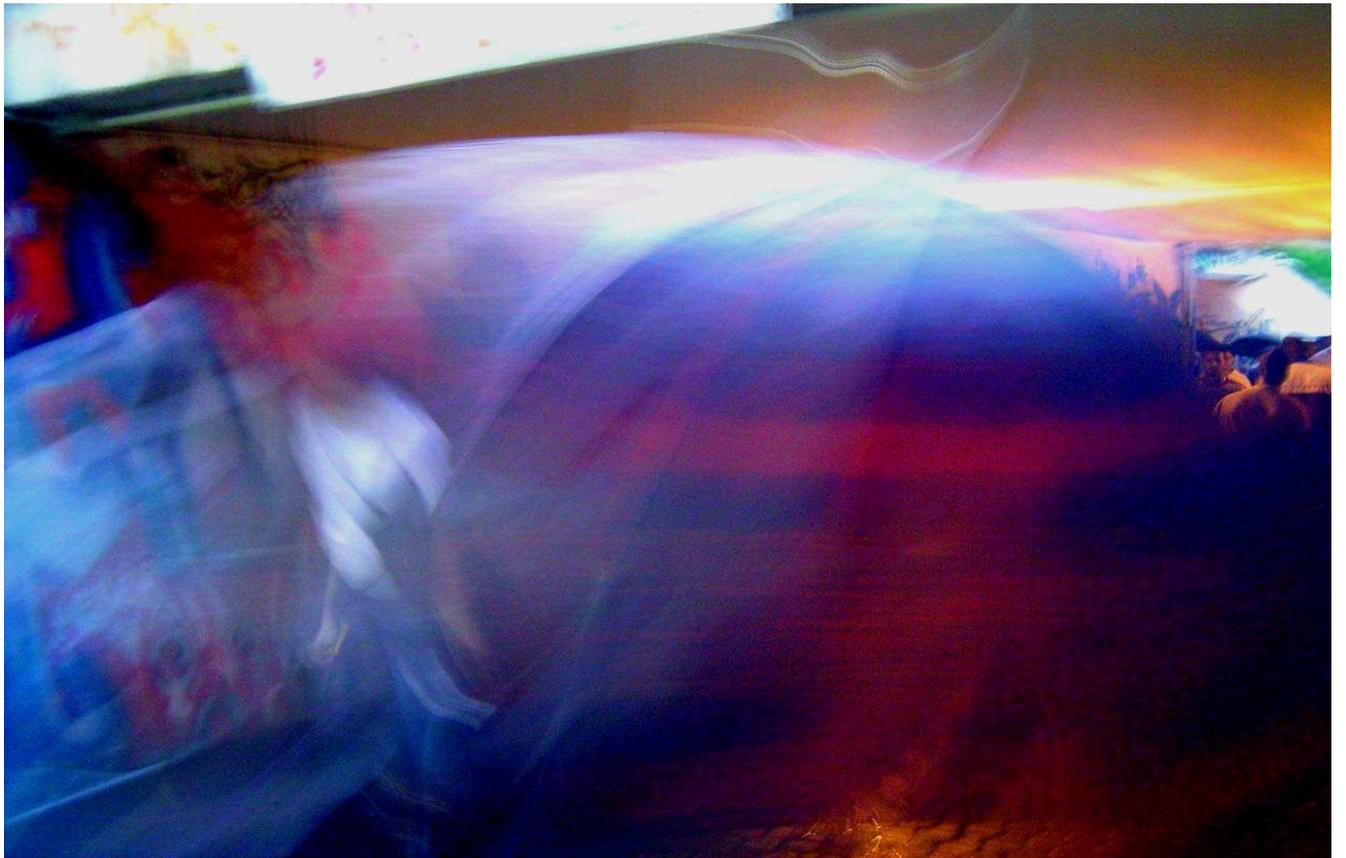
*O que vê nestas águas?
O que busca com este caminhar?
O que pretende estando a se fluir cidade?
Perguntem a seus pés molhados ou a sua alma úmida
acredito que estes o entendam
ou talvez nem queiram entender se fingindo desentendidos
São seus cúmplices*

Verão de 2006.





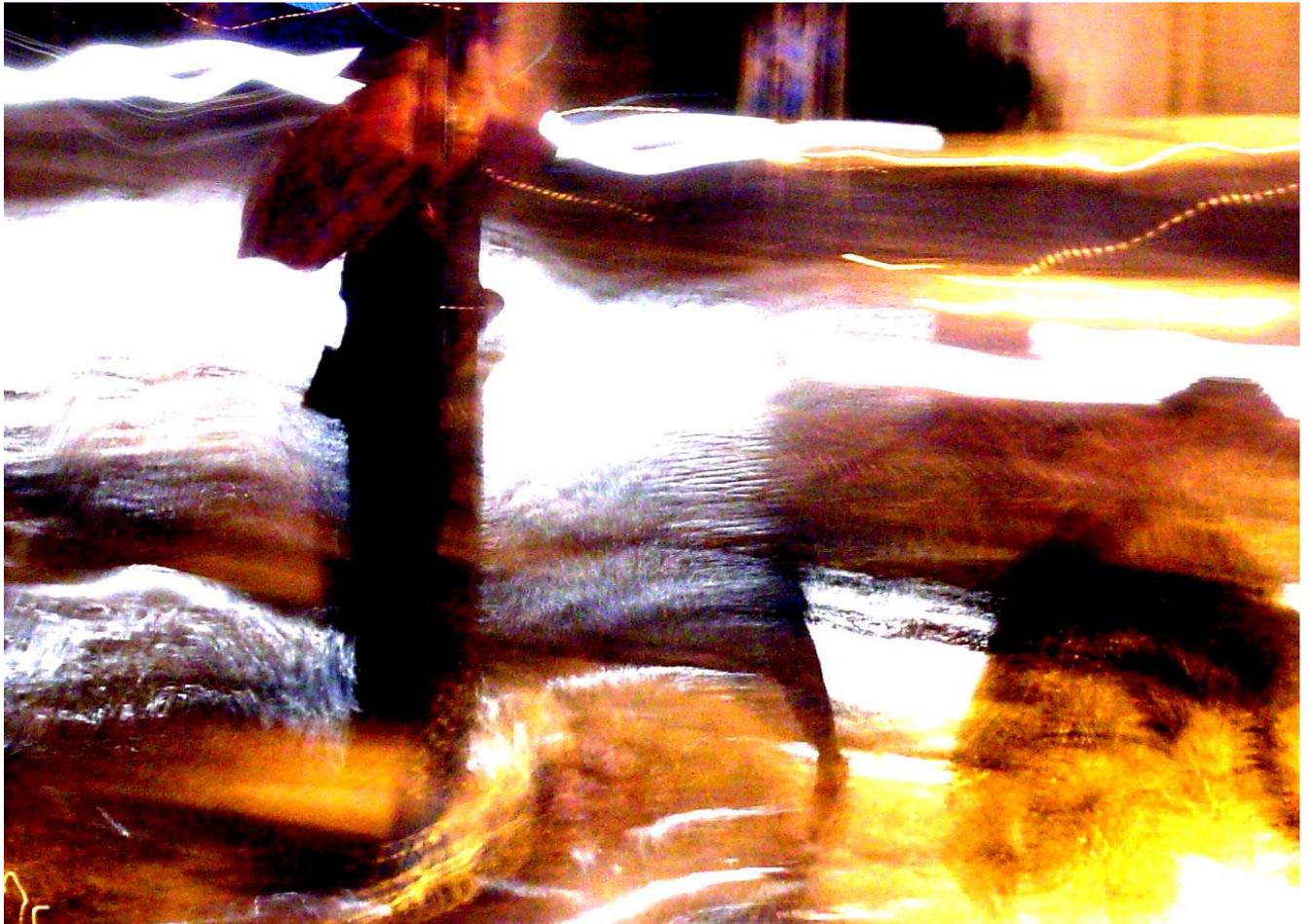


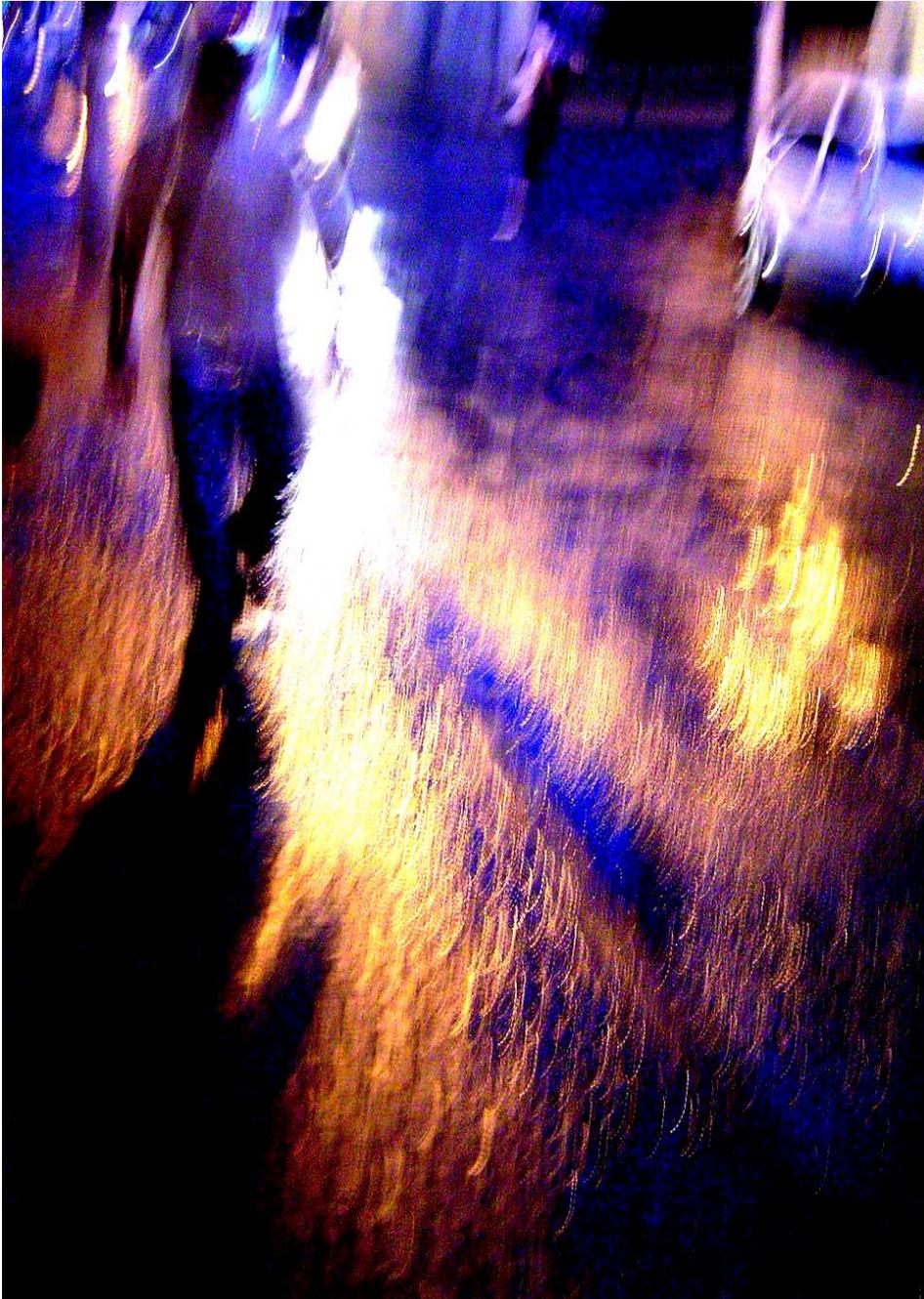


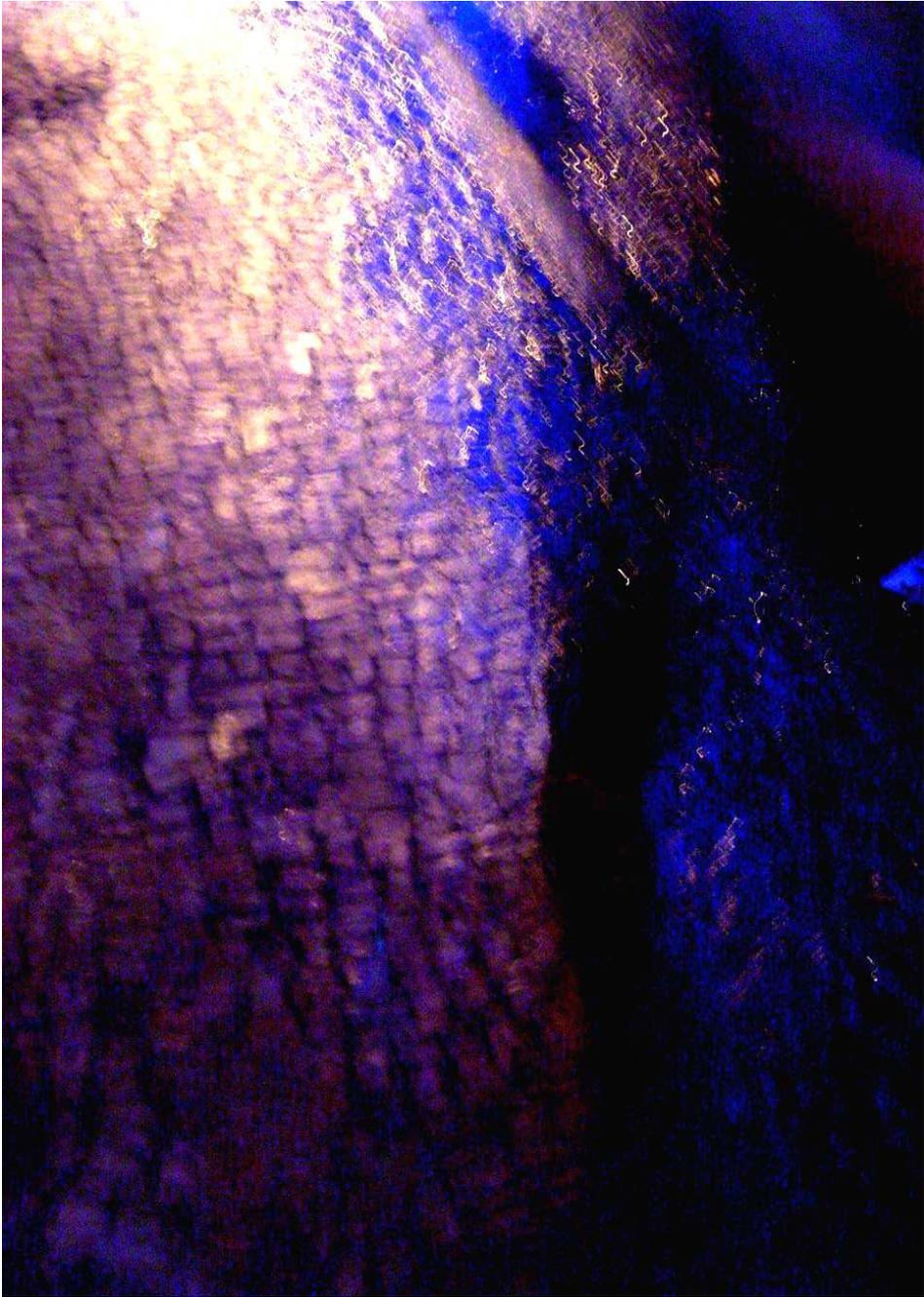










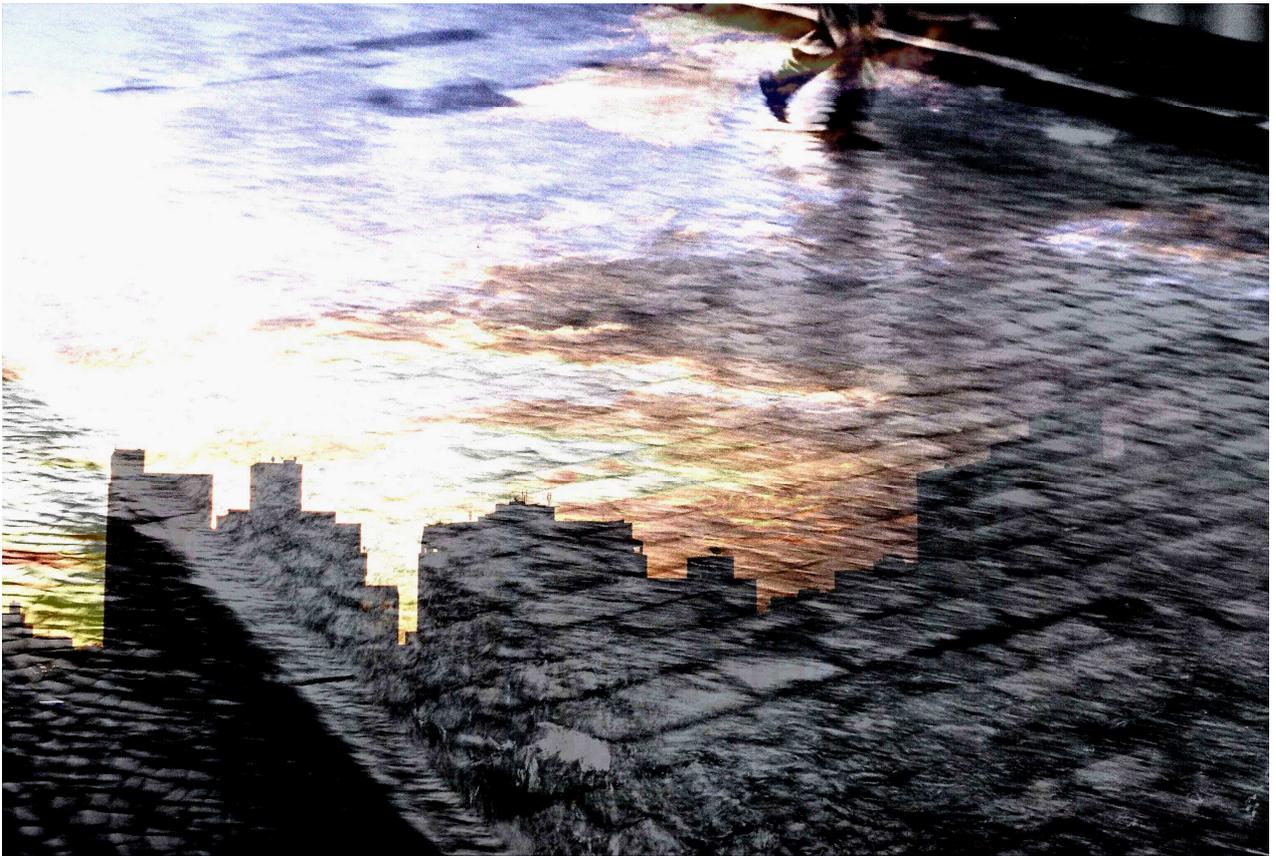




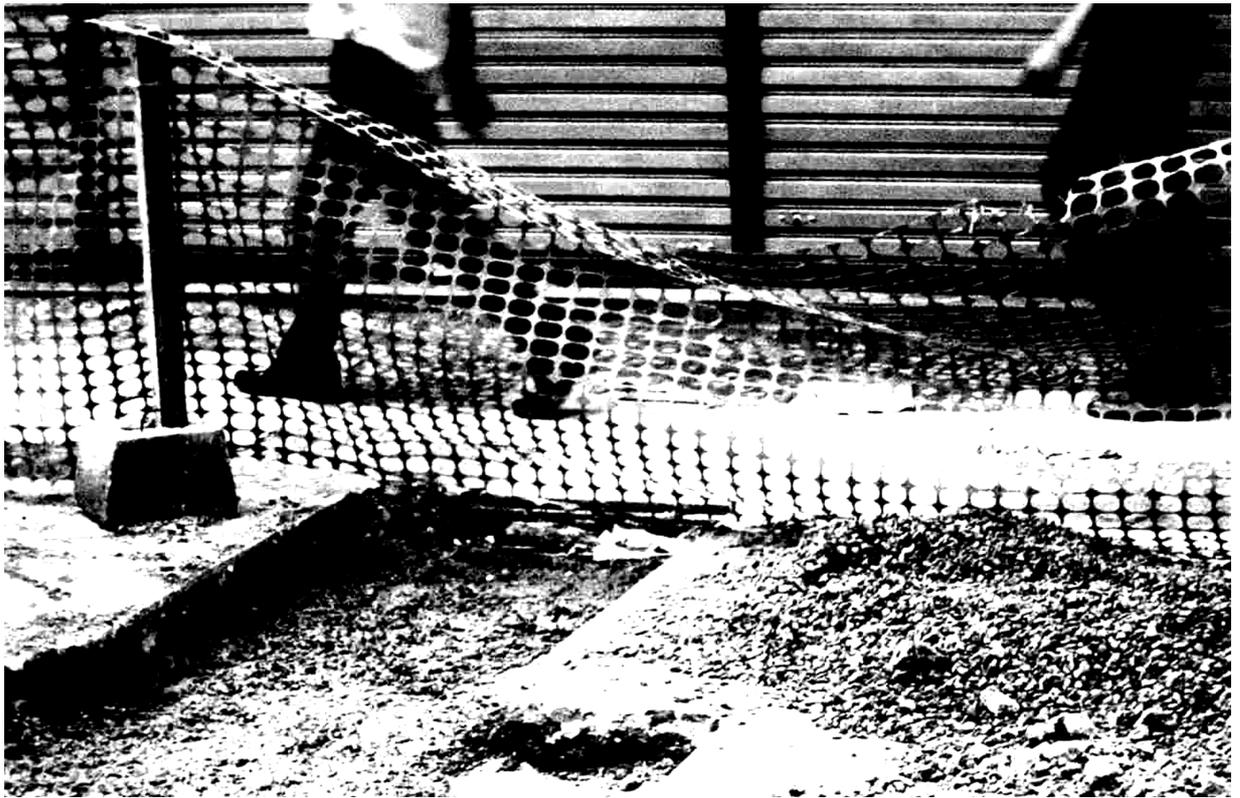
#1



#2



#3



#4



#5



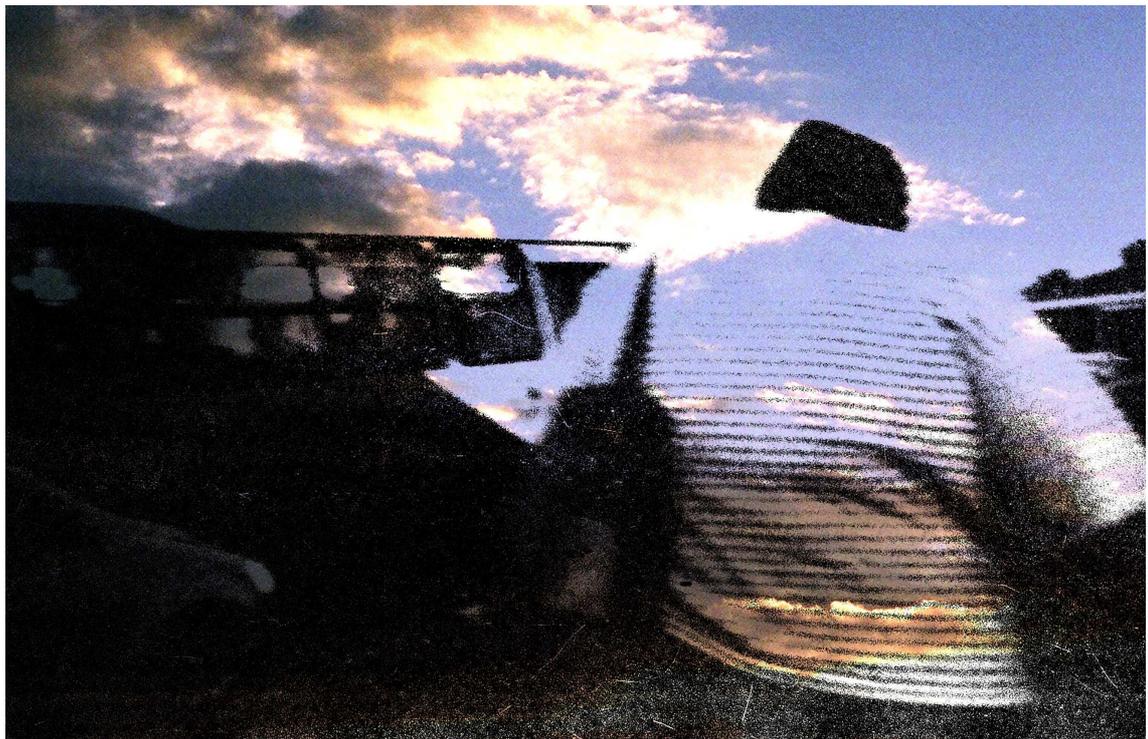


















Sobre como andar pelas ruas de Campinas

Em busca de uma Campinas perdida

Para Dalton Trevisan e Jorge Luis Borges⁴

Tento aqui falar de uma cidade que aconchega hoje alguns de meus sonhos
Uma cidade inquieta, dos arroubos sentimentais e do caminhar que se perde,
da ordem desfeita, das incertezas que se lançam na alma e tocam o corpo
A cidade feita num suspiro, nos pés que caminham, no ser tocado pela chuva

Falo não da cidade Campinas feita de ferro, cimento e vidro
em sua pose encantada de monumento que só vejo em desencanto
Mas falarei de uma cidade feita de pessoas e suas vidas, de tristezas, alegrias,
de sonhos, paixões, tensões, sensações tantas. De um burburinho que a habita

Campinas não a do antigo pouso bandeirante no caminho do sertão
Mas a das campinas que circundavam os três correquinhos sinuosos e vivos
E que hoje em dias de chuva tentam se mostrar aos habitantes esquecidos
de sua existência quase domesticada em tubulações subterrâneas

Esta cidade que viajo pode ter sido a terra de bandeirantes, de pioneiros,
de imigrantes que aqui fizeram pátria, de empresários ou de políticos
Vejo esta lista de ilustres que fizeram sua História e sinto a falta dos que foram
escravos, os miseráveis que vieram e não conseguiram nada.
Esta cidade que busco às vezes aparenta ser a mesma do esquecido africano Elesbão,
enforcado e esquartejado ali no antigo Largo da Cadeia.

Não vejo a Campinas do Progresso e de modernismos que gerou a riqueza
Progresso tão exaltado no entoar do hino de Carlos Gomes, filho teu
Progresso que se apresenta agora num brasão como a fênix renascida.

⁴ Esta escrita é inspirada livremente em Dalton Trevisan no conto “Em Busca de Curitiba Perdida” (1974) e na poesia de Borges em sua “Fundação Mítica de Buenos Aires” (1998).

Já morrestes alguma vez? De que mal foi?

Em tuas bandeiras só não vejo teus luminosos becos e suas ladeiras de sonho
Quantas belezas ainda esconde em seu manto de princesa?

Deixo a Campinas nostálgica para inglês ver, com seus atos e fatos heróicos
Tempos românticos que são tão exaltados por sobrenomes e instituições daqui
Prefiro mesmo a cidade que se apresenta nas lembranças do senhor que desabafa
enquanto sorve um café ali no boteco pé-sujo da esquina.

Dizendo dos flertes e dos tantos namoros nascidos no percurso do bonde,
Do tempo em que se podia caminhar sossegado pelas ruas,
ou da época em que até automóvel dizia bom dia!
Diz que suas palavras não são pra reviver o passado, mas sim pedem por viver mais
cem anos. - Podia né meu filho!

Não a cidade das ruas aristocráticas e masculinas
Com seus barões (ou varões!), coronéis e generais
Doutores e senhores avenidas que nem se fale
Prefiro mesmo a cidade das ruas de outrora, de nomes e adjetivos femininos
“Das flores, das casinhas”, deserta, alegre”. Viajo por estas ruas de tradições outras.

Assim deixo esta Campinas por outras campinas
Caminhando por estes espaços que ainda me deixam ver o crepúsculo
Mesmo que para isso tenha que desviar os olhos dos prédios e da fumaça
Não a Campinas em singular de cidade, mas a plural, das vidas, das cores, das almas.

Não mais a terra das andorinhas clamada por Rui Barbosa
Mas das cinzas e sedentárias pombas a arrulhar e ciscar o milho esmolado
Outros ventos, outra rotas. Desdenharam desta terra?
Hoje só se apresentam a voar nos mosaicos de pedra das calçadas!
E ali na praça sentada no banco, a velhinha continua a jogar suas pipocas murchas.

Não a Campinas onde o asfalto é sinal de civilidade e progresso
Mas as campinas das ruas em paralelepípedos desnivelados quase côncavos
De ruas que não mais se chateiam com os insultos lançados por carros
e por motoristas apressados a chacoalhar desajeitados

Não a Campinas onde o automóvel foi (é) sinônimo de animação e elegância
Mas as campinas que fugiam do “automóvel maluco”, o “mata cachorros”
De ruas agora mais perigosas, inseguras com seu ritmo que acelera,
dos violentos rasgos de asfalto em sua terra a acolher as neuróticas máquinas
Quem te perguntou se tu querias ruas mais largas e calçadas menores?

Não a Campinas de fé de Dom Nery entocado em pedra diante sua paróquia
Mas as campinas dos Encontros Livres de Religião e seus senhores de boina
realizados ao ar livre no largo atrás da Catedral, quem quiser que se achegue,
com seus debates filosóficos acalorados, se pode expressar qualquer crença.
Um cover de Jesus, em manto roxo, ali conversa com um metaleiro e um punk de preto.

Sim, as campinas musicadas na roda de samba, no choro e nas serestas
no rap e no Hip Hop a ser levado pelo vento das bancas do calçadão
Do sertanejo e do forró brega a animar o carrinho do catador de papelão
com seu rádio portátil, em cada parada uma nova festa que se inicia
para o desespero da vizinhança indignada a chamar a policia pelo barulho.

Não a Campinas musical das casas noturnas do lado de lá da Glicério
Mas aquela que surge em qualquer praça, ou até debaixo da ponte.
No ecoar dos tambores da macumba, ou no canto gospel dos templos,
tem o pandeiro, a viola, o cavaquinho: uma sinfonia a adensar meus sentidos
Musica para sentir, não só ouvir. Nestes sons eu viajo.

Falo mesmo das campinas vividas da infância nas viagens no trem noturno
Quem imaginaria que estes caminhos fossem como a escola, um aprendizado

Onde uma estação de trens se transformara num mundo revelador.
Tantas faces, sotaques, tantas vozes diferentes, tanta pressa, um universo à parte
Por estas campinas eu sonhei, e continuo a sonhar
Só que agora as trago marcadas no peito, como uma avenida em minha alma.

Nestas campinas caminho hoje
Caminho por esta “Princesa Destronada” chamada Campinas
Ela me viaja
Elas me viajam, eu viajo.

O caminhante e suas ruas

Um notável cidadão desta cidade disse certa vez que uma rua de poeta seria aquela *reta, quieta, discreta, direita, estreita, bem feita, perfeita*⁵. Pois é, sem criar polêmicas ou ironias vazias, digo que não desaprovo tal sujeito, muito menos discorde de suas palavras. Diria apenas que minha rua é um pouco distinta. Não o conheci, não conheci a cidade que ele habitou, e por isso não os desprezo. Só gostaria de expressar que a rua em que minha alma habita, onde moram meus desejos e incertezas, é a rua dita no plural: são ruas sinuosas, errantes, desordenadas, de belezas singulares e que em alguns momentos não nos levam a lugar algum como a poesia que vejo na cidade.

Vejo um certo tédio nas ruas de linhas retas, rua sempre fácil de organizar, aquela que se olha do início até o fim sem grandes arroubos ou surpresas, são caminhos feitos e fundados numa ilusão de perspectiva. Sinto-me as vezes vigiado ou por estes anjos entocaiados ou por este relógio que hipnotiza dependurados no alto desta igreja referência que se vê de leste a oeste, de oeste a leste.

Que seja a linha reta uma forma de aprisionar os pensamentos mais livres numa métrica da exatidão, do espaço bem aproveitado, melhor utilizado. Penso o processo de criação, a inspiração que assola o poeta, como algo que lhe tira do chão, que o inebria, tem algo de incerteza, de confusão e que não prima ser a perfeição. Olho e encaro o poeta Fernando Pessoa, um poeta que recentemente descobri dizendo que “tristes são as almas humanas, que põe tudo em ordem”⁶.

Me pergunto por que não as ruas curvilíneas, as enladeiradas, os becos, as que se parecem rios com seus meandros a ziguezaguear, um tipo de rua que ao existir já subverte a reta. São repletas de encantos e encantamentos só que precisam ser

⁵ Extrato do poema A rua das rimas de Guilherme de Almeida. In: Folder Homenagem a Guilherme de Almeida. PMC: Campinas. Agosto de 2007.

⁶ [...] Que traçam linhas de cousa a cousa, Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente [reais, E desenham paralelos de latitude e longitude. Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do [que isso!]. Fernando Pessoa. In: Alberto Caiero. 1993, p.117.

percorridas num movimento de alma, são ruas de inspiração e transpiração que conduzem nosso jeito de olhar e falar das coisas e dos lugares que habitam o mundo.

Não sinto muita confiança nestas ruas de expressões apáticas que se comportam como obras de arte, não me deixam olhar nos olhos, pois se escondem atrás dos espelhos da técnica e da racionalidade⁷ que tenta domesticar a cidade e a vida daqueles que a habitam. Se parecem com aquelas sufocantes fotografias de paisagem, onde a câmera é quem imprime sua razão e apresenta o lugar como sendo ele mesmo nos deixando quase sem ar. Sinto um incômodo com aqueles que dizem e pensam que, para falar sobre estas ruas lugares, deve-se por questões morais apresentá-los de modo realista, de maneira exata, sem omitir nenhum centímetro de asfalto, se não este lugar não existe! Perguntaria a estes, qual seria o jeito que poderíamos falar de uma cidade que não esta aparente, como falar das cidades que habitam os homens e seus destinos? Talvez necessitem de um tempo para pensar.

Tentaria ser sincero com estes defensores da linha reta, dizendo que do muito exato eu desconfio, e me sinto oprimido com a arbitrariedade daquilo que se diz racional ou real. Quem diria que este excesso de razão tentaria apagar a cidade das paixões e dos sonhos, como Haussmann fez com a Paris de 1860⁸. O engenheiro da cidade que busco nada mais é que o meu sentimento, minha dor, o encontro com o outro, o encontro com as memórias da infância.

Como é prosseguir hoje por vias tão alinhadas e ordenadas, se busco uma poesia que parece ser não civilizada e consegue ainda habitar estas mesmas ruas, lugares, a cidade? Penso neste caminhar proposto como movimento que conduz o olhar da poesia, não sendo este um olhar monótono, olhar que se cansa rápido, mas sim que alimenta a imaginação a cada rua tocada, onde cada travessia, curva, entrada, passagem se revela como uma voz que nos chama, o entrecortar por entre estas vias seja algo desconhecido, assim deixar a paisagem se revelar como um estado de

⁷ Benjamin na obra das passagens no bloco E – Haussmanização, diz: “A preferência de Haussmann por perspectivas representa uma tentativa de impor formas artísticas à técnica (urbanística)”. 2006, p.167.

⁸ Idem, p.166.

espírito⁹. Aqui para subverter a lógica da cidade em linha reta se torna válido o andar em ziguezague burlando os caminhos pré-estabelecidos, criar caminhos que talvez não levem a lugar nenhum só à satisfação e ao prazer de percorrer um percurso. Aqui o caminhar errado desconsiderando qualquer disciplina espacial (errado no aspecto da trajetória, pois o sentir e o perceber o corpo que caminha é fator de equilíbrio) pode se tornar um ato político, poético e artístico.

Neste caminhar que tenta ser indisciplinado e que agora começa a ganhar alguma clareza, os sentidos são potencializados pelo próprio movimento dos pés. É um caminhar onde não encontro ruas quietas ou discretas, o que tem pedido constantes exercícios de reaprender a perceber, se situar, se localizar, e sintonizar o que acontece ao redor. A opção sempre foi a de andar em meio à multidão, com seus movimentos e paixões que desorientam. Nestas ruas por sinal bem falantes, barulhentas, ruidosas e espalhafatosas e às vezes até ensurdecidas pelas buzinas, tento encontrar calma e serenidade numa cidade inquieta a se expressar como ruas de mil sentidos.

Cidade errante havia sido um primeiro adjetivo que tentei dar a esta minha busca, cidade desvirtuada ou entorpecida pela fumaça dos automóveis foi uma tentativa (e talvez não tenha tido nenhum resultado) de me desprender de todo medo que insistentemente sentia, era um medo maior a me guiar: daí o caminhar se tornava um constante risco.

O medo criando ciladas e becos sem saída, enquanto tentava encontrar a poesia destas ruas. Tentei me perder mesmo sabendo que isto poderia não ocorrer, e quando achei que isto era possível me vi no meio de uma praça cercado de pombas e placas de sinalização, ambas indicando o caminho. Chegou à hora de voltar, voltei. O risco e o medo tornaram-se partes de um novo aprendizado, sentimentos e sentidos se arranjando numa poesia feita quando tentamos olhar para dentro.

⁹ “Minhas sensações são um barco de quilha pro ar, Minha imaginação uma âncora meio submersa, Minha ânsia um remo partido, E a tessitura dos meus nervos uma rede a secar na praia!”. Fernando Pessoa. In: Álvaro de Campos. 1993, p. 154.

Começara após tanta incerteza olhar no rosto a multidão, conseguia agora encarar o outro e se ver refletido como a um espelho. Sentia-se um ser de sensações, apenas. Inebriando-se com um esbarrão, sentindo o desejo da carne pela passante que nunca olhou para trás, confuso pela ameaça de um automóvel.

Sinto ainda alguns impulsos que me deixam a mercê do risco, ainda mais quando tento estar sozinho apenas na companhia de mim mesmo. Do que tenho tanto medo: de ser descoberto em meio a este exílio ou me deparar comigo mesmo, reconhecer o que sou ser finito. Nunca encontrei algum rosto conhecido por estas andanças, talvez se percebido tenha desviado o caminho, o único rosto que se repete é o desconhecido que sou.

Estas ruas que busco são nada perfeitas por isso talvez me identifique tanto com elas. A imperfeição é tamanha que acaba transmitindo alguma sinceridade, a forma incompleta, inacabada, às vezes rude ou tosca, talvez seja um modo singelo de falar do mundo, da vida. Ainda mais que tenho visto em ruas com estas faces, expressões que para alguns seres que conheço são de extrema feiúra, um mau gosto que machuca uma pobreza sem graça, um cheiro que não seja o do perfume. São estas ruas que as pessoas evitam que me trazem as incertezas felizes tão próximas de meu estado de espírito. Aqui encostado neste balcão de lata a tomar um café e a dar risadas com este homem sem rosto é que me sinto protegido e dou sentido à cidade.

Para que uma rua possa ser chamada de morada, carece de que ela seja acolhedora, deve apresentar alguns recantos, lugares para a meditação e para o descanso do corpo. São ruas que não tem a expressão pudica de um jardim ou de uma praça esquadrinhada, vigiada e cercada onde não se pode nem se acomodar em sua grama. Estas ruas acomodam seus sentimentos e sua vontade de sentir e acessar a cidade sonhada, ruas que podem expressar o envolvimento do homem no mundo.

A morada deste caminhante é uma rua de meia luz com algum bocado de chuva a banhar o corpo, onde o cachorro vira-latas a brincar te segue em busca de alguma

atenção. É também o banco onde senta e o balcão quente onde se apóia para comer a janta do almoço a qualquer hora do dia, onde pode-se fumar e dar risadas enquanto lê o jornal, onde a sarjeta daquela esquina que tropeça seja um ponto onde possa repousar a vista enquanto encara as pessoas que passam afobadas e não sentem tal esquina.

É uma cidade que o caminhante encontrou em seus sonhos de antes e que agora abriga e acolhe sua intimidade. É ali onde ele compartilha seu carinho, seus afetos, os desejos que o assolam. Um lugar que é mais do que um recanto para se acomodar o corpo, descansar suas pernas. É o recanto que traz alguma estabilidade, que organiza e acomoda os sentidos que emergem nesses caminhares pela cidade e pela vida.

Prossegue, prossigo pela cidade em busca de outras cidades ruas caminhos lugares...

Encontro, agora caminhando por outros arredores do centro, tipos de ruas criadas com o intuito de endireitar nosso modo de caminhar, de disciplinar, de conduzir para onde nem pensamos em ir, de organizar e anular os sentidos do caminhar como modo de conhecer o mundo, a cidade.

Evitando percorrer estas ruas como elas exigem, desviar como uma ação política, uma resistência a qualquer massificação dos passos, dos corpos e da alma. É interessante se aproveitar destes caminhos ordenados para caminhar de modo desordenado, fugindo da regra como: andando na contramão do fluxo de caminhantes, onde cada esbarrão na multidão pode ser transformado numa espécie de refúgio, ou de tomada de consciência para a violência deste controle e destas disciplinas.

O que me tranqüiliza neste caminhar por estas ruas é que vejo algumas poucas pessoas que não admitem serem conduzidas pela faixa de pedestre e assim cavam

espaços, criam caminhos, quebram a racionalidade planejada do espaço mesmo correndo o risco de um atropelamento.

Estas pessoas de imaginação ativa conseguem em meio à velocidade e à rigidez criar caminhos, nunca se deixando levar por estas grades, amuradas, linhas que conduzem os pés, setas que nos dizem pra onde ir, apitos dos guardas de trânsito a levar os pedestres como se fossem partes de uma boiada.

Destas ruas de características pedagógicas e disciplinadoras não poderia deixar de falar daquelas que conduzem as pessoas ao universo do consumo, caminhos que fascinam e criam consumidores como se fossem os corredores de um grande supermercado. Ali, quieto e encostado num poste a encarar esta rua que se diz Calçada ou também treze de maio só consigo enxergar um caminho tedioso e ordenado por manequins nas vitrinas, propagandas coloridas, luzes a piscar e pessoas em busca da mercadoria, ou vice e versa, pois as vezes sinto que são as mercadorias que vão ao encontro dos passantes.

Caminha-se ali guiado pela mão de sinais e símbolos do consumo. Ouço um sujeito ali dizer que a estão revitalizando: - Querem resgatar o status que este lugar tinha antigamente! Continuo ali pausado até que as portas de ferro se fechem, dando lugar aos panos e lonas do camêlo a oferecer as mesmas mercadorias a preços mais compensadores. E o melhor deste movimento é a propaganda: nada de apelos massificados, mas bem próximos na fala e na cantoria que anuncia o produto.

Das ruas estreitas tão preferidas pelas putas e pelos malandros encontro poucas, quase espécie extinta. Não se vêem mais às claras nesta cidade tais recantos depois da maravilhosa chegada do automóvel às cidades: ruas largas para o que é moderno, para a velocidade que é bela e chique, para as pessoas que caminham as inseguras e incômodas calçadas estreitas.

Daqui mesmo nesta esquina de largas avenidas, entre as valiosas e valorosas Moraes Salles e Francisco Glicério, sou tocado e me coloco a pensar no valor dado às pessoas que transitam na cidade e a estas ruas que abrigam os prédios, os bancos, as praças, largos, o fórum e outros símbolos do poder político e financeiro. Quem imaginaria o quão perigoso é transpor um cruzamento, atravessar uma rua, chegar ao lugar que se visualiza por estas cercanias, mesmo com tamanha organização de semáforos, placas e faixas brancas.

Os pedestres e os automóveis nesta esquina disputam com violência todo e qualquer espaço. As pessoas mesmo assim aceleram, se embrenham, creio que alguns nem pensem nos riscos de uma vida finita diante de um encontro com o aço. Enquanto isso, os automóveis tentam esperar, inquietos, se ofendem, ameaçam, roncam esbravecidos, lançam suas fumaças e suas luzes que parecem apontar as pessoas como mira de uma espingarda: qual seria o próximo alvo?

Ali me sinto fragilizado, dou meia volta, desisto de enfrentar a fúria mecânica e a certeza de avenida, retorno assim por uma transversal que me parece mais segura e incerta, onde sou guiado por sinais de humanidade: ouço uma rica sinfonia composta de urros, pessoas iniciando uma briga, risos na calçada a tomar cerveja, uma pregação diante do templo a chamar a salvação em terno azul apoiando o livro. O que seria da alma desta cidade sem estas pequenas, escondidas ruelas. Seriam estas um recanto?

O que pretendia dizer com essas palavras sobre um caminhar que pede para ser errante, que intenta ser surpreendente diante de uma ordem e de uma organização que assola pensamentos e ruas, é que este é um movimento que dá vitalidade aos seres e às suas cidades. Estes trajetos do andar errado pelas ruas do centro de Campinas intentam antes de tudo ser uma imagem a falar do pensamento e da poesia que podem se apresentar numa experiência com a cidade.

Perder-se nesta cidade, o vagar por suas ruas, a errância em busca de lugares e de sentidos, apontam na direção de um perder a si mesmo, um perder-se que conduz a

escrita e o pensamento a lugares antes não visitados. O perder-se também diz de um caminho contrário ao ideal cartesiano de ordenação do mundo, da cidade em perspectiva desenhada por um urbanista que rejeita o inesperado, o equívoco, o acaso de um encontro.

Cidade do estrangeiro, onde habita o que é diferente: cidade feita de uma sobreposição entre o que foi sonhado e o que se diz como real. São estas diversas cidades com suas diversas realidades que habitam esta cidade lugar por onde transito. Guiado pelas minhas lembranças do foi sonhado, do que foi vivido, preencho o espaço de concreto com meus desejos e meus sentimentos, esboçando e desenhando sobre os limites desta cidade real uma cidade habitação do caminhante, um lugar para o repouso e para o devaneio.

Corta-se cabelo por 4,99

Gosto mesmo é de andar por estas baixadas, estas ruas íngremes e enladeiradas que desembocam pros lados do Mercado Municipal. O que me atrai nestas é o movimento das pessoas e destes comércios e atividades diversas ofertados para os que aqui caminham. Poderia dizer para os que não conhecem estes redutos que num primeiro olhar podem parecer feios ou pouco atrativos, talvez até decadentes em especial para olhos habituados aos shopping centers. O que digo ser belo nestes arredores não está tão visível ou exposto na vitrine, mas são belezas sutis a serem reveladas como o sorriso se pondo vermelho daquela bela menina que ali trabalha diante dos espelhos, ou o ar imponente daquela outra a fumar seu cigarro diante da loja, de braços cruzados e olhando de cima do salto.

Destes comércios, ultimamente tenho reparado mesmo na quantidade de salões de beleza, cabeleireiros e barbeiros a prestarem serviços embelezadores por estas bandas e demarcarem lugares de encontro, de pausa, de descanso propício para o se cuidar e o encontrar com outras pessoas.

Um em especial me chama a atenção: o engraçado é que são dois salões num mesmo prédio, como uma adaptação. O mesmo prédio pintado de duas cores distintas, como se essas demarcassem os limites e as fronteiras. Um em azul e o outro salão em tons róseos. Além das cores, duas tonalidades distintas.

O do letreiro: “Corta-se o cabelo por 4,99 R\$ + água e cafezinho”, com suas paredes pintadas em azul que tenta estar vivo, porém desbotadas e descascadas, com seus pôsteres e fotografias de atores famosos, globais e hollywoodianos se equilibram com um pôster brilhante com o brasão da Associação Atlética Ponte Preta. O seu proprietário e seu vistoso bigode, vestido em terninho azul e camisa meio aberta, cabelo penteado engomado e a cantar um bolero (seria de Nelson Gonçalves? Lupicinio ou Ataulfo?) na ronda atrás de um possível cliente. – Olha a barba moço! Já ta

na hora de dar uma cuidada! Você está meio largado hein! Vamos freguês, só hoje a chance de ficar bonito pro baile de hoje à noite! E ele se abanando desiste de ficar nesta porta onde bate o sol, borrifa a água no cangote, senta na cadeira e volta a se abanar! Sinto o mesmo calor que ele nesta típica tarde de verão! Ainda é dia, e já é quase seis!

Não penso em cortar o cabelo e prossigo! Dou alguns passos e me assento no salão ao lado, mais movimentado que o outro, muitas mulheres a conversar e a dar risada!

Umás com uma touca de papel alumínio na cabeça ficam a parecer astronautas, outras com a cabeça coberta de tinta vermelha a ler uma revista e tomar um café. De fato o único estranho ali era eu: pelo modo delas me olharem entendi que atrapalhava, distraia suas atenções da mágica embelezadora! Uma ali e seu esmalte lilás, outra ali com as mãos na cumbuca negra de água morna, outra a lavar o cabelo.

Fico agora de fora a olhar pela vitrina, e reparo numa pilha de toalhas brancas enroladas, prateleiras com cremes, shampoos, tesouras, alicates, além de inúmeros cinzeiros espalhados pelas cadeiras. Estas bebem o café e fumam e falam e riem de modo enlouquecido e divertido. Uma delas, a xingar o namorado gera o riso de todas as demais: - Aquele corno! O que adianta eu me arrumar, me produzir, ficar cheirosa e bonita, se chego em casa o bicho tá lá sentadão no sofá tomando cachaça e assistindo futebol! – Me enche o saco! Gargalhadas. Uma outra solidária se levanta e diz: - Meu bem, avisa teu homem que quando não se dá assistência, abre-se a concorrência! Hahahaha! Todas riem, e aprovam o veredito final. Óia, neste mundo tem tanto bunda mole que vai ficando tudo mais difícil! Continuam a rir.

Continuo ali de fora olhando através dos espelhos, me desligo um momento daquele falatório. Sou encarado por alguns sorrisos femininos na sombra de um dos balcões do salão. Sorrisos secos, pálidas fisionomias, gestos e posturas alinhadas, uma a uma a sustentar cabelos numa série de cores: de castanhos encaracolados, negros

lisos e curtos, louros compridos ou trançados, vermelhos modernos, indo dos azuis até os alaranjados. Belas meninas de belezas mais que qualquer salão de beleza. Radium como flores plantadas em linha numa floreira! Onde estaria o carrasco que destronou estas cabeças de seus corpos? Mudas, impávidas não respondem!

Tantas cabeças, tantos sonhos, tantos sussurros! Algumas desistem da conversa com este eu estranho. Resignadas, caídas de lado, algumas adormecidas, parecem lançar um último suspiro. As funcionárias do salão com seus aventais róseos não dão a mínima para estas encabuladas meninas: enquanto fumam, conversam ou fofocam, uma destas se aproxima e arranca o cabelo de uma sem qualquer delicadeza, colocando-o na cabeça de uma senhora. As outras funcionárias a aplicar a tintura nas cabeças, a desbastar os fios com a tesoura, a fazer as unhas de outra ou a varrer os cabelos no chão. Prosseguem vivendo.

Ao lado, no cabeleireiro do azul, se aproxima um rapaz baixo e forte: camisa do flamengo, calça e sapato de trabalho (operário?), bolsa na mão, o crachá aparecendo dependurado no bolso da calça, parece que acabou de tomar banho:

- Que é que manda chefia? Cabelo ou barba? Vai uma aguinha aí! Um cafezinho?

- Os dois! Você conhece aquele ator americano... o...o?

- Qual? Conheço tantos. Se não conhecer todos!

- Aquele negrão, boa pinta, de bigodinho, faz filme de ação, aventura! Cê conhece né?? Fez os Bad Boy, Homens de Preto! A lembrei! É Will Smith!

- Acho que tô lembrado! Diz o do bigode lustroso com a rumorosa maquininha ligada em punho.

- Então manda ver, quero ficar com o look deste cara! Hoje Vou ficar galã que nem ele, porque é o dia que eu vou arrasar no forrozão!

Os recicláveis

Chico perde-se no cemitério sagrado, as carcaças de pés grotescos surgindo ao luar.
Dalton Trevisan, Cemitério de Elefantes.

Os sinos da Catedral anunciam a chegada da noite, anunciam a chegada destes sujeitos escurecidos a saírem de suas catacumbas. Seres da noite, das ruas. O fim da tarde é propício para se manterem abrigados como almas penadas. Assim me deparo com - ou sou atravessado por - esta cavalaria de carriolas de arame e ferro, carros e suas rodas de borracha a deslizar em asfalto calçadas, movimento de tração humana, estandartes de trapos e lixo. O rangido da roda sem óleo é ampliado por grunhidos, urros, gemidos, resmungos quase animais.

Com o fim do dia este lugar deixa de ser dos santos, dos anjos. Os arredores e limites da igreja em suas paredes quase brancas se transformam em mausoléu, em castelo vampiresco, de muros, trincheiras e calabouços feitos de sacos de lixo preto. Consigo perceber que, além de ponto de encontro destes, é também morada onde fazem as necessidades, onde comem, onde dormem. É nas escadarias desta igreja, agora assombrada agora transformada em sala de visitas, que estas pessoas recebem com dignidade os frades em marrom a fazer a caridade e o sermão.

Além do lugar sombrio, meu olhar fica a encarar estes homens e mulheres da escuridão. Os passantes de uma outra cidade tentam invadir estes limites com olhares de esvaio e são afugentados pelo sentinela, com um rugido, com seu cheiro, por sua risada infernal. Os cânticos sacros que ecoam desta igreja nos dias e em algumas vezes ao anoitecer só ampliam a imagem infernal deste lugar. Anjos, velas e rezas que são envolvidas pelos loucos, pelos que fedem, pelos que latem e se destroem atrás do resto de comida.

Tal cercania, além de ser a casa e o quintal deste reino, se torna o mercado, a banca, o restaurante, o quarto. Seus habitantes talvez com desenvolvido olfato e visão noturna aparecem e desaparecem entre os restos mais diversos, mercadorias

desprezadas que adquirem novos sentidos, funções e usos. O pedaço de isopor, a lata de alumínio, as caixas de papelão diversos, resmas de jornal, calotas, madeira, pneus, e tudo o que parece sem valor para os habitantes da cidade são os tesouros deste povo.

Lixo para alguns que se transformam em moeda de troca para a cachaça em garrafas plásticas, para o pedaço de espuma ou de coberta a assentar o corpo cansado no descanso noturno, o quarto, o pedaço de pão, a carne, o sexo.

Dou novamente a volta em torno desta fortaleza, tento passar despercebido mas me deparo com um início de guerra, quais destes a brigar com seu vizinho de casa? Estas pessoas parecem não ter face, todos ali aparentam ser a mesma pessoa: - Bebeste toda minha cachaça seu cão! Levantado já em ira, tomba o outro de seu papelão com um forte soco. A caserna já preparada para o motim se levanta e brada: – Deixa disso, este cara é ponta firme, não dá presepada com ninguém! O cheiro forte da droga se esvai em fumaça, o som e a imagem do urinar sentado na calçada, o cheiro azedo da marmita, o olhar trôpego do álcool. O que é de briga se acalma diante da chegada de outra garrafa de cachaça que não imagino de onde veio! Este que há pouco chamava à desavença o vizinho, agora se levanta, sua expressão é de alegria pois acabara de encontrar uma sacola com latas de alumínio. – Ganhei meu dia, o amanhã já tá garantido!

A calma temporariamente retorna a este reino. Algumas das prostitutas que de dia fazem ponto atrás da igreja começam a chegar. As risadas voltam, um destes acende o fogão feito em tijolo e começa a esquentar a água. Daquela panela encardida em metal todo amassado sairá o prato principal. Brincam entre si, contam piadas, rolam e pulam debaixo de seus cobertores de privacidade. Agora felizes acompanham com olhos famintos a divisão de cada quinhão.

Ainda um destes, creio que a expressar a paz recente, sai ao encontro dos últimos passantes da Avenida comercial. Canta, grita, dá risadas e geme. Se empenha

em chamar a atenção destes passantes. Poucos que passam o olham, aparentam cansaço de mais um dia de trabalho. Este mesmo assim os persegue, os assusta, chama as mulheres de gostosa e tesão, grita ao cangote dos desavisados. Dois policiais saem da guarita ao seu encontro. – Volta pro seu lugar, que aqui eu tenho um pau de amansa loco! Como que numa mágica, desaparece na sombra! Num buraco, num bueiro, numa esquina.

Já cansado e com a noite em cima, dou um último contorno neste sítio. Sou tocado. De repente paro ao me deparar com um quadro feito em papelão e tinta preta como carvão, encaixado debaixo de uma escada da igreja. – Aqui jaz Joel!

Bar Estrela

Para Camila e Letícia

Chegou naquele lugar ainda era dia. Se aconchegou num balcão de madeira branca e pediu sua primeira cerveja. Tal recinto o chamava a atenção: o chão sujo e empoçado, três homens encostados no outro balcão, as meninas a alucinar, tudo o inspirava neste primeiro momento. Se aproxima e se encolhe no balcão: talvez medo de esbarrar em um qualquer que lhe arrume confusão. Se debruça em seu espaço: quase corcunda. Olha de espreita: começa o movimento. Acha o lugar belo colorido decorado com as últimas luzes do crepúsculo: vermelhos, amarelos, restos de azul, todas as cores emolduradas pela fileira de vidros sujos que compõe a entrada deste estabelecimento escuro, quase sem luzes. Aproveita, pois não é qualquer lugar desta cidade que diante destes horizontes fechados, feito de frestas, o sol ainda incendeia de beleza.

A noite tenta chegar, e o velho bêbado o chama na conversa. – Eu: não tomo cerveja como tu, prefiro a cachaça! Não faz mal pra minha garganta! Deixa do gelado, o lance mesmo é algo que es quente! Faz bem pro coração, pra pele, pros pés! Pensa no porque de ser bom para os pés? Olha de relance ao chão, repara que este senhor não calça sapatos, mas sim uma meia branca. Ele é negro de beleza, sua calça clara encardida por furos lhe revela a pele, veste um suéter de lã sem nada por baixo. Peito negro com o azul da malha. Se dirige ao nosso caminhante e proclama. – É o homem que faz o mal na terra! Mas é mal feito a si mesmo! Já a mulher nasce da costela deste que já imperfeito! Então imagina o que são as mulheres!

Retruca uma das meninas em seu colant preto de círculos vazados a mostrar suas curvas, suas carnes: - Fica quieto carioca, para de aborrecer o menino! (Se olha num espelho atrás do balcão a questionar se ainda tem cara de moleque). - Fica aí falando besteira, vai assustar o freguês! Se dá de costas a quem lhe indigna, se volta como numa valsa! - Ô menino ponha lá uma fichinha na maquina de música! Vamos

dançar um forró, uma música romântica! Que tal? E vem a gorda que mal cabe neste combinado com colant, calcinha e sutiã pretos a insinuar toda uma geometria. Seu sorriso vazado, quase desdentado se mantém rijo a falar da pobreza e do que é precário nesta vida. – Dancemos! Sejam felizes, neste lugar a última coisa que importa são os males do mundo!

Fica quieto em seu mesmo banco, sorri com o velho agora interlocutor, lhe chama novamente de menino. Dá risada com um outro sujeito que lhe paga a cachaça: - Respeita o menino, pois é de família! Não fiquem aqui com esta conversa de me contrariar! Chega uma outra senhorita com seu vestido tigrado, pára, se contorce como gata e olha a seu redor. Tabuletas que anunciam a bebida barata, uma Nossa Senhora em seu altar azulado, garrafas, copos, a penumbra da fumaça do cigarro. Ele, aquele que caminha por esta cidade, se deleita enquadrando com o olhar um painel feito em madeira, uma paisagem litorânea toda perfurada onde se transpassa uma lâmpada vermelha ao fundo. Azul e coqueiros. Mar e praia. Uma casinha e um barco. E esta moça que sentando ao seu lado, lhe pega a cerveja, toma seu cigarro e ao mesmo tempo se apresenta. – Nair, a suas ordens! Continua sentado enquanto ela lhe traz o riso.

Engraçado é que não sente atração pelo sexo pago, por estas mulheres. Sente ternura, sentimento engraçado neste mundo! Se sente a vontade, atraído pela presença, pela conversa, pelo carinho, pela atenção, pelos afetos que não precisam ser pagos. Não imaginava que este lugar fosse habitado por tanto amor maternal. Tamanho sentimento misturado com o riso que parece trazer alguma humanidade, dignidade. Diante dele o afeto se apresentou como um jeito de sobreviver nestes lugares ditos violentos, marginais, perigosos.

- O banheiro é logo à frente! Você tá com cara de quem não se agüenta!!! - Adentra num corredor com medo de não achar a saída, fica tenso, ou melhor dizendo amedrontado! A tigresa no alto de seu salto, percebendo a expressão de sua frente diz: O que é que tá com medo? Aí num tem bicho não, bicho mesmo tem na minha terra, lá

sim! No Rondônia tem cobra que engole gente, você ouviu história do tipo?! Aqui num tem nada disso não, na cidade o único risco é o de ser ganhado por alguém! Se ficar bobeando, te levam até a cueca. Segue agora mais calmo às profundezas, mira a portinhola do banheiro e segue até passar por uma pequena passagem de madeira. Segue caminho talvez guiado pelo fedor que emana deste buraco, tenta não enxergar ou ver nada ao seu redor.

Retoma seu território no balcão. Aliviado. Nair se esvai ao encontro de alguém que lhe queira ou tenha algum trocado. Sua quietude dura pouco, logo é enlaçada por braços que adentram ao recinto, quase de pulo se anima, o sorriso aviva. Dois homens, talvez amigos ou companheiros de trabalho, chamam juntos uma cerveja junto de uma cachaça, enquanto um deles continua enlaçado a Nair, parece já conhecê-la, dado o carinho e a proximidade da fala. Dando-se o combinado do preço e das condições, o mulato alto que acabara de chegar acompanhado do amigo diz a ela: – Vamos resolver estas pendengas logo que to que num me agüento! Além do mais já estou atrasado. O companheiro a balançar a cabeça confirma-lhe sussurrando aos lados que a volta para casa é longa. Acertam as taxas ainda ali no salão, seguem de mãos dadas antes de transpor a portinhola disfarçada com um espelho.

Adentra neste momento uma outra moça vestida em vestido azul água, salto e boca vermelha quase sangue, carregando em mãos zelosas como tesouro uma cumbuca branca e seus aromas e vapores a denunciar o calor. Exclama a todos do redor: - Esta sopa que dão ali perto do Terminal é o que mantém a gente de pé até o fim do expediente! Ainda mais que é agora que começa o movimento! Seis e meia, tá toda homarada saindo do serviço, do trabalho! Agora saem as outras meninas, uma por uma, a chegar cuidadosas com a esperada refeição vespertina. O cheiro da sopa domina o ambiente, lhe oferecem. Uma delas traz a sopa da Nair.

Silêncio no recinto, acaba novamente a música daquela máquina. – Uma ficha seu duro, grita uma moça! Nosso herói abaixa a cabeça como se não lhe fossem destinadas aquelas palavras. Não tem mais nenhum tostão! Consente! Faz caras e

convence um senhor de camisa azul desabotoada, semblante cansado ao mesmo tempo alegre por estar ali. Se anima, pede a ficha e pede para a moça escolher a música, pega-a pelo braço chamando para a dança. O recinto começa a se encher. Mais pessoas, a profecia da moça de azul confere. Risos, mais risos: a música brega invade seus ouvidos. Reluta, se levanta, pensa em ir seguir seu caminho. Despede-se de alguém. Pausa. Diante do olhar daquela menina de cabelos pretos, traços de índia e olhar forte, ouve uma voz. – Me chamo Flor, e teu nome qual é?

Pela rua Álvares Machado do Terminal Central ao Terminal Mercado

- Prefiro mesmo é trabalhar de domingo! Cê já passou o domingo aqui no Centro? É uma tristeza só, dá uma solidão que dói! Eu prefiro folgar de sexta-feira! Aí cê sabe né! De tarde, todo mundo saindo, dá até pra paquerar umas moça aí na cidade e depois quem sabe rola de ir no baile!

- Ainda mais que minha família tá longe! Eu? Eu sô lá do interior do Alagoas, vim pra cá tentar trabalhar e melhorar de vida! Domingo é que dá mais saudade, viu!

Banca de pães, Terminal Central.

- Sempre vem aí uns cara do jornal sabe, não sei qual é a deles, ou o que ganham com isso! Só querem ferrar com a gente! Chega aí como quem não quer nada, e fica gravando as coisas escondido! Depois aparece lá metendo o pau na gente! Trairagem da brava! Sem falar da fiscalização e da polícia. Os cara só vem aqui quando precisam de grana, aí cê já sabe né! Vem pra embargar as mercadorias! Dia seguinte tudo eles de roupa e tênis novo!

Ambulante (Roupas), algum lugar da Rua Álvares Machado.

Andar por estas ruas é estar preparado para encontrar de tudo, já anunciaria aquele rapaz de falsa carranca, brabo e ao mesmo tempo gentil no começo do camelódromo. Estes caminharos por aqui quase sempre inicio pelas bandas do Terminal Central, construção arredondada feita de aço, concreto e gente.

Tal localização está numa parte mais alta da cidade, assim, ao circundá-lo pelo lado de fora se consegue um grande campo de visão mesmo em fins de tarde podendo ver a paisagem prédios crepúsculos do Centro. Caminhar ali por fora pede ao pedestre que tome sempre algum cuidado pelo risco de ser atropelado nestas vias rápidas de automóveis e ônibus coletivos. O seu interior abriga caminhos labirínticos circulares, quase subterrâneos devido ao teto vazado como num grande buraco, e acomodam bancas construídas com as mais diversas técnicas: caixote de madeira, lona de plástico, bandejas de lata, com papelão, além das bancas oficializadas de paredes de tijolo e portas de ferro.

O miolo deste prédio em camadas seria o lugar da concentração e da dispersão de pessoas que chegam e saem da cidade principalmente nos horários de fim de tarde.

Um lugar onde sempre se encontra a possibilidade de esbarrar no outro, de caminhar com a multidão. Este lugar é a referência para onde converge a maior parte dos caminhos e caminhantes desta cidade, é ali onde se inicia ou termina uma quantidade e diversidade de trajetos e percursos cotidianos: são pessoas que moram em áreas periféricas ou fronteiriças e trabalham, estudam, se divertem. São estas pessoas que habitam o Centro e transitam diariamente por esta ponte de ligação.

Faz até algum sentido que este lugar seja hoje a grande preocupação dos planejadores e urbanistas municipais, considerado e apresentado como o problema e o que enfeia esta cidade. Noto um empenho no apagamento das atividades, dos trabalhos e trabalhadores que aqui habitam cotidianamente, uma campanha de limpeza disseminada pelos jornais e noticiários, com argumentos dos mais diversos para uma urgente intervenção nesta região. Acompanhando esta campanha percebo que estas mudanças servem somente aos automóveis e seus motoristas. Com uma revitalização das fachadas, do que é aparente, e com a criação de estacionamentos subterrâneos, novas passarelas para pedestre, e a retirada do que é indesejado na paisagem. Medidas que desconsideram as pessoas, e privilegiam os automóveis com intuito de desafogar o trânsito e aumentar a velocidade das vias neste entorno¹⁰.

O que noto aqui, é que este é um espaço pouco domesticado, de certo modo selvagem, o funcional que é subvertido, faixas transpostas, barreiras derrubadas, fronteiras atravessadas. Enquanto isso um grupo de caminhantes se equilibra nos beirais do viaduto, disputando com os automóveis que por ali trafegam uma nesga de avenida.

Aqui, do alto do Terminal Central, tento parar para olhar os trabalhos que são exercidos nestas ruas e suas formas. Encosto num pilar, único jeito de estacionar aqui é saindo da frente do trânsito de pessoas, onde o modo de se proteger é quase se

¹⁰ Faço aqui uma referência aos artigos publicados no jornal Correio Popular, “Estacionamento subterrâneo é definido” e “Idéia é desafogar alguns nós: O município conta hoje com 570 mil veículos e há déficit de vagas no Centro”. 17 de agosto de 2007, p.A9, Caderno Cidades. A outra matéria que fala destas intervenções é intitulada: “Boca-do-lixo” segue o ritmo normal: Prostituição e traficantes frustram revitalização e tomam conta da paisagem degradada em frente da moderna Estação Cultura”. 6 de outubro de 2007, p. A12, Cidades.

esconder do ritmo denso e acelerado rumo às passagens, saídas, entradas. O barulho dos motores e a fumaça são altos, o falatório das pessoas estridente, risadas, gritos. Ali um homem desabado a ter um ataque: chegam os para-médicos e afastam os curiosos.⁷ Um resto de sol invade o lugar por um vão, desenhando no chão as pessoas em sombras longas.

- O que qui você tá olhando! Nunca viu! Por acaso me conhece? Brada uma moça a expressar a cordialidade e a calma do habitante da cidade.

Prossigo, saindo em direção ao início da Álvares Machado: estar aqui é estar suscetível, exposto, ainda mais quando não se é conhecido ou freguês das pessoas que aqui trabalham. Foi nestas redondezas que certa vez caminhando e tentando fotografar os trabalhos que ali se realizam, fui abordado sobre o que fazia ali com câmara em punho. – Cê num tá ligado não é mano! Aqui num é assim não! Diante de tal intempérie saí a passos largos e fugidios, enquanto cercado por outros e questionado se era policial ou investigador. Senti medo e paralisado não tive respostas para dar. – Que qui se tá espionando aqui?

Deste primeiro encontro fica o aprendizado de respeito e do modo como se adentra nestes lugares, carregados de vínculos, intimidades, referências para aqueles que ali estão. Lugar onde se ganha o sustento, onde estão os amigos, onde se come e até às vezes se dorme. Por isso muito cuidado ao caminhante de primeira viagem quando encarar uma face desconhecida ou adentrar algum recanto. Neste caso, fica válida a máxima de um rap: “Um bom lugar se constrói com humildade é bom lembrar¹¹”. Deste modo, caminho agora mais tranquilo, com uma pretensa familiaridade, algumas referências e a palavra: Licença! Ultimamente tenho sido visto ali com uma certa freqüência. Você tem banca aqui? Me pergunta um rapaz mais jovem. – Não, é que eu moro aqui perto!

¹¹ Sabotage. Um bom lugar. In: Rap é compromisso. 2001.

Nesta passagem para a rua, o que me chama a atenção são as bancas em suas diversidades e a atmosfera de variedade que ali reina. Passagens como túneis ficam ali numa quase escuridão diante de alguns pequenos focos amarelos acesos. Neste momento estão ali juntos de uma banca de frutas e uma de eletrônicos: um cego com viola a entoar canções sertanejas, um vendedor de meias a gritar, uma lona azul no chão com cds espalhados, um mendigo esnobe deitado num papelão sem vontade de levantar a latinha com moedas. Ali as pessoas se acotovelam por espaço, movimento, e muitas nem olham para estes ali sombreados.

Continuamos nesta ladeira rumando ao Terminal Mercado localizado nas baldeações do Mercado do Ramos de Azevedo, este que se situa numa baixada.

De um Terminal a outro, tem-se como elo de ligação a rua Álvares Machado também conhecida como Camelódromo: um caminho todo coberto de lona azul com suas luzes artificiais, seus sons a brigar entre si, a agitada confusão de vozes dos marreteiros e vendedores a anunciar a mercadoria, plásticos, um mormaço que amolece o corpo, música alta a desorientar junto de um constante movimento de pedestres, fregueses, comerciantes.

É um espaço peculiar, onde se vê a convivência da diversidade, do outro. É a mistura de tudo e de todos: é polícia, madame, ladrão, velho, cansado, operário, pobre, o mendigo, dona-de-casa, japonês, nordestino, estudante. Esta multiplicidade de sentidos ali vivida me faz acreditar que é na cidade e no meio da multidão, o lugar onde tento me perder e ao mesmo tempo me encontrar. É na confusão e na multiplicidade das pessoas que habitam esta cidade.

Logo ao se adentrar neste lugar, os ouvidos são tomados por uma sinfonia, uma mistura de música brega onde predomina os ritmos do nordeste e do norte, o forró, o calipso, a lambada, sem nos esquecer do funk e do pagode do sudeste. Todos estes ritmos, misturados com anúncios, discussões e gargalhadas, somado ainda com os

brados de um andarilho em trapos a gritar blasfêmias competindo com o chamado de um pastor evangélico ali naquela estratégica esquina.

- Cêeeeeeeeeessss!
- Dêeeeeveeeeeeeesssss!
- Úuuulllthiiiiimooooossss Laaaaaançaaameeentoossss!
- O camarada, você sabe aonde tem uma diversão aí na redonza?
- Ó, sobe esta transversal aí, que cê vai dar lá nas moça! Só filé!
- E aí frêegueeeeeesssss! O que qui maaaaanda hoje!
- Deeeeentiiiiissstaaaa! Primeira consulta é gráaaaaaatissss!
- Boooooorboleeeeta! Ei você que está subindo! Hoje é dia de ficar rico! Olha o bilhete da loteria, é borboleta na cabeça!
- Paga dois, leva três freguês!

Tamanha é a profusão de sons, ruídos, melodias entoam agora a nova sinfonia da terra de Carlos Gomes: a cidade como a se expressar num som: música ou poluição sonora? O som em alguns trechos chega a orientar, pois acaba indicando os caminhos que se deve evitar para não se perder. E com todo este barulho sonorizado, ali num cantinho um moleque a dar risadas, sentado dentro da banca e assistindo vidrado uma comédia de hollywood. Ao seu lado um homem de olhos brilhando e pulando enquanto assiste a uma barulhenta pancadaria. – Mano, olha esses cara que luta vale-tudo! São que nem galo de briga e batem até morrer! Olha lá! Pow! Paft! Péu! Emitindo o sons e simulando as pancadas para cima de um vizinho a se esgueirar.

Com barulho ou sem barulho, os passantes continuam a se amassar, empurrar, esbarrar, trombar, desviar, continuam a cavar espaços neste quase cubículo. O som parece não os incomodar, o que incomoda aparenta ser a indelicadeza dos empurrões. E eu ali amassado, sufocado não de pessoas, mas de sentimentos, levanto a cabeça em busca de ar.

Continuamos e já estamos na parte baixa da rua. A noite começa a se anunciar e agora ouço os ambulantes a gritar.

Estes não parecem ter lugares fixos, descem, atravessam ou sobem estas ruas sempre atrás do movimento. Carregados de uma pequena mochila ou de carrinhos de metal com uma caixa, dependendo do tipo de mercadoria. Os produtos podem ser os mais diversos, desde rádios, bijuterias, frutas, doces, cachorro-quente, pastel, café, pinga, cartão telefônico, jornais e revistas usados, artigos religiosos, guarda-chuvas. Mercadorias diferentes que chegam a se tornar as mesmas diante das relações de companheirismo entre os vendedores, como na chegada da fiscalização onde o que impera é o grito de solidariedade: - Olha o rapa! - Vazando minha gente, boi na linha! Dobra-se o balcão ou a pequena bancada, enrola-se o pano, guarda-se a mochila, sai-se da linha de frente, se encosta na calçada. Passado o susto, estes mesmos reabrem seus mercados móveis. Já passou.

A noite chega e chegamos ao Terminal Mercado. Com a maioria dos ônibus saindo abarrotados de gente, outras pessoas desistem de sair neste momento da cidade. Então vem a pausa para a cerveja, para o churrasquinho, para comprar as frutas, o lanche para as crianças que choram furiosas e impacientes. São nestes lugares desta baixada que me vejo inebriado pela confusão de odores da carne com a fumaça dos automóveis, do torresmo frito com a fruta madura. Sou assim nutrido com os cheiros do tempero, toco e sinto a textura suculenta das verduras, ouço o mastigar de um sanduíche de lingüiça, olho para a tapioca com queijo sendo feito por aquela. Me alimento com estas imagens.

A imagem que consigo ter no fim deste caminho é a de uma cidade habitada e repleta de emoções, mistérios e histórias distintas, cidade feita de singularidades, identidades múltiplas e inquietas. Quem pensar que seja simples ou fácil disciplinar uma rua, trago para transitar por estas bandas. A ordem aqui não é da racionalidade, mas a da necessidade; a linguagem não uma, mas algumas; a rua não é para o carro, mas sim para o pedestre.

O final deste percurso é anunciado pela mercadoria em sua forma mais divertida, alegre, numa quase inocência que subverte. Escureceu, já noite e aí que aparecem as mercadorias sem nota. Compraste, então não tem pra quem reclamar. Já era! Foi! Eu garanto a qualidade da mercadoria! É ali naquela esquina que vejo a imaginação liberta, onde vejo a mercadoria em suas formas mais raras, exóticas. Ora cânticos a anunciar o banco de madeira, o pacote de cigarros, o tênis furado, ora a descrição para anunciar o relógio roubado, a televisão para queimar no cachimbo. A mercadoria rara aqui é o próprio vendedor. É quase como comparar a propaganda que passa nas televisões, com o improvisado melô do camelô: – É só um real, chegou!

Alguns lugares, alguns personagens

Os dois bons homens

E eu naquele exato momento dentro deste circular a ficar sem ter o que dizer para estes dois tipos. – Você tem alguma herança? Hum? Você não é herdeiro de alguma vózinha de família rica? Questionou-me o dos dois o mais velho. Pois é meu jovem, não me apresentei: - Me chamo...!. Nem ouvi seu nome tamanho era a apreensão! Desculpa a pergunta indiscreta, mas é que eu sou antiquário! Eu trabalho de comercializar mercadorias antigas, cê sabe o que é não? Assenti com a cabeça.

Então, como eu tava te dizendo! Você não teria, ou melhor seus avós, parentes, umas coisinha meio fora de moda, alguma coisa que parece não ter valor, mas tem! - Um móvel bonito de madeira escura e boa, um bibelôzinho bonito, delicado. Continuo a dar ouvidos. – Olha, tenta lembrar de algo! – Quem sabe um jogo de talheres prateados, ou alguma porcelana talvez vinda de caravelas. - Aquela xicarazinha de rendas róseas ou douradas! Isto para nós vale uma nota! Você entendeu o que eu disse? Respondo com a cabeça em afirmação!

Tudo em mim é pausa. Mas uma pausa meio que instantânea. Em questão de segundos tento encontrar as pistas e reconstituir a história deste encontro inusitado. Tudo começa na saída da Rodoviária, lugar onde sempre me ensinaram a ter cuidado, a olhar para os lados, a desconfiar das pessoas. – É muita gente diferente, de lugares diferentes, a gente nunca sabe quem são! Teria dito minha mãe alguns tempos atrás. – Não fica de conversa com quem você não conhece!

Saio deste lugar de chegada ou de partida, e sigo como sempre ao ponto do circular abaixo da avenida, naquela pracinha onde se pode encontrar aqueles hotezinhos, botecos e pensões pouco recomendadas aos desavisados a estas horas de fim de tarde. Pausado na espera do transporte, me encontro com estes dois homens que já num primeiro olhar me despertavam algo curioso. Me perguntam se é daqui que sai o ônibus que desce ao Centro! Sim é aqui, e já deve estar chegando!

Acendo um cigarro para acabar com o tédio da espera. Começo a reparar nos dois, um mais velho a coçar o bigode, de sapato branco com uma bengala. Ele nem manca! Que engraçado, porque a bengala? Este que chamo senhor abre a mala e tira uma camisa de flanela. O vento começa a bater, esfria a alma. O outro mais jovem retira da mala uma malha, me pede um cigarro e o fogo só com o olhar. Me agradece! Chega a condução. Perguntam ao motorista o preço da passagem. – Tá muito caro, assim não dá! Comentam entre si a sussurros. Conversam com o motorista, e adentram pela porta de trás. Eu passo a roleta, o ônibus está vazio. Somos nós três apenas. Pergunto a mim se estes dois são daquele tipo que minha mãe sempre pedia para manter distância.

Volto aonde estava. Um solavanco me desperta. O outro mais jovem me nota, e começa a relatar seus feitos como brigão por estas paragens. O valente que fora há dez anos atrás ao morar nesta cercania. Concordo com a cabeça. Aqui era diferente, eu vinha com meus amigos da capital a fim de conhecer as meninas, ir aos bailes e arrumar umas brigas. Hoje não, sosseguei, encontrei a palavra. Continua enquanto confirma. Só a palavra tira a gente dos caminhos ruins, errados. A gente tem sempre tempo pra se arrepender. Voltam a conversa da herança. – Será que eles ainda não perceberam que não sou herdeiro de coisa alguma?!

Adentramos a avenida Campos Salles de onde já podemos avistar um grandioso templo da Igreja Universal, seus vitrais, seu pé direito alto aponta para alguma porta de algum paraíso. – Me falaram que esta aqui é bem freqüentada! – É verdade, interrompe me olhando na cara. Eu sei que esse povo é mais caridoso que os outros, andam sempre cheios da grana! Olha aqueles dois ali de terno alinhado e sapatinho brilhando! Devem ser pastor ou chefe deste rebanho! São os que se dão bem na vida a custa do dízimo dos pobres!

Retomam a outra conversa. - É verdade o que meu camarada te disse! Vale mesmo, já ofereçam para este aí uma vez: 600 mirréis por um pratinho destes de nada! Nem bonito era! Sei, porque presenciei tal situação. - Vale uma nota, retoma o do

bigode, o mais velho, o do sapato branco. A luz branca da condução em contraste com o azul amarelado do começo da noite emoldurava suas falas numa cidade onde os encontros, as conversas quase não se bifurcam.

Meu ponto de chegada ficava próximo, e já curioso pergunto pra onde estavam indo. - Vamos para um hotel passar a noite, e amanhã seguimos viagem. Estamos indo pra uma cidadezinha de Minas conferir um material. O mais velho quase soberbo continua: – Eu não gosto destas espeluncas aí perto da rodoviária. Só gente feia! Nós somos uns quebrados, mas fazemos questão de uma cama boa, de um banho quente, de algum conforto né! - Tá certo! Confirmando. Já quase a chegar em minha parada, retorno o olhar para o sapato branco daquele que se dizia antiquário. Curioso, era a única coisa que destoava da situação! De imediato me indaga: Cê tá curioso com o meu sapato branco por que? - É diferente! – Vou contar um segredo, ele faz parte do meu disfarce de aleijão! Você sabe não, às vezes tem algum privilégio, como entrar no ônibus sem pagar.

Dou risada sem entender nada! Despeço-me deles. Numa última investida ele me diz: - Não tem problema não tá! Não esquite a cabeça com tanta especulação! Você não tem cara de herdeiro mesmo, viu? Tu deves ser professor, funcionário público, ou algo do tipo! Alguém pacato a sobreviver. Lanço um riso. – Quem sabe? Posso ser tanta coisa! Riem juntos de mim! – E de nós você pode até imaginar, você parece rapaz esperto! O mais jovem cochicha ao mais velho me deixando ouvir: - Se ele soubesse o que somos não tinha nem puxado conversa, ia nos ignorar, talvez fosse até desgracento conosco! Me levanto da cadeira, apertos de mão, sorriso. Antes de deixar o bonde, sorrindo digo: - Dois bons ladrões! Pessoas interessantes e boas de prosa! Nós três rimos. - Tchou, até a próxima. Ainda nos encontramos por aí!

Encontro no boteco

Para Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa.

Naquela tarde, ele começou suas andanças por outros lados da cidade, por aquelas bandas da praça Carlos Gomes, aquela do coreto. Havia ido atrás de um sujeito que conhecera uns dias antes, mas não o encontrou, assim decidiu seguir por aí sem rumo.

Nem imaginou como foi parar no Mercado Municipal, talvez seus pés e pernas o tenham levado seguindo o relevo das ruas, as decaídas de avenidas que desembocam neste quase charco, neste terreno que fora algum dia pantanoso. Andou pelos lugares de sempre, olhou para os mesmos, cumprimentou algum que já conhecia. Decidiu estrangular sua fome e bem ali do seu lado um boteco já familiar, um bolinho de carne ou um sanduíche de pernil? Sentado no balcão, via tudo que sempre gostara. Todos os fregueses pareciam lhe sorrir, lhe demonstravam alguma intimidade, alguma consideração. Sem entender nada, apenas retribuía as saudações em sorrisos.

Dois negros senhores de belas e sábias barbas brancas debruçavam-se no balcão e com alguma força o saudaram, ergueram seus copos e lhe ofereceram um brinde. – Saravá! Saúde! Sem copo, decidiu os acompanhar pedindo uma cerveja, já a entornando em um novo brinde.

Quase do nada um sujeito de avental branco sujo de sangue cumprimentando os dois rapazes donos do estabelecimento se dirige a ela. - E aí vamos rachar uma cerveja? Diz-se com sede e já são quase seis da tarde. Prossegue falando alto e lançando risadas que ecoam pelo prédio.

Se apresenta aos risos, e ele a retribuir tal aproximação. – O prazer é meu! Deve ser açougueiro, se questiona diante do óbvio. - Rapaz é uma longa história, vem de

família! E olha que eu já sou o terceiro lá de casa! Aprendi com meu pai, que aprendeu com o pai dele! Aí fui aprendendo! Trabalho assim desde os dezenove, quando saí da escola vim parar no mercado. Sou campineiro de nascido e estudava aqui do lado no colégio Culto à Ciência. Aí foi só descer alguns quarteirões!

Prossegue o falastrão. - A história deste lugar é também um pouco a da minha vida, e de como a relação entre as pessoas foi mudando: antes, todos os trabalhadores, os que tinham banca, os fregueses se tratavam diferente! Todo mundo se conhecia, era tudo como família! Era que nem o bar do Pachola, onde nós nos reuníamos para almoçar, tomar um aperitivo! Eu era molecão ainda! Lembro do Pachola, pessoa boa demais! Se falassem mal do Guarani, ele ia lá amolava a faca na pia e botava o cidadão pra correr do bar!

Um silêncio, o calor do dia, a cerveja gelada, o cheiro engordurado da chapa anuncia mais um aperitivo de lingüiça a adentrar o balcão. Novos rostos vão passando, ficando, se encostando. O caminhante se ajeita, encosta suas costas no balcão. – Meu lugar é aqui! Já vieram me chamar pra trabalhar nos outros lugares! Meu lugar é no meio do povão! Aqui está a minha vida! Finalizando a prosa já de cabeça baixa, e um pouco mais calmo o sujeito que se dizia parte da história deste lugar.

O caminhante diante de uma pausa pode agora reparar nas outras pessoas que estão no bar. Um que passa de camisa aberta e toma uma cachaça a goles, outro a se deliciar com uma coxa de frango em punhos.

- Você é um bom cirurgião? Levantando de seu banco um homem de camisa azul, olhar baixo diante de um naco de peixe e do copo de cerveja, a dizer em tom inquiridor. Este personagem chamou sua atenção, diferente do açougueiro que não tinha muito que se reparar. Olhou atento sem deixá-lo perceber sua curiosidade. Era um homem que aparentava uns quarenta anos, barba por fazer, magro, aparentava

certo desleixo com sua camisa azul de botões a deixar o peito aberto. Em sua atitude questionadora até parecia que conhecia o outro sujeito, se não, deveras alguma intimidade. O açougueiro agora quieto olhou para o outro como vaca no pasto, lento, olhar vazio, corpo balofo e desajeitado.

- Acho que sim, ao menos eu consigo bem separar uma paleta ou um filé de um boi em poucos segundos, retrucou. O de azul (que não lembrarei o nome) refez a pergunta com o mesmo cinismo. O de avental ficara agora em total silêncio. E o desconhecido como que contando uma piada disse: - O animal e a gente são bem diferentes mesmo que não parece quando mortos. A grande diferença é que num dá mais nem pra saber se um foi bom ou se outro foi ruim em vida!

Riu o gorducho sem entender a se justificar: - Prefiro mesmo animal viu! Estes não fazem mal algum pra gente. Confio mais em num boi do que em qualquer aí! Só se faz mal ao outro neste mundo, é isso! Já como a improvisar e a criar um jogo de cena, continua sem graça: - Cê já viu matar porco? É triste que dói, viu! O bicho chora que nem criança pequena!

Os três agora se olham em silêncio observados apenas pelos irmãos proprietários do bar, agora impacientes por encerrar o expediente. Prossegue: - Eu pelo menos tenho humanidade, quando mato um bicho não deixo ele sentir dor! São duas facadas certas, e se acaba o sofrimento!

- Eu já prefiro as gentes, e é muito fácil culpar estas pelos males do mundo e dar aos bichos a redenção! Diz aquele começou a discórdia. - Onde já se viu, não existe coisa mais interessante que o humano! Veja toda a história, desde as cavernas tava lá rabiscando as paredes, deixando algo aos que viriam! Isso é muito bonito, este é o diferencial: a inteligência! A razão! Agora já em pose de juiz, de sábio. - O grande problema de hoje, é que as pessoas deixaram de dar um sentido belo para a morte! Os mistérios andam fazendo falta!

A conversa que já parecia um martírio para os moços do bar já dava sinal de fim, e se findou com a chegada de um companheiro de avental branco também ensangüentado, a lhe cumprimentar com um murro no peito que ecoou pelo bar. Aos outros um aceno e um sorriso. Este um negro forte, de braços curtos e recheados já a se despedir de todos, carrega o companheiro de ofício com um braço enquanto ao mesmo tempo dá um trago num copo de conhaque. – Até mais, minha gente.

O bar já fechando, o apito das seis ecoando, a saideira é sugerida pelos dois irmãos, um a pentear os cabelos e o outro a tirar o avental. - O que tu faz da vida? Tu é cirurgião, médico, ou algo do tipo? Revela sua curiosidade o caminhante. - Não. Pausa para o trago, e uma risada falsa. - Trabalho no necrotério da cidade: sou o que abre os mortos, suas partes, a cabeça!

Agora mais curioso do que antes, o caminhante o convida para continuar esta conversa nos arredores do Mercado. Seguiram num silêncio trôpego por uma ruazinha lateral enquanto reparavam no movimento de fim de tarde: dum lado o terminal de transportes e a avenida, do outro aquela ruazinha discreta. Ele agora a guiar o dito cirurgião a um outro lugar conhecido de antemão.

Se achegam, se sentam, pedem a do início da noite. - E você rapaz, o que é que quer comigo! Você aí cara de bonzinho, num vi um calo na tua mão! Com o mesmo sarcasmo continua. - Jeitinho burguês, olha o jeito que seguras o cigarro! Esta coisa de chamar os outros de Senhor! Tens a aparência e a afetação de um... playboy!

Inquieta-se, fica sem jeito, pois entende as palavras do vizinho de balcão como ofensas. Gagueja, se perde em palavras que não saem da boca. Respira, acende um cigarro. – Estou tentando fotografar as pessoas que vivem no centro da cidade! O outro num silêncio desdenhoso. – Acho também que estou a me procurar, tento achar o lugar aonde me perdi desta vontade que me trouxe aqui! Achei que podia fotografar as

peessoas à distância, e depois vi que não era possível, não era nada disso! Precisava vir ao encontro destas, e acabei por lhe encontrar!

Rindo como que enlouquecido e a lhe chacoalhar como um boneco de pano. - Então tá, ô fotógrafo, onde esta sua câmera? Não te vi até agora fazer uma fotografia! Você tem com medo do que? Agora a olhar nos olhos e com mãos a lhe tocar o braço. - Desde que te vi ali sentado no balcão eu percebi algo do que você me disse, este seu desassossego me dá medo! Você me parece estar muito perdido, confuso até demais!

Como um velho ancião a aconselhar os mais jovens, este sujeito transmitia alguma vivência, uma sabedoria que era autorizada pelo seu olhar e que dava credibilidade a sua fala. - Pára de ficar se judiando, se machucando! Resolva isso logo e viva sem ficar inventando problemas! Seja você mesmo! Não queira nunca ser o que você não é! E não é tão difícil ser o que não é, ainda mais em dia de pagamento onde todos podem ser o que quiser, até um burguês. Não vai ficar aí a se fazer de povo, você não é povo!

Um quase silêncio imperou entre estes dois que se conheceram a pouco, quando foram despertados por uma sinfonia: o roncar do motor dos ônibus, a falação da gente do bar, a música, o canto do vendedor de amendoins, o lastimar de duas crianças a vender balas numa caixinha de papelão.

Retoma sua fala. - Mas mudando de assunto eu te falei uma história minha com relação a fotografia? Acho que não! Na verdade são duas! A primeira é dos tempos da escola, quando ainda era moleque, e uma professora pediu em aula pra turma fazer umas fotografias da cidade. A única exigência era que seguíssemos umas tais regras de composição, enquadramento, perspectiva... e por aí vai.

- Coloquei o filme na câmera todo empolgado e fui correndo para uma praça e ali fiquei! Tinha lá uns velhinhos sentados no banco a conversar, cheguei neles e fiz uma fotografia! Nem perguntei se podia, coisa de moleque. Depois foram as árvores, as

sombras, as pombas, passei lá quase um dia! Só que aí se nem imagina, a professora me deu zero! Disse que aquilo tudo tava errado! Falou por um instante como se fosse a criança decepcionada, desiludida com o que imaginara.

Risos, pausa, os dois pensativos e acomodados, pensam e falam juntos. - A última cerveja?

Continua com suas lembranças. - Já a outra história que queria te falar é de uma foto que tenho visto por aí, vi hoje mesmo, agora pouco ali no bar. O interessante é que esta que vi a pouco se parece com uma que vi quando criança num calendário: um preto velho sentadinho, de cabeça branca, fumando quietinho seu cachimbo! E é desta foto que eu queria te falar! São estes personagens que você tem que encontrar, e é simples, é só olhar com atenção que eles se revelam, estão todos por aí, aos montes tentando sobreviver, lutando para comer, a ajeitar uma cama pra dormir. A cidade os engoliu, não são nem mais respeitados!

- Reinventa o Preto Velho, elege este personagem como força destas tuas fotografias! Que aí você encontra o caminho, o caminho mais sincero!

Os dois já de expressão cansadas ensaiam uma despedida, sem mágoas, sem ressentimentos. Ambos reconhecem o sentido deste encontro. Seus rostos já aparentam cansaço e embriaguez, uma fome começa a rondar. São agora interrompidos por um rapaz, mas seu rosto cansado e marcado indica para um homem. Este que aparentava uma alegria a disfarçar a tristeza, a cara inchada, a pele queimada, o andar encurvado com os braços soltos abaixo da linha da cintura. Sua postura era a de uma árvore a espera de ser abatida, como que já imaginasse de antemão a violência do tombo. Não teriam lhe dado a mínima atenção, senão fosse o pedido quase suplicado. - Ei meus queridos! Me ajeitem um cigarro!

O que lhes chama a atenção é o reluzente crachá a se debater contra o peito, debaixo da camisa suada. Insiste, pois quer conversar com alguma alma, necessita ser ouvido. Parece que vai explodir. De choro, de ira, de dor? Como que numa última tentativa de chamar a atenção, começa a bradar em desespero aos céus, aos seus deuses, clamando amor eterno aos seus, a sua família, sua mulher, seus filhos.

- O que eu vou falar em casa? Com que cara olho minha família? O desespero parece já tê-lo tomado. - Eu não consigo acertar mesmo as coisas! Acabei de perder o emprego que acreditei poder ajeitar um pouco a vida. Agora o que me resta é só afogar as mágoas! Vou tomar todas com o algum que me resta!

Os dois o encaram, não sentem pena alguma. O cirurgião lhe pergunta já em últimas forças. – E se você foi demitido agora, então porque ainda está com este crachá no peito? Responde o infeliz. – Num posso tirar isso do pescoço moço! Ainda mais sem documento algum no bolso! Vai que eu morro antes de chegar em casa, aí é ele que ao menos garante qualquer dignidade! Retorna ao choro lastimoso.

Os dois já se levantando, sem trocar uma palavra como se já tivessem se dito tudo, pagam a conta, acendem o último cigarro saindo na direção da rua. A conversa agora terminou. - E aí rapaz, se você tivesse trazido sua câmera de fotografia aqui hoje, o que você teria fotografado? Me diga qualquer coisa só pra acalmar minha curiosidade!

Camelódromo

Sigo a subida da avenida Campos Salles, tentando encurtar o caminho para casa por dentro do camelódromo. Acabo de deixar um amigo após um café, que insistente me pede pra tomar cuidado. Dezenove horas e quinze minutos: anunciou o alto relógio em seu néon azul e amarelo. Prossigo: o movimento já está em seu fim.

- Socorro! Minha bolsa. Grita em desespero uma voz feminina. Sou despertado e me desoriento. Sai em disparada o rapaz de jaqueta bege, calça e chinela, quase a esbarrar em mim. Pula por dentro de uma das bancas vazias, salta a amurada, corre com os carros e ônibus. Desaparece com seu butim.

Continuo parado, cristalizado. Não tenho mais o que fazer pela dona que se desespera. Tento prosseguir, mas a imagem que ficou me prende. O enquadramento é o de uma das entradas desta rua de comércio: luzes amarelas do interior acesas, um homem fecha a porta de seu estabelecimento, um casal passa cambaleante de braços dados, os carros ao lado continuam em seu movimento.

A cena se repete em minha lembrança, assisto-a novamente. Fui assaltado pelo susto! O que parecia ser uma briga de casal à instantes atrás: tapas, socos, a mulher ao chão. Surdas as pancadas, vi o porrete a brilhar em contra luz, se emparelharem e ela caindo ao chão. Chora, se desespera e grita. Grito que ressoa novamente em meus ouvidos. – Minha bolsa! Ela bem tenta correr atrás de seu algoz, mas já sem forças para e encosta o corpo num pilar.

Sinto não poder fazer nada, incapaz de reação. Como que tomado um choque ao presenciar tal violência. O que eu podia ter feito? Me engalfinhar com o sujeito? Consolar a dona? Correr atrás ou chamar a polícia? Dou três passos a frente: vejo que o porrete não era! Me sinto ferido de susto, diante deste facão em seu repouso prateado a me olhar nos olhos! – Este é sangue nos óio!, diria um passante a me despertar.

Vagens e paqueras

Ornada pelos limões, riso reluzente por caquis, sua cabeça loura coroada pelos abacaxis, sua face rosada pelos pêssegos, impávida deusa da terra a apaziguar as fomes do mundo. De rosto arredondado e braços fortes a viu ali pela primeira vez naquela contraluz de passagem. Construíra num instante um trono de beterrabas, pimentões multicores, arrematado com morangos para o pouso da bela.

Acreditou ser paixão a primeira vista. Quem dera se ela correspondesse ao seu olhar e suas intenções. Um beijo, a mãozinha dada a sair para um passeio noturno. Não entendia de onde tirava tantas expectativas: viver numa cidade é estar habituado a uma solidão que às vezes dói. Pensa que mais tarde chegará logo em casa e não terá qualquer carinho ou um afagar de mãos. Imaginar esta cena talvez o perturbasse mais, o inquietasse já de antemão. Estaria destinado (ou obstinado?) a falar com ela, mesmo que gastasse seus últimos tostões com as cenouras, as couves e vagens que estivessem ali em sua banca.

Sua inquietação aumentava, parecia encabulado, talvez por ter acabado de passar por um casal a sorrir e rir. – Amorzinho! O que você vai me preparar para o jantar! - Que tal aquela sopa de feijão que você adora. Nosso caminhante meio cabisbaixo, tentando uma pausa para o respiro, lembraria de sua geladeira: uma inóspita paisagem polar, e dos últimos pães duros a montar guarda na dispensa. Tentaria pensar positivo, acreditando que sairia dali acompanhado desta beleza em desajeitado jaleco cinza roto. Saberá ela preparar um guisado ou um assado com seu coração amargurado?

Tentou chamar sua atenção, esbarrando numa bacia de gordas berinjelas. – Desculpe o mau jeito!, já se afastando em susto. Ela sorri por um instante, mas ao mesmo tempo lança a este seu olhar de desinteresse, não lhe dá a mínima. Distancia-se após sua abordagem sem sucesso. Decide por arejar suas idéias, seus

pensamentos, uma volta pelo pátio seguindo ao interior do mercado. Pensa que, talvez o cheiro da cachaça e de seus bebedores a exalar do boteco, ou o aroma da mortadela fritando o faça desanuviar. Nem o toque a sentir a textura dos feijões e ervilhas soltos em tonéis, nem o degustar de um queijo e algumas azeitonas, o achar graça num mendigo que entoa uma bela canção caipira, ou o encarar para aquela peça de bacalhau exposta junto com as garrafas de azeite e vinho: tenta se encantar por algo, mas nada a tira de sua cabeça.

Decide por retornar ao templo de sua deusa de hortas e pomares. Agora resignando tenta mais uma vez esquecê-la. Permanece ali num dos pátios acreditando que as nuvens ou o céu o farão esquecer o que sente ou indicarão uma mudança em seus caminhos. Começa a reparar no lugar onde está. Respira fundo, chama pela calma, acende um cigarro. O lugar se situa numa baixada, e ao mesmo tempo sente que é plano. Mais uma pausa, e os campos de visão aumentam.

Estático, acaba duvidando que fosse ali onde passavam e paravam os trens como lhe haviam dito; não encontra nenhum vestígio do que fora a linha férrea. Consegue ali sentir o crepúsculo com suas luzes buscando repouso em fim de tarde: se sente um privilegiado. As pessoas que circulam ao entorno não o percebem, continuam em seu ritmo acelerado a tocar a vida. Conversa ou caminha com os pombos que ali tocam a vida, de andorinhas nem o rastro.

Seu olhar se perde por alguns momentos. Não consigo imaginar no que pensa.

O sol que bate a estas horas neste edifício do Mercado dá amplitude à sua cor vermelha e define suas sombras geométricas a falar de seu telhado num estilo árabe, mourisco. Seus pátios ou garagens cercanias, suas bancas de diversidades prendem agora a atenção: o freguês pergunta da carne adequada para seu churrasco, o leteiro em caneta preta anuncia o exótico sabor dos sucos de cupuaçu e graviola, o frescor úmido das verduras regadas pelo moleque de avental verde, o cheiro forte do peixe e o movimento agonizante de alguns caranguejos ainda vivos na banca. A menina ao lado

diz: - Coitados, mãe, tão querendo esticar as patinhas! Deste deleite de sentidos o que lhe dá mais prazer é a fumaça e o aroma amadeirado de tabaco subindo de um cachimbo às portas da tabacaria. Ali, ao lado destes odores, repousa.

Ele desperta deste sonho sinfônico, com os cantos dos canários, dos pintinhos, dos coelhos em suas gaiolas cárceres, expostas na loja da frente.

Não a tirou da cabeça. Dá meia-volta, se aproxima novamente, talvez ela agora perceba sua presença. Permanece na banca ao lado, olhando para as orquídeas e inspirando as plantas de tempero, acariciando as mudas de laranja e escorregando os dedos numa maria-sem-vergonha. Ele se acalma neste quase oásis. Tenta agora fitá-la com calma, a vê, mas não enxerga mais tamanha beleza. Olhos baços como peixe doente num aquário, mãos sujas pela terra das batatas que manuseia com quase violência. Mesmo assim não desacredita na beleza dessa moça.

Tenta se camuflar fingindo ser uma destas folhagens ou arbustos que ficam ali na calçada diante das bancas. Ela continua com seu ar esnobe, não dando a mínima para quem passa. Com as pessoas que são dali vira outra pessoa: brinca com o japonês das plantas, sorri e acena para o moço do açougue, abraça e fofoca com a amiga das verduras.

É chegado o fim do dia: dezenove horas. Começa o ranger das portas de metal, um recolher arrastado das mercadorias em exposição. Semblantes de cansaço. Ele ainda por estas bandas procura um recanto onde possa vigiar e não ser visto. A espreita e tenso: – O que ela vai pensar de mim se me vir assim escondido? Que sou um psicopata a espera da vítima? Sacode a cabeça em afirmativa.

Fecham-se as portas, as luzes internas se apagam, só restando as luzes esparsas do pátio. Enquanto isso ela ali se despendido de seus companheiros, a sobrar sozinha parada ao céu. Ele tira seus olhos dela por um momento, quando alguém esbarra em seu corpo, olha para trás rapidamente: - Não foi nada! Retoma o olhar e não mais a vê.

– Não foi nada? Retruca num pulo enquanto a procura em vão. Retoma seu caminho o predador sem a caça agora presa deste jogo, faminto de sangue fresco e de amor, e com uma fome que lhe deixa de mau humor, perdido, cambaleante. Se sente iludido por tantos estímulos, traído pelo seu faro. Abaixa a cabeça, dá uma volta no ar, toma outro rumo, algum caminho onde não seja visto com sua cara de nada. Termina a noite num carrinho de cachorro-quente do lado da boca do lixo. Rindo sozinho pensa que um dia é da caça e outros do caçador.

Um rei

Este sujeito, o da barba ensebada, que cheira mal, o da pele enegrecida pelo asfalto, o do cobertor vermelho esfarrapado a despencar dos ombros, o que repousa em trono de papelão naquela esquina destas avenidas, o da marmita embolorada pousada em sua mesa calçada. Por que me encara, me olha com toda esta decepção? Por que me sinto ameaçado por seu olhar de tirano? Teria eu não cumprido minha missão de súdito? Ou talvez não tenha prestado condolências a vossa majestade!

Temos nos encontrado inúmeras vezes por estas ruas. Chegando às vezes a parecer alucinação, miragem. Em outras chega a se aparentar com um momento aguardado, premeditado. Sempre a surgir do nada com seu manto e seu cetro feito do resto! Onde estarão seus súditos? Seus cortejos, sua guarda, seus cavaleiros? Escondidos talvez, a espera do momento certo para entrar em cena. Vejo somente seu reino e seus territórios fronteiras.

Não deixo de pensar que ele é a única coisa que me olha nos olhos nesta cidade. Porque me fode com seu olhar de fantasma? Será a alma penada de algum que já se foi? Sua sutileza (ou melhor) Sua realeza o que queres de mim! – Tentes ser como eu! – Se desprenda destes alicerces que conformam sua casa em minha cidade! – O meu reino eu carrego com minhas idéias, pois os ventos as chuvas o fogo a terra fizeram ruir meu castelo! – Era tudo o que eu tinha, era o que acreditava, que me fazia feliz! A tempo de salvá-lo me desenganei!

Seus pés ralhados e descalçados se colocam diante dos meus protegidos e seguros pelo couro. Solta um rugido abaixando a cabeça e tentando se espreguiçar. Coça a barba com a ponta dos dedos, ajeita o cordão da calça, enrola sua manta. Solta as amarras deste reino itinerante, prossegue em sua viagem por terras a serem conquistadas. Continua com seu andar que não dá a mínima para os outros passantes. Devagar, num relance, sua majestade olha para trás e me encara pela última vez. - Nunca mais tive chance de perguntar qual a graça de Vossa Alteza!

Rua Cônego Cipião, n. 290

As crianças

Aos meus avós.

A estas crianças fica a possibilidade de onde quer que cheguem, se sentem, toquem, sintam a criação de lugares. Lugares que por sinal são cheios de vida, de risos, de alegrias. Tenho reparado neles desde quando aqui cheguei e me vejo muitas vezes a pensar neste modo de conhecer a cidade, o mundo: a brincadeira. Transformando esta rua de espaço destinado ao trânsito de automóveis e de pedestres num recanto de intimidade aonde, em grupos de amigos, vizinhos, conhecidos, subvertem uma lógica, as funções originais deste pedaço da cidade.

Descobri recentemente que uma destas crianças é meu vizinho e mora neste prédio aqui em cima de meu cubículo. Descobri estes dias quando fui surpreendido por um aviãozinho de papel, coberto de códigos que não consegui reconhecer e o distintivo da Associação Atlética Ponte Preta. Com calma espiei o que fazia, tentava se comunicar com os amigos que estavam na rua a lhe esperar para a brincadeira. Ouço também aqui embaixo de seus passos um correr atabalhado atrás de uma bola.

Sempre nos finais de tarde quando acabam suas aulas chegam de uniforme e cadernos em mão. Sempre chegam a chutar, a caçoar do outro, ou correndo de alguma confusão, me chamam atenção e aguardo essa chegada sempre como o melhor momento do dia. Uma destas brincadeiras que gosto tanto é a de se camuflar entre os carros, atrás das portas, se esgueirar nas esquinas que formam esta rua. A brincadeira de pique-esconde se transforma em caçada, onde quem é descoberto, cai duro no chão como se fora atingido pelo caçador. Esta é só uma das variações do que chamam de polícia e ladrão, onde imitam até as sirenes, as falas e as ordens de um policial para com o colega de brincadeira, reproduzem diversos tipos de tiros.

Prefiro o futebol nas estreitas calçadas, pois nesta brincadeira não ouço os tiros que me parecem de violência. Desviam dos pedestres como se nem existissem e atravessam por entre os carros que passam com naturalidade. Tabelam com quem

passa, driblam, marcam gols, dizem olé como se toureassem alegres. Esta brincadeira não tem morto, só vivo, nem policia nem ladrão, somente os craques da seleção brasileira: - Robinho faz gol! – Ronaldinho dribla mais um! Fez a fila e é gol! E a bola bate no portão ecoa e por isso se escondem. Sai o perigo de serem repreendidos pela vizinha e a bola correndo no campo a rebater nas pessoas, até que vai parar na rua. Um deles como que num elástico pulo de goleiro salva a pelota de ser atropelada por mais um carro que passa.

Às vezes sinto medo de alguma fatalidade, mas ao mesmo tempo me vejo fascinado com a desenvoltura e pelo modo como desviam dos carros que passam apressados no fim da tarde. Se eu fosse o prefeito mandava fechar estas ruas somente para as brincadeiras, ruas não mais para os carros, mas sim para as crianças. Uns poucos motoristas os vêem, são aqueles que já conhecem as imediações e seus habitantes. Ao contrário o motorista pode ser tomado pelo susto, e aí suas palavras não são muito delicadas. Os garotos riem e retribuem as delicadezas. Nada de mais, estão a defender seus territórios.

Moradores

No varal do pátio que vejo daqui: roupas íntimas coloridas, uma camisola cor de rosa, duas toalhas de cor branca, pares de meias, os barulhos e os sons da torneira e da água se misturam com o ruído dos automóveis que passam na rua. Luz de fim de tarde. Agora as toalhas dependuradas fazem uma sombra no canto daquela parede aonde a senhora encosta um banquinho para o repouso. Parece mastigar algo, uma fruta talvez. Começa anoitecer. Ela que adormecera agora se levanta como num susto. Começa a recolher a roupa: primeiro a amarela, depois a azul, e por fim as de cor branca. Seus movimentos de tranqüilidade só são interrompidos pela companhia de dois gatos, um pardal que sempre canta e as pombas a encher o papo no outro telhado. Até um urubu ultimamente tem lhe acompanhado. Este ela espanta com uma vassoura, e lhe grita ó ave de mau agouro. Depois de recolhida a roupa, caminha pelas partes da casa, acende luzes, e de almofada em mãos se debruça na janela que dá para a rua.

Agora fica assim, a passar o tempo reparando e apontando as pessoas que passam. Como se disse com os dedos. – Aqueles ali ó, com essa gritaria e do jeito que anda já amarram um fogo! Aquela ali ó, ta fazendo coisa que num deve! Dá risada sozinha, tampa a boca para disfarçar como se alguém a reparasse. Olha para o céu, o urubu já foi dormir. Cai a noite, abaixa-se a persiana, apaga-se a luz.

Seo Cleto

Daqui, gosto mesmo é de um lugar do outro lado da rua, um bar, onde, quando chego, encosto no balcão, ou converso com o proprietário ou olho os personagens que ali transitam, permanecem. Este é um lugar de muitos sotaques: nordestino, nortista, caipira, matogrossense, algo que vive presente em meus ouvidos, sou dominado por estas musicas faladas, sinto-as como uma marca que toca aqui em seu balcão. Daqui ouço a música que desconhecia até então: um forró que fala de uma mulher que cheira a pequi! Da cozinha de iguarias até então exóticas como a que me apresentaram: uma carne apimentada, que de fato era deliciosa. – Num vai fazer disfeita, num fique cum frescura! Estes são os miúdos do boi bem temperadinho!

Este que me acolhe ali, um baiano destes que chegaram a algum tempo, a mais de vinte anos. - Uns que tem família ou conhecidos chegam já direto em Campinas, outros param antes em São Paulo vendo a oportunidade. Vejo estes que encontro neste lugar como se fossem todos parentes, se conhecem, falam como amigos, perguntam da família de lá que ficou. Uns mais jovens são divertidos narrando as histórias de assombração, dos janguços, as mentiras de caçador. Outros, mais sérios, reservados, tomam sua cachaça em silêncio.

No começo achava Seo Cleto meio desconfiado comigo, mas acho agora que consigo entender todo o zelo com que se dirigia a mim: um desconhecido. Fui saber de suas lembranças, conheci os que trabalham ali: sua família, os filhos fazem, às vezes, os turnos, a correria de limpar, atender, cozinhar; acompanham o pai. Lugar e casa, lar, lugar do trabalho, do sustento, do encontro.

Permaneço sentado diante do balcão, assisto ao noticiário com algumas pessoas, enquanto um outro rapaz que sempre encontro ali pede a música. Num outro canto dois homens comem um prato feito de olhos vidrados na tela. Nunca vi qualquer desengano, qualquer confusão ou briga, pois são nas duas mesas de sinuca que se resolvem as pendengas entre os que se achegam: os rapazes que trabalham por aqui nesta rua, os do salão de cabeleireiros, os do mercado, os do comércio de perto, os moradores desta rua. Quem perde paga a ficha, se perder de zero passa ainda por baixo da mesa. Lançam risos seguros os que conhecem os desníveis da mesa, já os patos são aqueles que garantem o jogo.

É dali da porta deste estabelecimento que consigo ver alguns rostos na multidão que passa nos fins de tarde: de vez em quando passa um louco, passam os drogados com seus cachimbos de lata, os bêbados que cambaleiam, umas prostitutas ao lado daquele homem de terninho, o crente com bíblia embaixo do braço, as crianças voltando da escola de mãos dadas com seus pais. Mas o que chama atenção mesmo são as pessoas já familiares que param para uma cerveja ou um refrigerante antes de chegarem em casa.

Chega mais um, chegam mais dois, e Seo Cleto dá atenção a todos do mesmo modo. Às vezes, quando o lugar está vazio, puxa uma cadeira, se acomoda ao meu lado do lado de fora do estabelecimento. Fala de si, fala da rua com algum amor. Já viu muita coisa aqui, do trágico ao cômico: desde morte até brigas de amor, do dia em que o caminhão de lixo bateu no carro de um dos fregueses, e enquanto a policia não chegava ficou a exalar o fedor diante do nariz dos que ali tentavam esclarecer tal pendenga. – Rapaiz, ce num acredita que os fregueses do bar tiraram o motorista do caminhão que pra piorar estava cheirando cachaça e lhe deram um cacete. Aí, imagina só a confusão ali na rua: o caminhão de lixo, o motorista estrupiado, a policia e os fregueses tentando se entender!

Ele se levanta e atravessa o balcão. - Marca na minha conta! Diz aquele que se despede do proprietário com aperto de mão e olhando nos olhos. – E as garrafas que você levou ontem! Retruca o Baiano. - Já te trago, só vou chegar primeiro em casa! Consentem com a cabeça. Entra outro já afobado. - Prepara uma comida pra mim, não deu tempo para almoçar até agora! Levanta como em câmera lenta ajeitando seu

avental o chef enquanto adentra à cozinha. Pergunta como vai a família deste que espera o prato. Tudo bem diz na espera com um aperitivo em mãos. Este acena cumprimentando um passante conhecido: - Eita vida dura que só trabalho, ainda bem que amanhã já é sábado!

Caminhar e fotografar: o lugar da pesquisa e a pesquisa do lugar

Um lugar feito no caminhar

O lugar¹² de onde falo neste momento, onde propus compreender como pesquisador e como pessoa, o lugar que proponho percorrer com meus pés e enquadrar com meus olhos, o lugar centro da cidade de Campinas, é o centro de um redemoinho que é minha vida.

Queria poder recusar tal empreitada, queria acreditar que só as poucas fotografias e linhas que trago até o momento seriam suficientes para apresentar este lugar do modo em que ele se apresenta a mim e me apresenta. O que tentarei esclarecer é que este lugar se constrói a partir das lembranças e de minhas memórias pessoais sobre o centro da cidade de Campinas, e se constrói no caminhar hoje pelas ruas desta cidade. Dois movimentos que inicialmente se deram de modo confuso, um caminhar distante do lembrar, onde a cidade se apresentava em fragmentos e não revelava suas almas, lugar que tentava construir e sempre se mostrava muito próximo de meus estados de alma: pessoa desorientada, desorganizada e confusa.

Chego num primeiro momento a este lugar, na tentativa de descobrir quem fora quando criança, tentando encontrar alguma origem e buscar algum sentido de arqueologia do meu ser. Iniciando esta escavação me deparei com uma imagem: eu ainda criança a caminhar de mãos dadas com minha mãe por ruas de uma cidade crepuscular, luz caindo a contornar um grande grupo de pessoas a caminhar com pressa, de um modo quase fugidio. Eu era um destes que caminhava apressado certamente sem saber os motivos destes passos acelerados, pois tudo que queria, estando neste bando de viajantes, era ir ao encontro de meu pai situado na outra margem desta travessia. Ali ainda não era um lugar, paisagens talvez, passagens.

Os contornos deste lugar cidade começam a aparecer e aqui tentarei falar de como o vejo. Cidade que elegi como ponto de partida de um reencontro, início de um

¹² Nesta escrita a idéia de lugar começa a se desenhar com um sentido de centro de significância ou de emoções, envolvimento, sentidos e afetos do sujeito, não tendo um caráter de algo passageiro, mas sim do permanecer, padecer. Esta idéia se construiu amparada nas leituras de Tuan 1980, 1983 e Relph 1979, sob uma perspectiva da experiência geográfica.

retorno em busca de alguma origem. Atrás do quê vim a este lugar, poderia me perguntar! Responderia com clareza que a mim mesmo.

Uma tentativa de encontro, de me olhar e olhar o mundo através de um espelho lugar, um encarar que sempre evitei assumir, sempre fugindo para não compreender quem era, o que fui, o que poderia vir a ser, o que sou. Esta busca de um reconhecimento poderia ser entendida como um motivo para a experiência? Este lugar centro da cidade que agora lembrava poderia de alguma forma acolher tal empreitada? O lugar como recanto do conhecimento, do encontro com os anseios da alma, do cultivar a calma e algum sentido de estabilidade, espaço talvez a acolher e ser expressão de vaidades, medos, incertezas, coragens, ou até mesmo um esconderijo.

O que entendo por esta busca pelo lugar ou por seus lugares numa cidade como esta é que tal ação pode ser proposta como um ato político, onde o sujeito desta busca intenta reconhecer uma identidade própria e se deparar com suas subjetividades, tentar ver-se refletido no encontro com o outro que habita estes mesmos espaços, criar uma temporalidade que não a do relógio através do entendimento de seus movimentos e de suas pausas, buscando a si, a cidade, o mundo, o conhecimento. Este lugar de que falo vai se construindo no caminhar.

Sempre fugi de assumir um compromisso comigo mesmo no que diz respeito a buscar entender os males e anseios que me tomam. Sempre acreditei que caminhar pela cidade era um modo de fugir da solidão, como se não acreditasse que se podia estar acompanhado se o corpo não estivesse ao lado de alguém. Fugir de mim mesmo, cultivar uma quietude, o silêncio que não percebo em minha alma, desconhecer o estado de pausa para pensar e organizar os pensamentos, quietude que nunca conheci. Como reconhecer estes lugares na cidade sem a calma e a tranqüilidade para permanecer?

Como enxergar esta cidade como parte minha, se nunca busquei algum entendimento de meus lugares interiores? Muito menos esclarecer os sentidos que estes têm em minha vida? Aqui o lugar se desvela em uma de suas paisagens – todas elas estados de alma, de espírito, da vida: é habitação de um sujeito que tenta se conhecer caminhando pela cidade que habita.

Que lugares seriam estes então, ou que lugar é este! O lugar que busco não só se faz na interioridade de um sujeito, mas é percorrido pelo caminhar, se dando em sua materialidade física e espacial também. É interior e exterior, sendo composto de ruas, pessoas, pedra. É deste encontro entre duas cidades, a partir do encontro com a cidade exterior que se torna visível a cidade mágica. A partir de uma cidade feita de sonho e uma feita de realidade é que propomos um caminhar como possibilidade de revelações.

O caminho, a rua, o desvio, o espaço a ser percorrido por este sujeito que caminha em busca de lugares nesta cidade, pode ser também entendido como um lugar. E como nos diz Yi-Fu Tuan para quem o próprio caminho traz: *uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos de lugar. O caminho e as pausas ao longo dele, juntos, constituem um lugar maior – o lar* (1983, p.200).

Assim caminhar durante o entardecer desta região denominada como centro de Campinas no presente, é também uma tentativa de me encontrar, de me conhecer, deixando-me conduzir pela possibilidade e pelo acaso encarnado nestas ruas onde se deu parte do caminhar de minha infância. Assim como Pessoa nos diz que *todo estado de alma é uma paisagem*¹³, poderia dizer que este estado da alma também pode se apresentar como um lugar. O lugar como sendo um espaço privilegiado ao ser, no sentido de que se parece com a mão da criança dada à mãe pelas ruas da cidade: o primeiro referencial de segurança e de pertencimento, a estabilidade espacial num movimento de descoberta do mundo.

O lugar não é só feito por paralelos de latitude e longitude, mas também formado pelas memórias e lembranças, pela imaginação. É a tempestade do interior de um ser que forma a enxurrada de lágrimas nestas ruas tão secas em épocas inverniais, são as dores da alma que se transformam na droga que exala queimando no cachimbo daquele homem, são os desejos, anseios e a solidão deste sujeito que abrem o sorriso daquela puta debruçada no balcão. Estes dois lugares cidade que abrigam inúmeras paisagens são como meu estado de espírito, é onde tento agora espiar meu eu através do espelho das ruas.

¹³ “(...) Isto é, todo o estado de alma não é só representável por uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito”. Fernando Pessoa. Cancioneiro. In: Obra Poética. Rio de Janeiro: Aguillar. 1992.

Assim inspirado por esta cidade interior feita de memórias, que movimenta e desenha o centro da cidade de Campinas de hoje, delimito alguns marcos na tentativa de conduzir um caminhar em busca da multidão. Importante apontar que esta idéia de marco a que me refiro se transmuta durante esta escrita (fundamentando o pensar sobre a idéia de marcas) adquirindo sentidos mais amplos que a idéia de um tipo de referência (um objeto físico) na cidade externa ao observador como nos ensina o urbanismo: como os nomes das ruas, a cúpula de uma igreja, um prédio ou um monumento que possa ser avistado de longe e nos guiar pela cidade. A idéia de marco nesta pesquisa é construída a partir das preferências pessoais de um sujeito, são os lugares considerados atraentes, bonitos, aconchegantes, aqueles espaços que nos remetem a sensações e lembranças, adquirindo um caráter mais de sentido e significado dado e entendido pelas pessoas do que de sua função urbana. Estes marcos de significado, por mais que pareçam superficiais, são também entendidos como lugares que se relacionam e compõe um lugar maior, são como *centros para organizar mundos* (Tuan, 1983, p.200).

Pensando que a escolha deste lugar da pesquisa se deu amparada na cidade que conheci quando criança, lugar que se revela a partir de minhas lembranças como caminhante, o marco objetivo adquire sentido apenas quando buscamos encontrar marcas da memória desta cidade.

A ação do lembrar como encontro na memória de uma vivência da cidade, tentativa que é impulsionada pelo caminhar. Lembrar tentando descobrir as camadas de uma história que foi sendo soterrada pela informação que fui adquirindo neste curto espaço de vida. Informação que se parece com as camadas de asfalto escondendo os trilhos do bonde que por estas ruas circularam e estiveram presentes.

Neste momento, aponto o crepúsculo como sendo um primeiro marco deste lugar, pois o caminhar que lembro agora se dava sempre em finais de tarde, com as luzes que antecedem a noite. Percorrendo, assim, hoje estes percursos feitos em outrora, tento alcançar, através destas ruas, algumas imagens (aqui a idéia de marca como a paisagem começa a adquirir sentido) que me remetessem àquela cidade vivida

na infância: o que encontrei foi uma cidade que se apresentava no caminhar de pessoas em forma de multidão.

Como era esta cidade de Campinas que eu criança havia conhecido foi uma das imagens que guiaram minhas buscas. Refiz estes percursos da criança, e me deparei com lugares já vistos e que acreditava ter presenciado de algum modo. Estas paisagens que reencontro agora seriam marcas da cidade a revelar minhas memórias? Ou seriam marcas a falar da memória da cidade? Algumas imagens começaram a ganhar repercussão como as de um caminhar por entre luzes de fim de tarde que transformavam as sensações de segurança em insegurança, em incerteza, em medo. Talvez esta sensação revivida agora me fizesse entender a importância das pessoas caminharem juntas, em bando: segurança, proteção.

É assim que o crepúsculo nas ruas do centro da cidade de Campinas anuncia o lugar por onde caminho; é um tempo diário e cotidiano, onde encontramos a população adquirindo forma e contorno de multidão, dando alma a estas redondezas e arredores. A multidão destas ruas é o que entendo como a alma da cidade, com a qual almejo o encontro, o encontro condutor da experiência, aquele que se abre como possibilidade diante da troca de olhares entre o observador e o mundo, que pede o tempo do padecer, da permanência, do envolvimento.

Continuarei aqui a falar do lugar da pesquisa, agora partindo de um encontro com este através do que entendo serem suas marcas, estas que poderão ser entendidas como os vestígios da cidade em seu passado, ou resumidamente sua memória.

Estas marcas que nomearei como paisagem se encontram gravadas em nossa alma e no que é exterior a nós, ou no mundo em que habitamos como sujeitos. Algo como uma sobreposição de imagens e tempos num lugar, a serem vistas, sentidas, imaginadas com o corpo e com a alma. São como sedimentos em camadas que compõem uma história, um passado; que ao aflorar poderão ser descobertas pelo olhar do presente, pelo futuro.

Assim proponho neste momento da escrita a falar das marcas que compõem o centro da cidade de Campinas que busco hoje, me remetendo assim às marcas que vi na criança que caminhou por estas ruas: a lembrança de um caminhar durante o entardecer entre uma multidão de pessoas. Multidão, aglomerado de gente, massa, turba, ambas palavras a dizer desta cidade que emerge como marca.

Caminhando hoje por esta cidade entendo que a maioria de suas marcas de história passa despercebida ao olhar apressado. Com uma pausa no movimento, estas começam a se descortinar: seja um detalhe da arquitetura de outro tempo ou camadas de asfalto a cobrir os paralelepípedos, seja a forma e o sentido de algumas vias, seja um casarão desabando como ruína, ou as funções e usos de alguns prédios e ruas, detalhes debaixo de pinturas descascadas, antigos letreiros datados escondidos debaixo de plásticos, lata, luzes.

Esta cidade de hoje se apresenta a mim como confusão, soterra estas marcas com um excesso de informação, confundindo o olhar das pessoas com o que parece ser uma paisagem nova, globalizada, standard, homogênea. Quando vejo esta cidade através de fotografias, ou por meio de meus próprios olhos e pés, chego a crer estar em qualquer outra grande ou média cidade de qualquer lugar do mundo. Onde estariam as brechas para enxergar a cidade das profundidades que a ânsia moderna soterrou? Seria esta cidade parecida com o *lugar da novidade, e, sobretudo do transitório e do já caduco*, uma ruína com seus signos de uma temporalidade devoradora (Gagnebin, 1997, p.159)?

A pausa diante do ritmo e do movimento acelerado poderia ser uma atitude para alcançar uma brecha destas. Caminhando em busca de marcas que me dissessem desta cidade, pude compreender que é o excesso de informações, a velocidade do tempo e a pressa que escondem os lugares de nossas vistas. Talvez, se me deixasse ser levado pelo ritmo que caminham as pessoas, não teria percebido aquela fachada de um antigo palacete de barões com seus frontões e entalhes refletido e ampliado nos espelhos de um edifício situado numa avenida. Surpresa também quando desvencilhado da multidão de passantes e encostado numa parede pude mirar os

muros que margeiam a antiga linha férrea em sua sinuosidade que destoa das avenidas limites em suas linhas retas.

Estas marcas que encontrei se diferem da multidão, pois estão escondidas e só as vemos quando as procuramos quase opacas em meio ao lixo, à sujeira, ao excesso de informação. Não busquei como marca alguns vestígios da cidade antiga que são trazidas à superfície de modo intencional, explícito, evidenciadas como peças de um museu a céu aberto, com a roupagem de patrimônio material, com suas placas de identidade, e um acento de monumento. As marcas de história que tenho perseguido só recebem significado quando encontradas, descobertas pelo olhar do caminhante.

A imagem da multidão adquire clareza nesta busca, sendo a imagem que inspira este caminhar. Não sei se ela é evidente para quem faz parte dela, para as pessoas que caminham e são levadas por seu movimento.

Continuo a buscar estas marcas e tento entender as formas e usos de algumas ruas e lugares. Transpondo o centro desta cidade com meus pés acabo por me ver num tabuleiro de xadrez de suas ruas, num emaranhado de retas e ângulos geométricos¹⁴. O que esta forma me diz da história do centro desta cidade? Seria este quadriculado feito de ruas e avenidas marcas do urbanismo, de um modo de pensar a cidade a partir de um conhecimento racionalista, técnico, expressão de um tipo de intervenção que tentava disciplinarizar e controlar mentes e corpos dos que habitaram esta cidade?

É no interior deste tabuleiro que encontro algumas armadilhas que entendo como caminhos pré-determinados a serem percorridos, repetidas vezes, tediosos, sinalizados por corredores, faixas de pedestre, conduzidos pelo encanto da mercadoria exposta¹⁵. Ruas com objetivos que se impõem ao habitante da cidade para alcançarem o mais rápido possível um destino já traçado: o consumo. São expressões de uma disciplina do “andar correto”, de controle dos habitantes da cidade, justificadas por normas de segurança, de produtividade, de civilidade e cidadania.

¹⁴ Esta área apresentada se delimitava inicialmente a partir de um conjunto de preceitos municipais, representados pelas posturas que normatizavam a ordem pública a ser cumprida pelos munícipes. Amaral Lapa, 1996, p.54.

¹⁵ Sobre este tipo de caminho faço uma referência à imagem do labirinto apresentada por Benjamin, como *o caminho certo para aquele que sempre chega à sua meta. Essa meta é o mercado* (Benjamin, 1995, p.161).

Onde estariam as antigas ruelas, becos, ruas sinuosas e estreitas feitas para o caminhante em seu sonho diurno? Onde estão estas ruazinhas que em certo momento da história foram entendidas como empecilho para o desenvolvimento desta cidade? Estariam estas *ruelas impróprias e destituídas de qualidades*¹⁶ escondidas debaixo de onde?

Acredito que estas ruas rigorosas nos dizem de um processo de normatização¹⁷ da cidade e sua população considerando que as ruas somente seriam aquelas *que fossem traçadas na direção Norte-Sul, ou que fossem travessas na direção leste-oeste*¹⁸. O que vejo hoje ao caminhar no centro desta cidade é o tipo de urbanismo praticado nas reformas modernizadoras de Haussmann no início do Século XIX, em sua busca por uma Paris cidade modelo. Esta cidade funcional que se desenha pela objetividade é a expressão da técnica e dos progressos tecnológicos, sendo aquela bem compassada, ampla e previsível cidade como imagem que apresenta o ideal cartesiano: *ordenada segundo a razão universal e solitária de um único arquiteto-filósofo esclarecido* (Gagnebin, 1997, p.159).

O lugar que tento desenhar é a cidade que abriga as pessoas caminhando em forma de multidão. Um lugar criado em meio às pessoas que caminham e se aglomeram é a imagem que remete à escolha deste centro de Campinas, indo ao encontro de referências visuais da cidade de Paris do início do século XIX. Espaço privilegiado de um personagem caminhante e observador chamado *flâneur*, vivência que o poeta Charles Baudelaire trouxe à força de uma experiência e que me é revelada pelo filósofo Walter Benjamin.

É a partir deste “homem das multidões” e sua cidade expressão da modernidade que encontro, como marca que repercute e inspira, o entardecer com suas luzes em transformação a descortinar os passos de uma população que anda (andou)

¹⁶ Diria um político campineiro que: “As estreitas ruas centrais com suas edificações do século passado representavam então a antítese do progresso” (Badaró, 1996, p.20).

¹⁷ Benjamin diz que o progresso da normatização se deu junto de medidas técnicas utilizadas para amparar o processo administrativo de controle. O autor cita como exemplo a administração napoleônica que desde 1805 tornara obrigatória a numeração das casas proletárias em Paris, como modo de compensar “através de uma múltipla estrutura de registros, a perda de vestígios que acompanha o desaparecimento do ser humano nas massas das cidades grande” (Benjamin, Paris do Segundo Império, p.44).

¹⁸ Tais normas foram estabelecidas pelo Diretor Geral do Povoado Barreto Leme em 1774 num 1º documento urbanístico, que definiria o tamanho das quadras, largura das ruas e a disposição das casas (Badaró, p.20).

apressadamente por calçadas largas da cidade em forma de multidão (Benjamin, 1995, p.34).

Multidão que se torna expressão do viver na cidade moderna e que diz de inúmeras mudanças nas relações sociais onde o ser humano perde seus vestígios da vida privada, seus interesses privados são diluídos. Dada uma massificação do sujeito com sua transformação em força de trabalho, uma mudança nos modos das pessoas se relacionarem umas com as outras. O que impera na grande cidade não são mais as relações pessoais, e sim a indiferença, o isolamento e uma inquietação quanto a estas perdas de identidade.

Esta massificação das relações das pessoas umas com as outras as torna concorrentes, faz com que elas percam suas referências e a segurança de fazer parte de um grupo, integrante de uma família, de uma comunidade. Agora o sujeito tem que se acostumar com sua nova condição de anônimo nas ruas da cidade.

O que ditará sua vida, seus passos e percursos na cidade, seu lazer, a informação, será um tempo acelerado ao encontro do consumo. Esta mercadoria massificada será ofertada em grande escala para atender a demanda dos habitantes das cidades, através de uma nova educação dos sentidos, por meio das normas, dos planos urbanísticos, das regras de conduta que o ensinam um modo de viver metropolitano.

Este novo modo de existir como mercadoria implica na adequação dos gestos e comportamentos dos seres humanos, daí a normatização de seus corpos para atenderem a demanda do mercado: consumir e ser consumido. Uma *racionalização do acaso* que é proposta pela economia mercantil, e que dá *curso livre simultaneamente ao instinto gregário e ao comportamento automático* (Benjamin, IDEM, p.58).

A multidão como marca que reaparece na cidade de hoje, o apagamento do indivíduo que me remete num impulso à idéia de massa: termo quase didático ao me referir e pensar sobre estas aglomerações de pessoas no centro de Campinas.

É a multidão que me faz aproximar da Paris do *flâneur*, e é também o que me faz voltar o olhar para os lugares desta Campinas que hoje a abriga. Estes espaços que caminho agora como o calçadão da rua Treze de Maio e o camelódromo da rua Álvares Machado trazem algumas marcas da cidade da modernidade com seus comércios e a

exposição da mercadoria, a diversidade e as contradições sociais com seus desvalidos, ladrões e prostitutas. São também lugares onde se ainda pode caminhar sem ter que competir com o automóvel.

Continuo a procurar marcas da Campinas anterior, e busco ver uma arquitetura que poderia me remeter às anteriores faces, importâncias, funções e usos destas duas ruas: os imponentes casarões e fachadas em ruínas agora recém “descobertas” pelo patrimônio histórico. Estas paisagens onde tento encontrar algum passado desta cidade deixou de se revelar a mim como marca dado a um excesso de visibilidade, de organização, onde alguns segredos desta cidade tornaram-se explícitos. O passado aqui não mais aparece como algo a ser descoberto, pois ele foi evidenciado, grifado por cores vibrantes e artificiais indicados como patrimônio cultural da cidade¹⁹, caracterizando estas ruas como que se fossem partes de uma cidade cenográfica.

Ruas socialmente importantes que antigamente eram percorridas pelos hoje românticos bondes e pelos novíssimos automóveis, que abrigavam pequenas calçadas onde andar “a pé” era sinônimo de alegria e diversão, que tinham o status de principais vias de ligação do centro desta cidade²⁰, foram transformadas com o tempo pela ação do poder público e privado em grandes calçadas de consumo.

Calçadas fetiche onde hoje sinto a intensidade da multidão se cruzando, desviando e seguindo seus trajetos. As pessoas em seu interior não se encaram, e só param diante dos semáforos, faixas, dos cruzamentos de automóveis e das vitrinas iluminadas. Nunca diante de outra multidão, pois estas se atravessam e continuam a compor uma só forma.

Encontrar a multidão como marca me faz ver que não são somente caminhos os pré-estabelecidos que ditam os seus sentidos. Estando em seu interior, sentindo o esbarrão, o encontro, sendo tocado pelos passantes, compreendo que há uma gama de sentimentos, sensações e sentidos dos mais diversos conduzindo a multidão na subversão destes caminhos racionalizados.

¹⁹ Sobre estas transformações ver as matérias “Transformações marca a história” e “Nos caminhos do passado, o hoje aponta para o futuro”, publicadas no jornal Correio Popular, Memória e preservação, Especial Campinas 232 anos. Julho de 2006.

²⁰ Amaral Lapa, 1996; Hadler, 2007; Santos, 2002 e Uhle, 2006.

Um caminhar que subtrai do que é previsível, um novo desenho do centro desta cidade proposto por estes impulsos que guiam as pessoas. Neste novo desenho da cidade encontro como agentes a alegria ou a felicidade pelo fim de mais um dia de trabalho, a insegurança e o medo originado pela noite que se anuncia, as sensações de não-pertencimento e cansaço causados pelos longos trajetos que ligam o Centro à periferia.

A multidão cria um lugar e uma dinâmica distinta à da cidade organizada. Mesmo prevalecendo o ritmo de inquietude ditado pelos relógios vistos e ouvidos à distância, diversos tempos humanos são criados amparados na distensão do tempo livre que se abre ao final de cada dia de trabalho. Assim buscamos a memória do caminhar na cidade: lugares que ainda acolhem a multidão, as formas e os trajetos que ela imprime.

Além destes calçadões, incluirei neste desenho do centro da cidade de Campinas os terminais e pontos de transporte público, considerando estes como marcos onde encontro um sentido de concentração e dispersão da multidão, espaços onde se inicia ou finda a aglomeração das pessoas. Estes terminais e pontos são também as referências que orientam a maioria dos caminhos pré-estabelecidos no centro. Estes espaços públicos não trazem a mesma marca da passagem descrita pelo *flâneur*, o lugar onde podia encontrar abrigo, se refugiar. Elejo assim o Terminal Central como expressão de uma arquitetura monumental, um lugar feito em concreto e aço para que a multidão circule, amplo para o que é transitório.

Deixaria como uma próxima imagem os lugares do entorno destes terminais. Nestes marcos, é a multidão novamente que apaga qualquer racionalidade imposta pelo lugar. Nestes espaços construídos para o sujeito não se sentir acolhido, surge, como que envolvendo diante de necessidades das pessoas, todo um tipo de comércio, bares, prostíbulos, bailes, inúmeros recantos para o repouso e para a pausa. São nestes espaços, nos quais vejo a multidão convergir e se desagregar em pessoas, que encontro um grupo de moradores de rua a dormir nos poucos e desajeitados bancos de cimento e trabalhadores após o trabalho a tomar cerveja, a ouvir música, a descansar e reencontrar conhecidos.

Retorno ao calçadão da Treze de Maio, seguindo a passos lentos a ladeira que a liga à antiga Estação Ferroviária. Estar neste lugar que é o coração do comércio

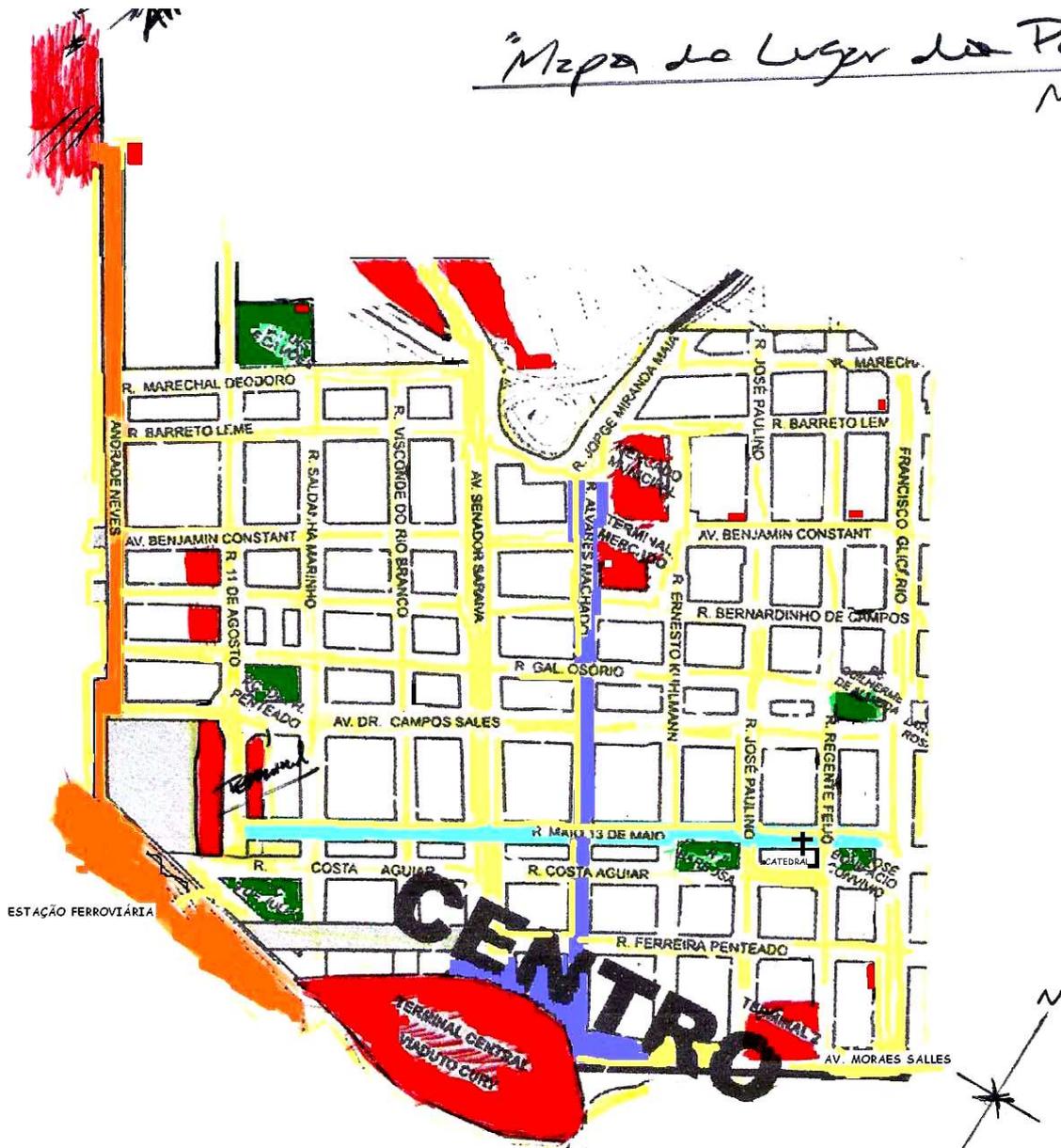
popular da cidade por onde circulam em dias de grande movimento “mais de 300 mil pessoas em um dia²¹”, é estar disposto ao inesperado. Consigo ver com clareza as inúmeras tentativas de resgatar a importância comercial que lhe foi certa um dia, dos tempos que em abrigava os comércios de luxo e de artigos importados providos da Europa e não o dito comércio popular.

Caminhando por estes arredores me deparo com as reformas de embelezamento, saneamento, correção, construindo ali áreas de convivência, renovando o paisagismo e o calçamento, revitalizando as fachadas antigas. E mesmo com tais empreendimentos, tal lugar continua a abrigar uma diversidade de atividades que subvertem estas intenções de organização e higienização propostos pelos comerciantes tradicionais, grandes magazines e pela prefeitura. Continuam ali numa tensa convivência com o comércio, os pregoeiros e seus comércios ditos informais, do churrasquinho e da cerveja, das bancas de frutas, as tendas de discos, os varais e as lonas estendidas a mostrar roupas de marcas famosas. Chega a policia, a fiscalização fazendo alarde, e são vistos com indiferença e repúdio pelos moradores de rua, os catadores de papelão, os esmoleiros, as velhas prostitutas. Os que podem perder seu comércio se dissipam, desaparecem: mais um rapa se anuncia. E os apressados trabalhadores que por ali passam apressados, seguem sem olhar para os lados.

Aqui, anúncio este centro da cidade de Campinas: lugar traçado e grafado na alma do sujeito da pesquisa, no corpo, tendo a multidão, o pôr-do-sol e sua luz a desvelar o movimento das pessoas como um turbilhão que lhe inquieta e seduz a surgir como possibilidade de uma experiência de conhecer o mundo e a si mesmo.

²¹ “Centro é o coração do comércio local: Calçada da 13 de Maio é o eixo que reúne as lojas mais antigas da cidade e por onde passam milhares de pessoas diariamente”. Correio Popular. Especial Campinas 233 anos, p.E 8, 2007.

"Mapa do Lugar da Pesquisa"
Nov/06



- Caminhar da Criança (1988-90)
- Caminhar Hoje (Desde 2005)
- Calçadão
- Terminais de Transporte, pontos...
- Camelôcnio
- Praças

Organização: Pablo Fernandez, 2006.
Base cartográfica: Mapa Turístico Cultural: Campinas 2004.

O caminhar e a experiência

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator na vida das cidades, a rua tem alma!
João do Rio.

Eu digo calma alma minha!
Calminha!
Você tem muito que aprender!
Zeca Baleiro.

Escrevo neste momento sobre o caminhar pelas ruas da cidade como uma vivência corporal e como esta pode se tornar caminho para uma experiência de encontro com o lugar centro da cidade de Campinas.

Assim tento esclarecer estas duas idéias que nortearam esta pesquisa partindo dos conceitos apresentados por Walter Benjamin e presentes em sua escrita sobre Baudelaire. Os conceitos de *Erfahrung* e *Erlebnis*, aqui traduzidos respectivamente como experiência: sendo algo que acontece sem a intervenção da consciência; e vivência: como a experiência vivida, um evento assistido pela consciência.

Erfahrung é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem; o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo. *Erlebnis* é a vivência do indivíduo privado, isolado, é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos (N. do R.T.). (Benjamin, 1995, p.146).

Considero estas noções benjaminianas fundamentais à construção e ao esclarecimento de um caminhar que me guiou nesta pesquisa, mesmo que estas tenham adquirido novos sentidos ou eu tenha usado palavras distintas ao me referir a estas durante a escrita. Esclareço de antemão que estas idéias me conduziram a pensar na experiência com os lugares como um encontro de alma entre o sujeito e o mundo, iniciando assim uma aproximação com os escritos do psicólogo James Hillman e a idéia de *Anima Mundi* (1993).

Entendo que o próprio trajeto percorrido pelos pés adquire uma característica de lugar e uma possibilidade de experiência quando encarado como uma viagem ao desconhecido, quando este é realizado como um desvio dos caminhos objetivos e dos percursos monótonos guiados por placas e sinais.

A vivência do caminhar como desvio da cidade labirinto se apresentará como uma possibilidade quando aquele que caminha não se deixa levar pelo caminho pré-determinado, pensando trajetos, imaginando subversões do que é dado, como o andar em ziguezague a desfazer a avenida retilínea, tentando criar o imprevisto, buscar o encontro com lugares não avistados de longe a dobrar uma esquina de modo fugidio. Esta ação é um modo de estar na cidade e também um modo de olhar para os lugares não indicados pelo urbanista. É também o que impulsiona os encontros como uma pausa diante da aceleração. Vivenciar a cidade através dos pés é o que faço como proposta à pesquisa.

Ir ao encontro do lugar através de um caminhar é modo de apreensão e um jeito de olhar o mundo. Dar a esta ação dos pés um movimento de alma, dando vazão às nossas vontades, desejos, sentires. É dar o sentido de percurso para cada calçada encontrada, é perceber a paisagem interior a partir de um tropeção, é procurar repouso ao sentir a fadiga muscular diante de uma longa avenida (Tuan, 1980).

Diria que o caminhar é um modo de estar no mundo, e, *ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com um nome* (Hillman, 1993, p.53). É um lugar feito no caminhar, ação que lança nossos corpos ao encontro do mundo, vivência que agita todos os sentidos, sensações e percepções corpóreas. A vivência tem algo de tátil, de movimento, abrigando a imaginação, o conhecimento e a alma.

Um caminhar que é realizado como um desvio diante da linha reta, um caminho sinuoso que tem a missão de ir ao encontro da alma dos lugares, como cada paisagem descortinada numa sinuosidade, numa ladeira, numa curva. São imagens mágicas que trazem consigo a surpresa, a revelação, o que se desconhece. Caminhar ao inesperado, como numa viagem, numa travessia onde o sujeito percorre lugares inóspitos.

Ao falar deste caminhar que tenta fugir de regras que entendo como modo de estar no mundo me remeterei a idéia de vivência.

A este caminhar que proponho nesta pesquisa indico como inspiração a vivência do *flâneur*. Não tomarei esta vivência como uma metodologia, uma técnica ou algo a ser reproduzido. O *flâneur*, figura trazida a mim por Walter Benjamin como uma imagem do olhar de Baudelaire para as ruas da Paris da virada do século XIX, é aquele sujeito que se faz estrangeiro em sua própria cidade, é uma vivência da descoberta não só do espaço em que caminha e observa, mas de si, do mundo.

O *flâneur* é aquele que vive a vagar pelas ruas, almejando a partir de uma *vivência do encontro* lançar olhares para a alma da cidade: a multidão que transita pelas ruas. O poeta Baudelaire encarna este personagem e lança-se a uma espécie de choque com a multidão que pode tomá-lo de assalto e guiá-lo. Este poeta busca com esta vivência resgatar a capacidade de enxergar e descrever através de olhos que perderam a *capacidade de olhar* (Benjamin, 1995, p.141).

Baudelaire vive a cidade de Paris com olhos que enxergam através de um *véu agitado que encobre a cidade*, a multidão (idem, p.117). É a Paris da novidade, das inovações e das invenções da técnica: da fotografia ao cinema, dos bondes às intervenções urbanísticas de Haussmann, acontecimentos que anunciam a modernidade e servem de fermento a esta vivência, a cidade como imagem que o desorienta, que o inebria.

Pensaria agora o flâneur a partir de Baudelaire, em seu ensaio intitulado “Sobre a Modernidade”. O poeta apresenta este personagem se referindo ao aquarelista, desenhista e gravador Constantin Guys e sua obra que trata da vida nesta Paris da novidade. C.G., como Baudelaire o chamará em seu texto, é um sujeito enamorado pela multidão e pelo incógnito.



Constantin Guys.

É também um *flâneur*, um observador apaixonado que sente grande prazer ao residir no “numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito”. Um sujeito que quando está fora de casa se sente em casa onde quer que se encontre, é aquele que deseja “ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo”. A multidão é todo um universo para este artista, “e sua alma vive com a alma desse regimento que marcha como se fosse um único animal, altiva imagem de alegria e obediência!” (Baudelaire, 1996, p.20).

Retorno à vivência do flâneur encarnada por Baudelaire e sua busca pelo encontro com a multidão. Benjamin definirá a vivência de solitária de Baudelaire como a do choque, o choque como uma quantidade de estímulos recebidos ao esbarrar e ser arrastado pela multidão, choque que traz ao inebriado a retomada da consciência de existir como mercadoria. (Benjamin, 1995, p.57).

A vivência que proponho hoje por estas ruas campineiras não é entendida como um choque, não intento aparar os choques da multidão. Esta vivência de agora, aquela que trago a esta dissertação, é a de um observador interessado na multidão e seus caminhos, uma vivência de pesquisa.

O instante do choque em meio à multidão para Baudelaire é o que construirá um repertório de imagens que depois, no momento da escrita, pode repercutir e se apresentar como lembrança, dando formas e conteúdos à sua poesia. Diferente do eu

que pensava antes, a experiência em Baudelaire não se dá enquanto caminha nas ruas da cidade, mas sim pode se dar no momento em que escreve sua poesia, na solidão da noite em seu quarto tentando lembrar o que fora vivenciado em meio à multidão.

Este choque se dá ao mesmo tempo quando o flâneur, embriagado pela alma da cidade, tenta se desvencilhar desta lutando para que esta paixão não o desoriente. Daí o esbarrão como um momento onde este personagem consegue retomar a consciência, retornando à sua singularidade para poder narrar o que foi vivido.

A vivência como um movimento de alma conduzido pelos pés, pelo corpo, pelo conhecimento, onde o maior desejo é *emprestar uma alma a esta multidão (...)*. Onde os encontros com ela são para ele a vivência que nunca se cansa de narrar (Benjamin, 1995, p.113).

Voltemos agora o olhar para a idéia de experiência nesta mesma perspectiva e a partir da imagem do flâneur. Meu entendimento sobre a experiência é expresso a partir do encontro de uma alma com a alma do mundo, das coisas que nele habitam, com a alma dos lugares. Partimos da vivência corporal e sensível a um encontro revelador de faces, uma troca de olhares em profundidade quando animamos um mundo inanimado. É quando se dá a intimidade para conhecer e habitar nossas paisagens e lugares exteriores e interiores.

Benjamin dirá que a experiência é fundada: [...] *na transferência de uma forma de reação comum na sociedade humana à relação do inanimado ou da natureza com o homem. Quem é visto, ou acredita estar sendo visto, revida o olhar* (1995, p.139). Esta transferência de olhar da qual Benjamin fala interpreto como sendo o momento em que se dá uma intimidade para a retribuição do olhar entre quem vê com o que foi visto, uma troca de olhares da alma que pode se dar a partir da narração deste encontro que foi vivenciado, sentido.

Este sujeito da experiência se porta como uma superfície sensível onde se imprimem as marcas e acontecimentos do mundo. É onde se inscrevem imagens, se imprimem vestígios e efeitos, um papel onde o mundo escreve seu texto feito de corpo e de alma. É aquele ser exposto às intempéries, é o que se lança ao risco e ao

inesperado, que se coloca aberto à sua própria transformação, é o que se põe como um viajante numa travessia em direção a terras distantes e desconhecidas²².

Desta travessia devemos retomar a importância da narração neste processo de conhecimento de mundo, dado que o expressar o que foi vivenciado nesta grande viagem pode ser o lugar onde pode se dar uma retomada desta troca de olhares entre sujeito e mundo. Olhar novamente para o que foi visto a partir de uma pausa para lembrar, fazer aparecer a alma deste mundo a partir de uma grafia dele próprio: fotografia, escrita, pintura.

Este sujeito que precisa fazer um esforço imaginativo para poder falar do que foi visto, sentido, percebido, e assim lançar olhares para si e para o que viu, encarnará a imagem do esgrimista revelada por Baudelaire. Imagem do ato de narrar a vivência a qual este poeta se refere à experiência de Guys, que na madrugada e na tranquilidade de seu estúdio tenta retomar sua vivência diurna da cidade em uma luta contra o esquecimento:

(...) com seu lápis, sua pena, seu pincel, lançando água do copo até o teto, limpando a pena na camisa, apressando, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, belicoso, mas sozinho e debatendo-se consigo mesmo. E as coisas renascem no papel, naturais e, mais do que belas, singulares e dotadas de uma vida entusiasta como a alma do autor (Baudelaire, 1996, p.23-24).

O nascimento de um novo olhar que pode nos revelar a alma do mundo é a mirada onde a experiência pode se dar, no olhar duas vezes, três, um olhar imaginativo onde o mundo tem alma e pode nos habitar. É quando o adulto vê o mundo com o olhar da criança, como diria o próprio Baudelaire (1996, pp. 17-18), olhar que fala com a imaginação e que ainda tem a capacidade de enxergar e animar a alma do mundo, das coisas, dos lugares²³. O olhar ainda livre dos conceitos, das verdades; conduzido apenas pela curiosidade e pela beleza da descoberta.

²² Gagnebin (1999, p.58) e Larrosa (2001, p. 6-7) apontam que o conceito benjaminiano de Erfahrung (experiência) se derivaria do radical alemão “fahr” que teria o significado literal de viajar, “percorrer, de atravessar uma região durante uma viagem”.

²³ Sendo que: “o mundo se revela em formatos, cores, texturas – uma exposição de formas que se auto-apresentam. Todas as coisas exibem rostos, o mundo não é apenas uma assinatura codificada para ser decifrada em busca do

Tenho ainda dúvidas em relação a como as idéias de vivência e experiência se relacionam com estas narrativas urbanas que trouxe este trabalho. O que estas podem dizer dos encontros com o lugar centro de Campinas? O que estes encontros dizem do amor, do conhecimento, da escrita e da alma do mundo, destes tipos de experiência? Dúvida até saudável, uma vez que a experiência não tem nada de exata, de programada, de planejável.

Tento encontrar respostas, ou melhor, sentidos para estes questionamentos. O que posso dizer é que proponho através do caminhar uma vivência da (e na) cidade, onde tenho buscado o encontro com a alma que habita seus lugares. E é através da fotografia, não a do instantâneo, mas aquela que se assemelharia à esgrima a que se refere Baudelaire ao falar do modo de produzir de C.G. que tento construir imagens para falar das minhas vivências, torná-las experiências transmissíveis.

O que posso dizer é que foi a vivência do caminhar que me conduziu o olhar ao encontro com a alma da cidade, para seus personagens, seus acontecimentos, sua paisagem e seus recantos. Este encontro, que só poderia ter se dado através de uma vivência que deixou marcas, que me lançou de encontro com a cidade e com a multidão, é o que me conduziu a um encontro com o mundo. Movimento não só do corpo, mas da alma, e que me pede para ser dito, falado, expresso. Quanto à experiência, concluirei este trabalho sem mesmo saber se ela aconteceu, se ainda esta por vir. Mas, pensando a partir de Benjamin e de Baudelaire, a experiência pode se apresentar no desejo de traduzir estas vivências. Um desejo maior é o de que estas fotografias, os contos, a escrita da dissertação, sejam vistos como narrativas do encontro, a serem expressões de vivências agora gravadas na alma e na imaginação deste sujeito que por esta cidade caminhou.

significado, mas uma fisionomia para ser encarada. Como formas expressivas, as coisas falam: mostram as configurações que assumem” (Hillman. 1999, p.14-16).



A fotografia como linguagem do caminhante

Antes de falar das fotografias que compõem esta pesquisa, e de como elas podem ser tomadas como obras de uma linguagem que expressa vivências nas ruas deste lugar chamado centro de Campinas, gostaria de lançar um olhar para um tipo de fotografia que chamarei de paisagem urbana. Não pretendo aqui criar mais uma dicotomia, mas reconhecer um tipo de imagem de caráter utilitário, embasada na técnica e na intenção de ser realista ao se falar dos lugares. Não pretendo criticar estes modos de apresentar os lugares, apenas constato que esta tradição de olhar a cidade cria um aprisionamento da imaginação.

No meu entender, esta fotografia realista quando fala dos lugares acaba por reafirmar uma idéia de cidade ordenada, objetiva. O uso da perspectiva²⁴ de modo explícito nestas fotografias cria o mesmo aprisionamento do olhar que as imposições, normas e regras que a cidade racional cria aos seus habitantes.

Deparando-me com estas paisagens urbanas em livros, ou nos arquivos fotográficos sobre esta cidade, encontro como intenção registrar as ações humanas sobre o espaço, documentar as transformações e progressos de uma sociedade dita moderna. As ruas nestas fotografias se apresentariam a partir da arquitetura, das construções civis, dos empreendimentos imobiliários e urbanísticos, revelando um uso da perspectiva, de referências de escala, que chegam a se parecer com o desenho arquitetônico, com o desenho geométrico²⁵.

Desde o surgimento desta fotografia de tradição paisagística que situa-se entre os anos de 1839 a 1880, se buscou a apresentação das ruas e recantos das cidades numa atmosfera real a partir da luz e da sombra, da perspectiva *per angulo* como forma de representar a volumetria das edificações²⁶.

²⁴ Utilizarei aqui a idéia de Milton José de Almeida considerando a perspectiva como sendo: “Aquele aparato intelectual e técnico, pensado como ciência, objetivamente produzido para aprisionar o real, reproduzi-lo e afirmar-se como sua única e competente representação (...)”. Suas linhas tecerão uma malha firme sobre a realidade visual, religiosa e política e oferecerão aos poderes uma caixa de ilusão geométrica para a construção de suas genealogias e mitos” (ALMEIDA, 1999. p.123).

²⁵ Segundo Lima e Carvalho (1997), este estilo foi grandemente utilizado e difundido no período das grandes obras urbanísticas dirigidas pelo administrador francês Haussmann, que transformou Paris entre os anos de 1853 e 1870.

²⁶ Idem.

Esta tradição da paisagem urbana ganha maior visibilidade nos Álbuns Comparativos²⁷, veiculados exclusivamente para testemunhar o progresso de trabalhos de urbanização ou angariar verbas para sua realização. Na maioria destas fotografias nem mesmo se trazia a autoria ou a assinatura dos fotógrafos, pois os créditos ficavam sob a sigla da instituição que encomendara o trabalho.

Assim, procuro encontrar nestas paisagens algo que expressa uma relação do fotógrafo e estes lugares retratados. Onde estariam as intenções do fotógrafo? Por mais que o tempo de realização das fotografias de antigamente fossem mais demoradas, como seria a vivência ou a permanência do fotógrafo nestes lugares? Teria sido o fotógrafo quem imaginou o enquadramento, o ângulo o ponto-de-vista, ou seu padrão ou instituição que encomendara tal paisagem?

Continuo a olhar para estas paisagens em busca de encontrar algum uso pedagógico, político, estético, funcional ou monetário imposto aos lugares da cidade apresentados por esta tradição de olhar. É neste momento que me deparo com fotografias de lugares difundidas de modo massificado no formato das *cartes-de-vue*: estas que dariam origem ao que conhecemos hoje como os cartões-postais²⁸.

Percebo nestas imagens algumas intenções em utilizar a fotografia para adensar um sentido utilitário aos lugares, lugares agora criados para o entretenimento, para o consumo, para ensinar um modo de ver e viver a cidade onde o que permanece é a idéia e o sentido de segurança, de manter a cidade em ordem. Esta situação aponta para a idéia de que para conhecer um lugar, não era mais preciso vivenciá-lo, estar nele, percorrê-lo, pois bastava tê-lo impresso num “papel”.

Um ideal de imagem segura disseminado desde o nascimento da fotografia com o entendimento de que ela conseguia ser a prova de toda uma realidade vista e vivida no instante de sua tomada: uma imagem verdadeira fundada e fundamentada em conhecimentos científicos²⁹.

²⁷ Indicaria assim como um exemplo deste estilo numa cidade brasileira, as paisagens urbanas realizadas por Militão Augusto de Azevedo para o Álbum Comparativo da cidade de São Paulo, onde: “guardada as devidas diferenças no que se refere à qualidade técnica, aproximam-se da produção de Charles Marville” relativa a Paris de Haussmann (Lima e Carvalho 1997, p.100).

²⁸ Segundo Lima e Carvalho (IDEM), os álbuns concebidos em meados do Século XIX, eram coleções encomendadas aos fotógrafos e estúdios fotográficos, e tinham caráter de souvenirs visuais. Versavam de temas como: retratos, eventos sociais e cartões-postais de viagem e urbanos.

²⁹ Étienne Samain, 2004, p. 104.

Estes documentos de lugares tornavam-se um meio por excelência de difundir discursos de progresso, desenvolvimento e civilização³⁰, tal como a idéia de realidade, por meio das Enciclopédias Visuais, das Exposições Universais e da mídia de massa recém surgida³¹. Texto rápido, informação de fácil entendimento, acessíveis a todas as pessoas que habitavam as cidades.

Quanto ao uso destas imagens às vemos sendo utilizadas num processo de educação social e dos sentidos direcionada inicialmente aos habitantes das modernas cidades. Como viver numa cidade implicava um conjunto de normas e regras, a fotografia seria utilizada na massificação de um modo de ser e estar no mundo através dos jornais, almanaques, cartões-postais, enciclopédias, propagandas.

Para os fins da pesquisa que realizei, reconhecer as intenções, estilos e usos destas fotografias como documento foi um primeiro passo na tentativa de produzir fotografias de cidade. Tentar se distanciar da segurança destas paisagens foi uma preocupação diante desta crença de que a fotografia deve ser uma expressão fiel da realidade.

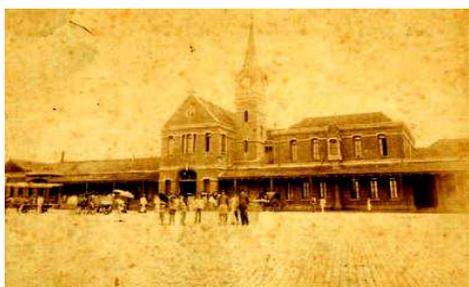
Observo hoje, caminhando por esta cidade, que a finalidade documental da fotografia tem nos acompanhado e nos marcado de muitas maneiras, educando nosso olhar para as cidades. Encontramos cotidianamente marcas disto: elas, fotografias tidas como documentos do real, estão em todas as partes nos dizendo do mundo. Seja num outdoor a expor uma modelo e a moda no tamanho de um prédio, ou num acontecimento visto no jornal. Me deparo com esta crença quando uma pessoa olha para uma fotografia e a considera como a realidade – Veja isto aconteceu, isto está ali mesmo! É assim como se fosse de verdade! A fotografia não mente! Seriam estas falas ouvidas hoje alguns resquícios de uma educação visual de heranças modernas?

Não só estas falas de crença na realidade é que nos diz de um mundo onde a imaginação tem sido submetida ao “real fotográfico”, mas olhando para estas

³⁰ A fotografia neste sentido serviria ao propósito de amparar o Triunfo Burguês através de uma educação visual da modernidade. Sobre este contexto, Étienne Samain diz que: “a fotografia servirá tanto para firmar essa nova identidade social como para fazê-la circular” (p. 97, 2004).

³¹ Para um maior conhecimento sobre este contexto ver Benjamin (Sobre alguns temas em Baudelaire, 1995)

fotografias vejo uma repetição de enquadramentos, tomadas, faces, como imagens que parecem se repetir há décadas ao intentar falar de um determinado lugar.



A Estação Ferroviária e a Avenida Andrade Neves em quatro fotografias: 1903, 1913, 1930 e 2007.
Autores desconhecidos.
Fonte: Pró-Memória de Campinas, consultado em 2007.

Assim quando olho para estas fotografias da avenida Andrade Neves, em especial estas que versam sobre a Estação Ferroviária (lugar que abriga algumas de minhas memórias da infância), sou conduzido a lugares que se repetem. Nada dizem sobre minhas experiências. O relógio que tenho como referência para lembrar se situa no interior deste prédio. Onde encontro o medo, os sentimentos de abandono, de risco que sinto e senti ao caminhar nestas imediações?

Estas fotos me incomodam apresentando o mesmo ponto de vista, tomadas feitas quase do mesmo ponto. O relógio e a torre se equilibram no centro, a segurança ao olhar é dada pelo chão que sustenta tal construção.

Se tomadas por um sentido pedagógico, diria que esta série me diz das transformações materiais deste lugar. Mas só? Na verdade, para além das transformações, o que estas fotos nos mostram é a permanência deste lugar, desta fisionomia urbana. Elas criam e reafirmam a crença no espaço como dimensão da vida que permanece.

Todas as fotografias apresentadas acima se aproximam da cidade objetiva, previsível, controlada. Não encontro nesta série de imagens uma brecha para imaginar tal prédio de outra maneira. Seria o mesmo e único lugar? Este lugar só poderia ser vivenciado a partir deste único ponto de vista? O que estas imagens me dizem de uma massificação dos lugares?

Não proponho nesse trabalho desconsiderar esta fotografia tida como documento, apenas percorro um outro caminho, propondo outras miradas e enquadramentos que falem da alma destes lugares da cidade. Tomo a palavra alma com o sentido dado por James Hillman: ânima, aquilo que nos anima, que mobiliza a imaginação de cada um de nós quando estamos em contato com o mundo. Assim, me aproximo deste autor e da idéia de *Anima Mundi* (palavra derivada do grego) que consistiria na ação de dar alma ao mundo, um encontro, quando:

[...] **o mundo** se revela em formatos, cores, texturas – uma exposição de formas que se auto-apresentam. Todas as coisas exibem rostos, o mundo não é apenas uma assinatura codificada para ser decifrada em busca do significado, mas uma fisionomia para ser encarada. Como formas expressivas, as coisas falam: mostram as configurações que assumem (Hillman. 1999, p. 14-16).

Neste sentido, busco olhar as ruas desta cidade na tentativa de encontrar suas almas, seus rostos, suas fisionomias, algo como um aprofundamento em busca dos detalhes escondidos na dureza da realidade física e objetiva³² que compõe a cidade. Como desvencilhar um olhar tão carregado de informações sem sentido para a maioria das pessoas que vivenciam a cidade? Como criar brechas para olhar para a alma da cidade? Penso que este olhar deva se inspirar no olhar da criança, aquele olhar imaginativo que anima o mundo e devolve sua alma sem pedir nada em troca.

³² OLIVEIRA JR. Wenceslao. Muitas almas para a cidade. p. 74, 1996.

Fotografias de sonho, imaginando os lugares

O Fotógrafo

*Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
(...) Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.*

Manoel de Barros, Ensaios Fotográficos.

Esta linguagem³³, que articulo por meio de fotografias, tenta ser a expressão de vivências em meio à multidão pelas ruas desta cidade e nas memórias do tempo em que eu, criança, percorria estas ruas em fins de tarde com minha mãe.

Em meu diálogo pessoal com o urbano, as fotografias nascem da necessidade em expressar encontros com a alma dos lugares, alma como aquele olhar que nos traz a intimidade, entendo os lugares como uma fisionomia, um rosto que pede a retribuição do olhar. Estes encontros com as coisas que se apresentam no mundo nos dizem de sensações, revelam estados de alma, expressam medos, nos observam e pedem respeito (Hillman, 1993).

Assim entendo esta fotografia, tomada como linguagem, como uma tentativa de encontro com a alma dos lugares, um modo de retribuir o olhar quando o lugar nos permite o enquadramento, a tomada de ângulo.

Começo a pensar que estas imagens não poderiam ser documentos da realidade, pois são imagens que sonho, são interpretações pessoais sobre a cidade, falam de uma subjetividade. Talvez venha daí a intenção de imaginar a dissolução da cidade real, de uma única realidade³⁴. São imagens comprometidas em criar questionamentos, dúvidas, incertezas, conduzindo o leitor à insegurança da errância.

³³ Ampliamos este sentido a partir de Jorge Larrosa (1998, p.156) para quem a linguagem: “não é só expressão de subjetividade e representação da realidade. É também um modo original de experimentar o mundo”.

³⁴ A idéia de criação e dissolução da realidade é de Gianni Vattimo e nos é apresentada por Larrosa (2004, p.153).

Partindo desta preocupação, surgem questões como: qual seria a relação da intervenção proposta pela fotografia aos lugares com a experiência de quem os vivenciam? Teria esta fotografia, editada posteriormente à captação, a capacidade de potencializar as experiências daquele que fotografa, que enquadra, escolhe ou descarta alguns ângulos e pontos de vista? Ou seria uma possibilidade de reinventar a experiência nos dias de hoje?

Nesta escrita o sonho encarna um jeito de ver e de falar do mundo, tentando por meio da fotografia criar imagens que permitam caminhos outros – secretos em sua subjetividade – ao encontro dos lugares. Buscam suscitar uma transformação. Daí um primeiro entendimento de que a intervenção, a manipulação das imagens criando e imaginando outros lugares pode ser um caminho possível na criação de uma linguagem que faça aparecer silhuetas de alguma origem deslocalizadas no tempo e no espaço, para realocá-las diante dos olhos de quem a vê.

Esta linguagem feita de fotografias e intervenções nos aponta para algumas possibilidades em produzir uma narrativa visual onde a fotografia não é pura, não traz a intenção de ser a realidade, sabendo que na fotografia não existe uma pureza, seja discursiva ou ideológica na produção de realidades.

Suscitar a dúvida é a intenção destas fotografias, duvidar da idéia de que existe uma só realidade. Fazer pensar em diversas e múltiplas realidades. Não reafirmar um só modo de estar na cidade e em seus lugares, mas de diversos modos, inúmeros jeitos e posturas, dentre estes o caminhar e suas paradas.

A alma do lugar não se revela diante da pretensão, da impavidez, pois pede a troca de olhares com o sujeito que se dispõe a senti-lo, a encontrá-lo. Falo aqui das imagens desta pesquisa, apresentando seus processos de criação, de encontro com estas imagens e a reescrita destas.

As primeiras aproximações com o lugar que propus fotografar foram se dando nos primeiros meses da escrita do projeto de pesquisa. Surge desta investida os *Primeiros Caminhares...*, um ensaio exploratório que foi realizado durante a delimitação do lugar da pesquisa. Caminhava ainda sem conhecer suas ruas e cantos, tentava

buscar alguma intimidade, segurança, identificando e demarcando trajetos a estas vivências.

Voltando a olhar para este ensaio após sua realização, senti um incômodo com estas fotografias que me fez pensar numa contaminação das leituras sobre o urbanismo, a história e a geografia urbana desta cidade e com o encontro de arquivos fotográficos e cartográficos. Cheguei a pensar que estas leituras me conduziram a olhar a cidade de modo objetivo. Diante desta inquietação repensei a construção dos ensaios seguintes.

Foi neste momento ainda em que me pus a pensar em como se dariam estas *flâneries* antes propostas como Trabalhos de Campo. Estes trajetos deixaram de ser encarados com tamanha disciplina, daí o entendimento de que estes diziam de uma idéia de um caminhar livre, solto, pensando que o ato fotográfico deveria fluir tal como os pés, o corpo.

O segundo ensaio feito nesta pesquisa se intitula *Chuva*, e também tem o sentido de ser exploratório. Foi realizado com uma câmera digital automática com poucos recursos, onde a saída técnica tomada para imprimir as luzes, as águas, os movimentos do fim da tarde (menos luz, mais escuro, nublado), foi regular a câmera com a ASA 100, que é uma sensibilidade para ambientes com mais luz, sem o flash tentando baixar a velocidade do disparo da câmera. Visualizava neste ensaio criar uma grafia de movimentos que poderiam ser apresentados em borrões, rabiscos, desfoques, a falar dos ritmos e ânimos da água. A chuva nestas fotografias se apresenta numa morfologia da cidade: poças se transformando em lagos, sarjetas e ruas se transformando em rios, os prédios e a chuva compondo uma floresta tropical.

Enquanto caminhava e fotografava neste dia de chuva propus não excluir nenhuma imagem capturada. Foram captadas algo em torno de cinquenta imagens, ficando o processo de edição reservado a exclusão e escolha das imagens a serem utilizadas no ensaio. Importante ainda me referir a algumas influências neste momento, como o personagem Marcovaldo de Italo Calvino (1994) e sua busca pela natureza numa cidade industrial, e as imagens da chuva na cidade de Belém apresentadas pelo fotógrafo Luiz Braga (2005).



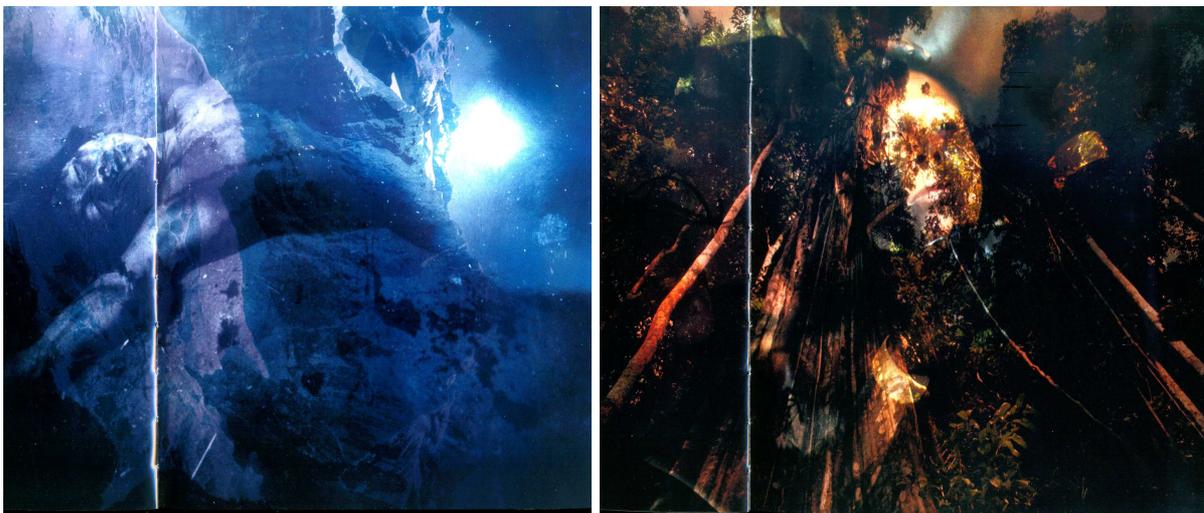
Luiz Braga. *Belém Revelada*.

Os *Sonhos do Caminhante*³⁵ é o ensaio que apresenta as primeiras intenções em manipular diretamente as fotografias, editando-as e aproximando o processo de criação a um modo quase artesanal, como se as fotografias fossem compostas como colagens. Este ensaio é fortemente marcado por um encontro com a obra da fotógrafa Claudia Andujar, em especial com o ensaio *Sonhos* presente no conjunto da *Vulnerabilidade do Ser*. Nesta obra a fotógrafa propõe a manipulação da imagem interferindo nesta com a sobreposição de negativos a cores e PB, criando paisagens e atmosferas onde *transparências são superpostas de modo a gerar uma terceira imagem e um novo conceito*³⁶.

A manipulação da fotografia por meio de um software de edição criou novos momentos ao processo de criação da imagem, não ficando esta só no instante da captura fotográfica e da seleção. Tal movimento criava necessidades de reescrita, de livrar esta imagem da perspectiva, tentar dar a estas imagens espaços para a errância, para a pausa.

³⁵ O ensaio “Sonhos do Caminhante” foi publicado na revista digital Zone Zero na edição de fevereiro de 2007 com o título de “Experiencias caminantes de la ciudad”, nos portfolios em categoria experimental. In: <http://zonezero.com/comunity/portfolios/index.html>.

³⁶ “Ritual e Construção”, texto de Eduardo Brandão e Álvaro Machado. In: *A Vulnerabilidade do Ser*. p.174, 2005.



Claudia Andujar. *Sonhos*

Diria que Claudia Andujar me indicou caminhos na tentativa de burlar as regras da perspectiva, nos modos de confundir as referências de escala, criando uma dúvida diante do que é a realidade. Acredito que estas fotografias nos conduzem à incerteza, ao devaneio, não nos trazem a segurança da imagem documento.

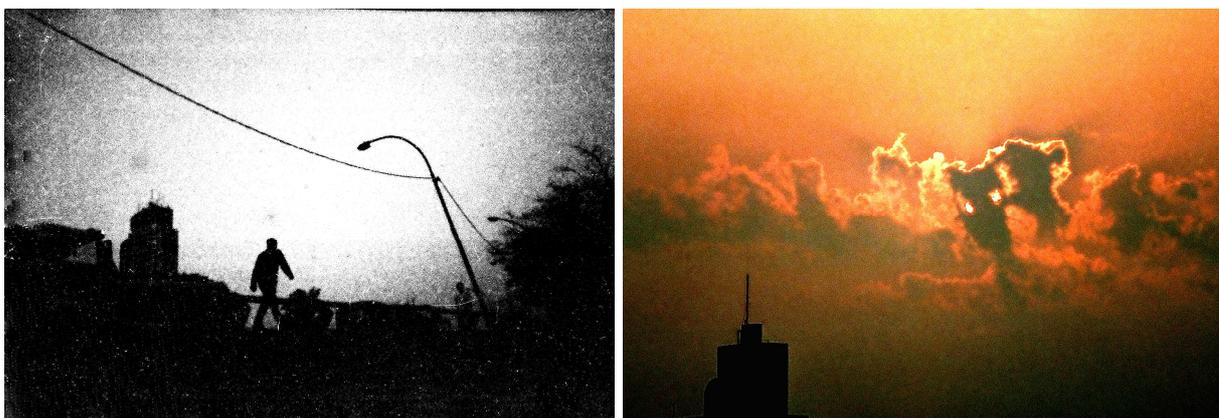
Em sua proposta de uma narrativa sobre o povo Yanomâmi e seus lugares (subjetivos e em sua materialidade) a referida fotógrafa se vale da intervenção nestas imagens para expressar certa relação de transcendência cosmológica deste grupo com a natureza. O trabalho desta autora foi uma marca que impulsionou a realização do ensaio *Sonhos do Caminhante*.

Os seguintes ensaios foram realizados quase ao mesmo tempo, tanto no processo de captura da imagem, quanto na pós-edição. Um destes intitulado *Pontilhão* realizado durante uma tarde sobre o Viaduto Cury, espaço que circunda o Terminal Central. E o outro nomeado *Bar do Dito* que se originou de um fim de tarde vivido neste recanto da Avenida Andrade Neves.

Pontilhão foi iniciado privilegiando uma intervenção no processo de captura da imagem. Esta intervenção se deu com a escolha de um filme PB vencido encontrado num arquivo pessoal que foi utilizado em uma câmera de plástico sem recurso tecnológico algum (lente fixa, sem flash, sem fotômetro). A intenção aqui foi captar a

luminosidade em suas transições de luz, de poeira e de fumaça. Acompanhando tanto as pessoas que por ali transitam diariamente, como as transições das nuvens, do sol durante o entardecer.

O resultado destas imagens foram paisagens carregadas de pontilhados, riscos, sujeiras provenientes do negativo e a expressar a densidade destes céus carregados pela poeira. No momento após a revelação e escolha destes negativos, iniciou-se um segundo procedimento, dado o encontro com alguns negativos coloridos já impressos e esquecidos que revelaram ser de paisagens crepusculares. Após este momento deu-se início a um processo de fusão destas cores com as da série *Pontilhão*, dando origem a novas imagens.



Encontro da série *Pontilhão* com uma paisagem de crepúsculo encontrada no arquivo.

Já o ensaio intitulado *Bar do Dito* traz a intenção e a opção em realizar os retratos de alguns personagens encontrados nestes lugares da cidade. Entre estes personagens está Seo Roberto, uma das primeiras pessoas que encontrei e conversei desde minha chegada ao centro de Campinas. Deste primeiro encontro e após lhe revelar minhas intenções e minhas lembranças de quando criança, disse que se lembrava de mim mesmo com tanta gente que por ali passou. Por que duvidar de suas palavras?

Ao retornar a este lugar que trazia como lembrança, trazia junto a vontade de permanecer, de conversar com as pessoas e as fotografar. Diria que fiquei surpreso com a possibilidade em fotografar as pessoas. Pedindo permissão e falando do trabalho

pude me sentir a vontade, em segurança. Creio que seja esta uma das possibilidades que estes espaços de pausa em meio à multidão trazem.

Quanto ao processo de criação das imagens, tentei fundir a luz ambiente captada em negativo colorido sobrepondo-a aos retratos e detalhes do bar feitos em negativo preto & branco, onde o resultado foi um conjunto de personagens se transformando em paisagens. Estas fusões ainda discretas, pois acabei por utilizar quase que a mesma iluminação nos retratos, me indicam hoje a necessidade de retornar a este lugar.

Olho agora para estes movimentos da edição como um momento de dar uma pausa à imagem, resgatar o encontro com o lugar. Debruçado sobre este arquivo de imagens produzidas e coletadas, pensava nas condições trazidas à criação com o uso de recortes, sobreposições de formas, cores, fusões que se pareciam com minhas idéias e sentimentos. Imagens que se alinhavam e começavam a compor uma linguagem a dizer dos sonhos e sentidos vividos nas ruas desta cidade. Explorar novos enfoques, ressaltar as atmosferas retratadas, pensando no impacto emocional da imagem ao invés de realizar uma documentação.

O momento da edição destas imagens capturadas no caminhar seria o momento forte em pensar numa imagem, numa escrita que fosse expressão de uma experiência com o lugar, momento de reescritas, de tentativa de diálogo entre o caminhante de hoje com o poeta Baudelaire, inspiração como *flâneur*.

Do mesmo modo que Baudelaire em sua esgrima noturna³⁷ tenta quase em vão retomar as imagens vividas no choque de suas vivências na cidade, o fotógrafo tenta o dar visualidade a estas memórias, sentidos e sentimentos vivenciados. A edição é como a pausa de olhar que pedem os lugares, pausa para deixar a imaginação impulsionar o conhecimento e a imagem o tocar. É no momento mesmo que realizo esta escrita fotográfica que tento uma experiência com os lugares vivenciados no entardecer.

Esta fotografia feita em intervenções, manipulada, poderá ser entendida como um caminho paralelo ao daquela fotografia documental, onde quem a faz tenta inserir impressões subjetivas ao tema retratado. É a fotografia que brinca com a realidade,

³⁷ Benjamin, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 1995

com a veracidade, sendo uma forma sutil de tratar de questões humanas, e que a seu modo nos faz refletir, olhar, pensar... no mundo ao nosso redor³⁸.

São imagens que pedem para serem lidas como fábulas, contos, ficções sobre os lugares. Não trazem o conforto e a segurança de uma resposta imediata, pedem que sejam lidas nas entrelinhas, chamam pela imaginação e pelo deixar-se afetar do ouvinte e de quem conta. Assim, compartilhamos neste momento com uma idéia de Pedro Meyer, para quem uma boa fotografia significa um bom poema.

A criação destes lugares busca a expressão de uma imagem que anima, que envolve, sendo aquele encontro que se dá entre um sujeito com o que seria a alma do mundo e das coisas que nele habitam. Encontro que é aquele fundado na troca de olhares entre sujeito e mundo, e que pode se constituir em uma fonte para expressões, linguagem, poesia e troca de saberes.

Esta linguagem se transforma num caminho para que este sujeito possa contar histórias, narrar encontros, se expressar e dialogar com a cidade, suas pessoas e os lugares por meio da imagem. O fotógrafo que se apresenta não se considera apenas um disparador de instantes, mas sim um contador de histórias que pede respeito aos lugares e seus habitantes.

Apresentar alguns personagens que tenho encontrado no centro da cidade, foi o objetivo deste último ensaio proposto à pesquisa, e através deste tentei buscar e revelar alguns de seus lugares e seus sentidos para com estes.

Encontrei durante a realização destes retratos, a inspiração nos rostos e expressões dos Sonhos de Claudia Andujar³⁹, e nos retratos realizados por Nadar na Paris do início do XIX: entre os retratados Baudelaire, Victor Hugo, Zola⁴⁰.

Tentava a partir destas imagens encontradas criar retratos utilizando as técnicas de manipulação da imagem, fundindo retratos realizados em PB, com lugares, paisagens indicados por estas pessoas, como espaços que lhes traga algum significado, tenham algum valor afetivo. Penso que a lente 50mm seja a mais apropriada, devido a necessidade de proximidade entre retratado e quem retrata.

³⁸ Meyer, Pedro, 2006.

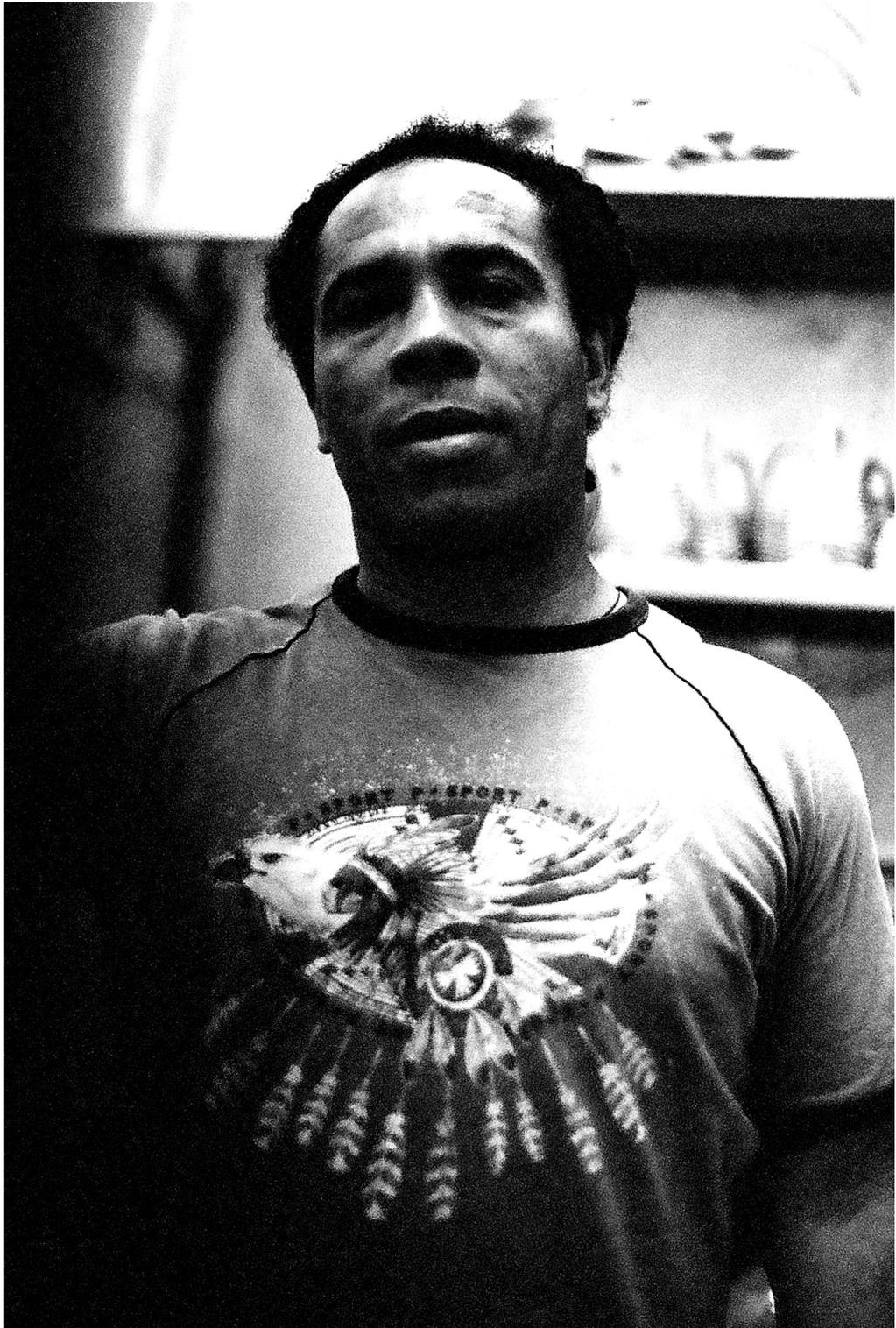
³⁹ Andujar, Claudia. A Vulnerabilidade do Ser, 2005.

⁴⁰ Benjamin, Walter. 1991.

O que acredito como possibilidade a estes encontros, a uma aproximação com estes personagens, são conversas a partir do lugar que eu os encontrar seja em suas atividades cotidianas como o trabalho, o lazer, o caminhar, ou em seus recantos, bares que freqüentam, suas casas, os seus espaços privilegiados.

O centro de Campinas como lugar que abriga diversos universos e identidades, espaço de encontro e de subversão do individualismo, da impessoalidade. Onde estariam estes personagens? Como encontrá-los em seus lugares? Creio ser oportuno a estes encontros e na realização destes retratos propor a captação de sons, falas, situações, que poderia compor uma trilha sonora a acompanhar e criar ambiências à estas imagens.

Os encontros nesta proposta se dão como possibilidade para a realização deste último ensaio. Daí a importância da conversa, da pausa, do pedir permissão e fotografar só quando existir alguma segurança, alguma confiança. O encontro de alma mediado pela câmara, pela lente, quais seriam as possibilidades de retribuição de olhares. Seria talvez o instante da realização do retrato a criação de um lugar?



















Bibliografia

ALMEIDA, Milton José. Cinema, Arte da Cidade. In: **Pro-Posições**. v. 10, n. 1 (28), março de 1999.

----- **Cinema, Arte da Memória**. Campinas: Editores Associados, 1999.

ANDUJAR, Claudia. **A vulnerabilidade do ser**. São Paulo: Cosac&Naify, Pinacoteca do Estado, 2005.

ARANTES, Antonio A. A Guerra dos Lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. In: **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**. n. 23. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. pp. 190-197.

BADARÓ, Ricardo S. Campos. **Campinas**: despontar da modernidade. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.

BARROS, Manoel de. **Ensaios Fotográficos**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

----- **Memórias Inventadas**: A Infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: Notas sobre a fotografia. 8^a ed. Tradução de Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDELAIRE. Charles. **As Flores do Mal** (tradução de Pietro Nasseti). São Paulo: Martin Claret. 2002.

----- **Sobre a Modernidade**: O Pintor da Vida Moderna. Organização de Teixeira Coelho. 3^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

BENJAMIM, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução: José Martins Barbosa e Hemerson Baptista. 3ªed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras Escolhidas, v. 3).

-----. O Narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Obras Escolhidas v.1).

-----. **O Diário de Moscou**. Tradução: Hildegard Herbold. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

-----. Pequena História da Fotografia. In: **Sociologia**. Organizador Flávio R. Kothe. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1991.

-----. **Rua de Mão Única**. Tradução: Rubens R.T. Filho e José C.M. Barbosa. 3ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense. 2000. (Obras Escolhidas, v. 2).

-----. **Passagens**. Organização: Willi Bolle. Colaboração: Olgária Chain F. Matos. Belo Horizonte: Ed.UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas vol. 1**. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998.

BRAGA, Luiz. **Luiz Braga – Fotoportátil vol.1**. São Paulo: Cosac&Naify. 2005.

BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRISSAC PEIXOTO, Nelson. **América: imagens**. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Videofilmes, 1989.

-----. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: SENAC/Marca D'água, 1998, pp. 131-147.

----- e ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Dossiê Walter Benjamin**, Revista USP, n. 15, 1992. pp. 49-75.

CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA. **Especial São Paulo 450 anos**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

----- . **Marcovaldo ou as Estações na Cidade**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANETTI, Elias. **Uma luz em meu ouvido**: história de uma vida, 1921-1931. Tradução de Kurt Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CORREIO POPULAR. **Campinas 232 anos** (Especial). Cadernos: memória e preservação, recursos hídricos, desenvolvimento econômico. Campinas, 14 de julho de 2006.

CORTÁZAR, Julio. **Histórias de cronópios e de famas**. Tradução Gloria Rodríguez. 9ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COSTA, Luciano Bernardino. **Pequena viagem ao grande sertão: fotografia e palavra**. Dissertação (mestrado) – UNICAMP/ Faculdade de Educação. Campinas, SP: s/n, 2001.

CRAVO, Christian. **Salvador**. In: www.christiancravo.com , consultado em 17 de maio de 2005.

DAMATTA, Roberto. A casa, a rua e o trabalho. In: **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira. **Trilha de Imagens Geofotográficas do Ribeirão Cambe: Experiências de Lugar por Águas de Londrina**. Monografia de conclusão de curso (Bacharelado) – UEL / Departamento de Geociências. Londrina, PR, 2004.

FONSECA, Rubem. A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro. In: **Contos Reunidos**. Organização de Bons Schnaideman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

----- . **História e Narração em Walter Benjamin**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva. 1999.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

GOETTERT, Jones Darci. **Lugares, jeitos e sujeitos: corte e recortes da BR-364 acreana**. Rio Branco: EDUFAC, 2005. 241 p. il.

GUYS, Constantin. In: www.culture.gouv.fr , consultado em Janeiro de 2007.

HADLER, Maria Silvia Duarte. **Trilhos de Modernidade: memória e educação urbana dos sentidos**. Tese (Doutorado) – UNICAMP/ Faculdade de Educação. Campinas, SP: s/n, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein (Organização). **Apologia da deriva:** escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAPA, José Roberto Amaral. **A cidade:** Os Cantos e os Antros: Campinas 1850-1900. São Paulo: EDUSP, 1996.

LAROSSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Leituras.** n. 4, julho de 2001.

----- **Pedagogia Profana:** Danças, piruetas e mascaradas. 2ª ed. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica. 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. São Paulo. In: **Tristes Trópicos.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

LIMA, Solange F. e CARVALHO Vânia. **Fotografia e Cidade:** da razão urbana à lógica do consumo. Campinas/SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **A cidade sitiada.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAPA TURÍSTICO DE CAMPINAS. **Conheça Campinas.** 2ª edição. Campinas: Secretaria Municipal de Cultura Esportes e Turismo, 2004.

MATOS, Olgária. O Direito à Paisagem. In: **Olhares sobre a cidade.** Organização de Robert M. Pechman. Rio de Janeiro: EDUFRJ. 1994.

MEYER, Pedro. El pincel de la cámara e Dónde termina la fotografía y comienza la pintura? In: www.zonezero.com. Consultado em Dezembro de 2006.

-----. Entrevista a Jorge Salgado. Revista Eletrônica Digital Universitaria. <http://www.revstaunam.mx/vol.5/num9/ent2/ent2-5.htm>, Vol.5, n.9, ISSN:1607-6079. Consultado em Dezembro de 2006.

-----. www.pedromeyer.com. Consultado em Dezembro de 2006.

MOI, Claudia. A fotografia como um meio de visibilidade das ciências no século XIX. In: <http://www.studium.iar.unicamp.br/18/05.html>, consultado no site no dia 13/11/04.

NASSAR, Raduan. **Menina a caminho e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Claudia. A rua, espaço público como lugar de brincar. In **revista e**. SESC-SP, n.7, ano 13, janeiro de 2007.

OLIVEIRA JR., Wencesláo M. de. **A Cidade (Tele)percebida: em busca da atual imagem do urbano**. Dissertação (mestrado) – UNICAMP/ Faculdade de Educação. Campinas - SP, 1994.

-----. **Chuva de cinema: natureza e culturas urbanas**. Tese (doutorado) - UNICAMP/ Faculdade de Educação. Campinas - SP, 1999.

-----. Muitas almas para a cidade. In: **Caderno CEDES**, n.36, 1996.

-----. Personagens na chuva: dois ensaios a partir do filme Blade Runner. In: **Pro-Posições**. v. 16, n. 2 (47), maio/agosto de 2005.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

-----. **Obra Poética** (volume único). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

-----. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. Seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1993.

PRÓ-MEMÓRIA DE CAMPINAS. In: <http://pro-memoria-de-campinas.blogspot.com> , consultado em Fevereiro de 2007.

RELPH, Edward C. As Bases fenomenológicas da Geografia. **GEOGRAFIA**. Vol. 4, n.7, Abril de 1979, pp.1-25.

RULFO, Juan. **O galo de ouro e outros textos para cinema**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SAMAIN, Étienne. Quando a Fotografia (já) faziam os Antropólogos sonharem: O Jornal La Lumière (1851 – 1860). In: www.scielo.br, consultado em julho de 2006.

SANTOS, Antonio da Costa. **Campinas, das origens ao futuro**: compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí (1732-1992). Campinas: Ed.UNICAMP, 2002 (400 p.).

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: **O Fenômeno Urbano** (organização Gilberto Velho). 4ª ed.. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. Companhia das Letras. s/d.

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da Fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TREVISAN, Dalton. **Desastres do Amor**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

----- **Essas Malditas Mulheres**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

----- **O vampiro de Curitiba**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Record, 1996.

----- **Pão e Sangue**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

----- **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

----- **Paisagens do Medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

TUTELA JURIDICA DA OBRA FOTOGRAFICA E DOS DIREITOS DA IMAGEM. In: www.abrafoto.org . lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

UHLE, Ana Rita. **De casaca ao pé da estação**: história do monumento a Campos Sales. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: UNICAMP, 2006.

ZONE ZERO. Revista Digital de Fotografia. www.zonezero.com.

Discografia

BALEIRO, Zeca. Não tenho tempo. Intérprete Zeca Baleiro. In: Zeca Baleiro. **Vô Imbolá**: MZA, 1999. CD. Faixa 12 (4'16 minutos).

CANDEIA, Antonio e CARTOLA. Preciso me encontrar. Intérprete Cartola. In: Cartola. **O mundo é um moinho**. EMI, 1998. CD. Faixa 5 (3'01 minutos).

LUIS, Pedro. Rap do Real. Intérprete Pedro Luis e a Parede. In: Pedro Luis e a Parede. **É tudo 1 Real**: WEA, 1999. CD. Faixa 1.

SABOTAGE; HELIÃO e GANJAMAN. Um bom lugar. Intérprete Sabotage. In: Sabotage. **Rap é compromisso**: Cosa Nostra, 2001. CD. Faixa 3.

SAMPAIO, Sérgio. Tem que acontecer. Intérprete Zeca Baleiro. In: Zeca Baleiro. **Vô Imbolá**: MZA, 1999. CD. Faixa 9 (3'38 minutos).

VINTRÒB e FERNANDÈZ. Turba. Intérprete Pequeña Orquesta Reincidentes. In: Pequeña Orquesta Reincidentes. **Miguita de Pan**: MonMusique, 2003. CD. Faixa 4. (3'24 minutos).

Filmografia

Madame Satã. Direção de Kairim Ainouz. Brasil: Videofilmes, 2002. 105 minutos. DVD.

O Céu de Lisboa (The Lisbon History). Direção de Win Wenders. Portugal/ Alemanha: Universal, 1994. 99 minutos. DVD

Iconografia

Centro de Memória da Unicamp. Coleções: Geraldo Sesso Júnior, V-8 (anos 40 e 50), Secretaria de Agronomia, Comércio e Obras (1906).